



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL
LINHA DE PESQUISA: TURISMO, CULTURA E DESENVOLVIMENTO
REGIONAL**

ANA CLÁUDIA SANTOS PAPES

A CIDADE TURÍSTICA NA BUSCA DO DESENVOLVIMENTO
Estudo de Caso realizado em Cabaceiras após a inserção do *Projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano*

CAMPINA GRANDE – PB
2011

ANA CLÁUDIA SANTOS PAPES

A CIDADE TURÍSTICA NA BUSCA DO DESENVOLVIMENTO

Estudo de Caso realizado em Cabaceiras após a inserção do *Projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Universidade Federal de Campina Grande, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de mestre.

Orientador: Prof. Dr. João Morais de Sousa

CAMPINA GRANDE – PB
2011

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na sua forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL - UEPB

P214c

Papes, Ana Cláudia Santos.

A cidade turística na busca do desenvolvimento [manuscrito] : estudo de caso realizado em Cabaceiras após a inserção do projeto *Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano* / Ana Cláudia Santos Papes. – 2011.

183 f. : il. color.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional).
Universidade Estadual da Paraíba, Programa de Pós-Graduação e Pesquisa, 2011.

“Orientação: Prof. Dr. João Morais de Sousa,
Universidade Federal Rural de Pernambuco.”

1. Turismo. 2. Desenvolvimento local. 3. Cabaceiras. 4. Projeto THCCP. 5. Cultura regional. I. Título.

21. ed. CDD 338.479

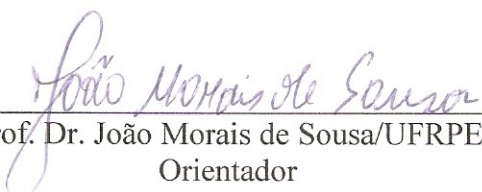
ANA CLÁUDIA SANTOS PAPES


A CIDADE TURÍSTICA NA BUSCA DO DESENVOLVIMENTO

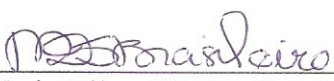
Estudo de Caso realizado em Cabaceiras após a inserção do *Projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano*

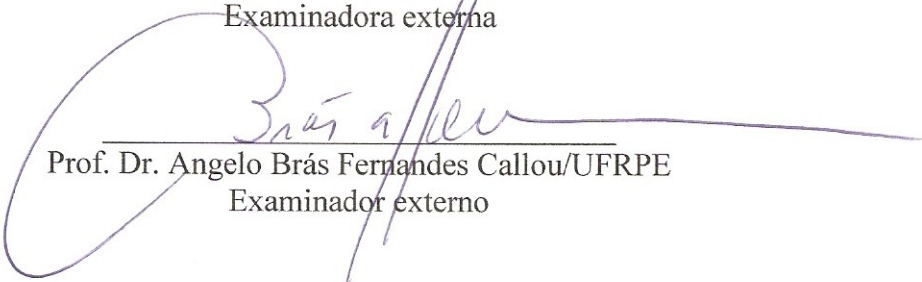
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Universidade Federal de Campina Grande, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Mestre.

Data da Defesa 25/11/2011


Prof. Dr. João Morais de Sousa/UFRPE
Orientador


Prof. Dr. Julio César Cabrera Medina/UEPB
Examinador interno


Profª Drª. Maria Dilma Simões Brasileiro/UFPB
Examinadora externa


Prof. Dr. Angelo Brás Fernandes Callou/UFRPE
Examinador externo

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Alaíde Santos, exemplo de
superação.

Ao meu pai, Claudionor Papes, com quem
aprendi o prazer da leitura.

Ao meu filho, João Gabriel Papes, maior
Amor da minha Vida.

Ao meu marido, Joselino Aguiar de Sena, um
incentivador e adorável companheiro de
viagens.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre à frente de todas as minhas ações.

À jornalista e amiga Helda Suene, por me “apresentar” ao Mestrado em Desenvolvimento Regional.

À minha família, especialmente minha mãe, Alaíde; minha irmã e melhor amiga, Adriana; minha sobrinha, Anna Rafaela; meu marido, Joselino; e meu filho João Gabriel.

Aos professores do mestrado, especialmente à pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa, professora Marcionila Fernandes, por toda a dedicação ao Mestrado em Desenvolvimento Regional da UEPB.

Ao coordenador do MDR, professor Cidoval Morais, parabéns por sua presença e atenção constante aos alunos deste mestrado.

Ao meu orientador, professor João Morais, pelo aprendizado nesses meses de trabalho.

Aos professores Dilma Brasileiro e Julio Cabrera, que, em muito, contribuíram na conclusão desta pesquisa.

Aos professores Lemuel Guerra, Luis Henrique Lima e Jordeana Davi pelo empenho nas aulas dedicadas ao MDR.

À professora Maria Fernanda Nisa Machado, revisora que se transformou em amiga.

Ao amigo e fotojornalista Antônio Ronaldo.

Aos amigos do MDR, pelas contribuições que recebi nestes dois anos do mestrado. Aprendi muito com todos.

Aos amigos e aos companheiros de trabalho, por minhas *muitas* ausências.

Aos moradores e representantes da Prefeitura de Cabaceiras, em especial à Jozineide e ao poeta Paulinho de Cabaceiras.

Aos representantes e assessores do Sebrae Paraíba, Ministério do Turismo e Junta Comercial do Estado da Paraíba.

Imagino o dia em que os ricos se recusarão a fazer fortuna às custas dos pobres e que os pobres deixarão de invejar os ricos. Mesmo no melhor dos mundos, não conseguiremos suprimir as desigualdades, mas podemos e devemos evitar que os seres humanos lutem uns contra os outros e se odeiem.

Mahatma Gandhi

RESUMO

O turismo é, ainda, um campo em que estão encobertas contradições e mitos. Por um lado, há reforços na corrente crítica daqueles que percebem existir, nesta atividade, relações de dominação econômica e submissão das culturas locais aos ditames do mercado. São os que nos fazem questionar se o turismo é, de fato, promotor do desenvolvimento de uma região. Em contrapartida é generosa, e crescente, a lista dos defensores de que este impulsiona a criação de empregos e renda, permitindo-se mobilidade social e melhoria do bem estar das populações. Esta pesquisa apresenta uma análise das repercussões na economia e cultura do município de Cabaceiras, estado da Paraíba, após a inserção do projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano, desenvolvido pelo Sebrae, no triênio 2006/2008, com o objetivo de desenvolver a cadeia produtiva do turismo e cultura. Embora o projeto do Sebrae tenha sido planejado para 31 municípios do Cariri, decidiu-se centralizar esta pesquisa em Cabaceiras, em função de seus potenciais naturais que, desde a década de 1990, atraíram a atenção de turistas e pesquisadores do Brasil e exterior. A abordagem foi qualitativa. Fez-se uma pesquisa descritiva, utilizando o estudo de caso do tipo único, tendo-se como marco temporal o período 2004-2010. A pesquisa foi dividida em duas etapas. Na primeira foi realizada uma análise documental e entrevistas com moradores do lugar da pesquisa, participantes dos processos de implantação ou desenvolvimento do referido projeto. Na segunda, levantaram-se informações na Prefeitura de Cabaceiras, Junta Comercial do Estado da Paraíba (Jucep) e Empresa Paraibana de Turismo (PBTur). Em ambas as fases buscaram-se dados, descrições e análises quanto às mudanças ocorridas, após a inserção do projeto, relacionadas à geração de emprego e renda, demanda turística, valorização da cultura local e infraestrutura turística. Os resultados mostraram que o projeto favoreceu a reunião e organização dos atores do lugar, identificação de novos potenciais turísticos e capacitação da mão de obra. Entretanto, não se perceberam avanços quanto a aumentos no fluxo turístico e número de pessoas ocupadas formalmente em hotelaria. Na infraestrutura, perceberam-se falhas em setores estratégicos para o turismo, como sinalização e estradas. A pesquisa revelou críticas quanto à valorização do patrimônio histórico-cultural, as quais recaíram sobre a brevidade com que as ações foram executadas. Faz-se uma análise positiva do projeto do Sebrae quanto a diagnosticar e indicar oportunidades voltadas à melhoria da atividade turística. No entanto, houve carência de uma gestão mais permanente, capaz de assegurar a presença de toda a população na busca por um desenvolvimento equitativo e mais justo socialmente.

Palavras-chaves: Desenvolvimento, Projeto THCCP, Turismo, Economia, Cultura, Cabaceiras.

ABSTRACT

Tourism is also a field where shrouded contradictions and myths. On the one hand, there are reinforcements in critical chain of those who realize exist, this activity, economic domination and submission relationships of local cultures to the dictates of the market. Are those that make us question whether tourism is, in fact, promoter of the development of a region. On the other hand, is generous, and growing, the list of supporters that this drives the creation of jobs and income, allowing social mobility and improve the well-being of populations. This research presents an analysis of the impact in the economy and culture (d) the municipality of Cabaceiras, Paraíba State, after insertion of Cultural Historic Tourism project in the Cariri Paraibano, developed by Sebrae, in the triennium 2006/2008, with the goal of developing the productive chain of tourism and culture. Although the project of Sebrae has been planned for 31 municipalities of Cariri, Brazil, it was decided to centralize this search in Cabaceiras, according to their natural potential that, since the Decade of 1990, attracted the attention of tourists and researchers from Brazil and abroad. The approach was qualitative. It was a descriptive research, using the case study of single type, having as timeframe the period 2004-2010. The survey was divided into two steps. The first was a documentary analysis and interviews with residents of the place of research, participants of deployment processes or development of that project. In the second, raised-if information in the Prefecture of Cabaceiras, Paraíba State Board of trade (Jucep) and Company Paraíba's desk (PBTur). In both phases, data sought descriptions and analyses to the changes that have occurred, after insertion of the project, related to the generation of employment and income, tourist demand, valuing local culture and tourism infrastructure. The results showed that the project has encouraged the meeting and the organization of actors of the place, identification of new tourist potential and training of manpower. However, it is not realized as advances tourist flow and increases in the number of persons employed formally in hospitality. In infrastructure, realized-if failures in strategic sectors for tourism, as signs and roads. The survey revealed criticism to the appreciation of cultural-historical heritage, which were placed on brevity with which the actions were performed. A positive analysis of project of Sebrae as to diagnose and indicate opportunities focused on the improvement of tourist activity. However, there was lack of a more permanent management, able to ensure the presence of the entire population in the search for an equitable development and socially fairer.

Keywords: Development, Project THCCP, Tourism, Economy, Culture, Cabaceiras.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (FOTOGRAFIAS)

Fotografia 1 - Lajedo de Pai Mateus e Cruzeiro	75
Fotografia 2 - Turistas em visita do Lajedo	75
Fotografia 3 - Lajedo	75
Fotografia 4 - Turistas em visita ao Lajedo	75
Fotografia 5 - Vista do alto do Lajedo.....	75
Fotografia 6 - Monumento Saca de Lã.....	76
Fotografia 7 - Turistas em visita ao Saca de Lã.....	76
Fotografia 8 - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.....	78
Fotografia 9 - Igreja do Rosário e pavilhão em Cabaceiras.....	78
Fotografia 10 - Prefeitura de Cabaceiras.....	78
Fotografia 11 - Construção de 1893.....	78
Fotografia 12 - Festa do Bode Rei 2009.....	79
Fotografia 13 - Imagem do Bode Rei.....	79
Fotografia 14 - Shows na Festa do Bode Rei.....	80
Fotografia 15 - Letreiro <i>Roliúde Nordestina</i> - na chegada do município de Cabaceiras.....	81
Fotografia 16 - Imagem de São Bento.....	82
Fotografia 17 - Cruzeiro ao lado de Igreja – símbolos da religiosidade.....	82
Fotografia 18 - Peças da Arteza fabricadas com couro caprino.....	92
Fotografia 19 - Lixão de Cabaceiras. Entrada sem fiscalização (imagem 1) e áreas internas (imagens 2 e 3).....	144

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES
(FIGURAS)**

Figura 1 - Mapa do Cariri Paraibano: destaque para o município de Cabaceiras.....85

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES
(QUADROS)**

Quadro 1 - Serviços para atender à demanda turística e atrativos turísticos.....	132
Quadro 2 - Trabalhadores em Turismo.....	133
Quadro 3 - Perfil das atividades econômicas: comércio formal e informal & serviços.....	136
Quadro 4 - Dados Gerais.....	139

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Siglas dos Entrevistados.....	71
Tabela 2 – Arrecadação municipal do período 2004-2010.....	135
Tabela 3 – Cadastros ativos e extintos registrados na JUCEP (período 2000- 2010)....	138
Tabela 4 - Infraestrutura Municipal.....	142

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACTs – Atividades Características do Turismo

APA – Área de Preservação Ambiental

ARTEZA - Cooperativa dos Curtidores e Artesãos em Couro do Distrito de Ribeira de Cabaceiras

CMMAD – Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento

CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

CNUMAD - Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento

EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo

FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço

GEOR – Gestão Estratégica Orientada para Resultados

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ISS - Imposto Sobre Serviços

JUCEP – Junta Comercial do Estado da Paraíba

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

MPEs – Micro e Pequenas Empresas

MTur – Ministério do Turismo

OMT – Organização Mundial do Turismo

ONU – Organização das Nações Unidas

PBTur – Empresa Paraibana de Turismo

PIB – Produto Interno Bruto

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PNSB – Pesquisa Nacional de Saneamento Básico

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SENAC – Serviço Nacional do Comércio

SENAI – Serviço Nacional da Indústria

SINGTURPB – Sindicato dos Guias de Turismo do Estado da Paraíba

SIPLAN – Sistema de Informação de Planejamento

SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

THCCP - Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1 DA ORIGEM À LOCALIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO.....	22
1.1 A CRIAÇÃO HISTÓRICA DO DESENVOLVIMENTO.....	22
1.2 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: fato ou utopia?.....	26
1.3 DESENVOLVIMENTO LOCAL: uma possibilidade associada ao global.....	30
CAPÍTULO 2 DA RELAÇÃO ENTRE TURISMO E DESENVOLVIMENTO.....	36
2.1 O TURISMO DOS ÍNDICES E VALORES ECONÔMICOS.....	36
2.2 A HISTÓRIA DO TURISMO TRILHADA PELOS NEGÓCIOS.....	38
2.3 BRASIL E MERCADO TURÍSTICO.....	41
2.4 TURISMO E ECONOMIA: críticas	43
2.5 O TURISMO NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	47
2.5.1 Turismo e Desenvolvimento Local Sustentável: ilusão?.....	51
2.5.1.1 Cadeia produtiva do turismo.....	53
2.5.1.2 Infraestrutura.....	53
2.5.1.3 Patrimônio histórico-cultural para gerações atuais e futuras.....	54
2.5.1.4 Meio ambiente.....	55
2.6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE DESENVOLVIMENTO E CULTURA.....	56
2.6.1 O Turismo Cultural e Sua Contribuição ao Local.....	59
2.6.2 O Ecoturismo.....	64
CAPÍTULO 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	67
3.1 PRIMEIRA ETAPA.....	68
3.2 SEGUNDA ETAPA.....	71
CAPÍTULO 4 CABACEIRAS: o despertar do lugar para o turismo.....	74
4.1 UM MUNICÍPIO E SEUS DIFERENTES POTENCIAIS TURÍSTICOS.....	74
4.2 TERRA ONDE O BODE É REI VIRA CENÁRIO PARA FILMES.....	79
4.3 RELIGIOSIDADE E GASTRONOMIA EXÓTICA.....	81
4.4 BREVE HISTÓRICO DE CABACEIRAS.....	83

4.5 O LOCAL DA PESQUISA: alguns aspectos geográficos.....	84
4.6 O SEBRAE E O INTERESSE PELO TURISMO DO CARIRI.....	86
4.7 O PROJETO TURISMO HISTÓRICO CULTURAL NO CARIRI PARAIBANO.....	92

CAPÍTULO 5 AS REPERCUSSÕES DO PROJETO TURISMO HISTÓRICO CULTURAL NO CARIRI PARAIBANO NO MUNICÍPIO DE CABACEIRAS.....95

5.1 SOBRE A INSERÇÃO DO SEBRAE E SUA METODOLOGIA DE TRABALHO.....	95
5.1.1 O Entusiasmo Inicial.....	95
5.1.2 O Sentimento de Orgulho pelo Lugar.....	101
5.1.3 Formação Cultural ou Promoção Midiática?.....	108
5.1.4 Potencial à Criação de Novos Eventos e Produtos Culturais.....	110
5.1.5 Olhares dos Empreendedores e Trabalhadores do Lugar Turístico.....	115
5.1.6 O Trabalho dos Guias e Condutores de Turismo e suas Visões do Projeto.....	121
5.1.7 O Projeto: benefícios e falhas na visão da comunidade.....	126
5.2 DA INFRAESTRUTURA TURÍSTICA.....	131
5.3 SOBRE FINANÇAS E INFRAESTRUTURA DO LUGAR.....	134
5.3.1 Finanças: arrecadação do período 2004 – 2010 e ISS sobre atividade turística...135	
5.3.2 Da Infraestrutura Geral.....	139

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
REFERÊNCIAS.....	152

APÊNDICES.....	158
Apêndice A: Questionário elaborado para representantes do Sebrae Paraíba.....	159
Apêndice B: Questionário elaborado para entrevistas semi-estruturadas com empresários de hotelaria.....	160
Apêndice C: Questionário elaborado para entrevistas semi-estruturadas com os representantes da Prefeitura de Cabaceiras e Agentes Culturais.....	161
Apêndice D: Questionário para entrevistas semi-estruturadas com Guias / Condutores de Turismo.....	162
Apêndice E: Questionário para entrevistas estruturadas com guias de turismo/condutores locais de turismo.....	163

Apêndice F: Questionário para entrevistas semi-estruturadas com representantes da comunidade.....	164
Apêndice G: Questionário para entrevista semi-estruturada com representante da empresa Rio Doce.....	165
Apêndice H: Questionário para entrevista semi-estruturada com o representante da Arteza.....	166
Apêndice I: Questionário aplicado no Departamento de Obras da Prefeitura de Cabaceiras referentes ao período 2010/2011.....	167
Apêndice J: Questionário para entrevista semi-estruturada com representante do Departamento de Obras da Prefeitura de Cabaceiras.....	168
Apêndice K: Questionário para o representante da Secretaria de Administração e Finanças da Prefeitura de Cabaceiras referentes ao período 2004/2010.....	169
Apêndice L: Questionário aplicado no Departamento de Turismo da Prefeitura de Cabaceiras referentes ao período 2010/2011.....	170
Apêndice M: Notas de Campo.....	171
ANEXOS.....	176
ANEXO A – O PROJETO TURISMO HISTÓRICO CULTURAL.....	177

INTRODUÇÃO

As discussões sobre o tema desenvolvimento têm crescido nos meios acadêmicos nas últimas décadas, especialmente quando os mais críticos começaram a dissociar a relação entre crescimento de uma economia e o desenvolvimento de uma sociedade. Ainda no século passado, instituições governamentais passaram a privilegiar o discurso do desenvolvimento, na perspectiva de associar crescimento econômico à sustentabilidade e bem estar social. Seria um desenvolvimento com produção de riqueza, porém, esta distribuída com equidade. O envolvimento das comunidades na construção desse desenvolvimento mais justo, permitindo-lhes trabalhar como atores e não como peças coadjuvantes, também passou a ser tema em rodas de debates, lideradas tanto por acadêmicos quanto por representantes do Poder Público.

Poucas vezes, entretanto, os discursos se concretizam em práticas. O planejamento de projetos volta-se, quase sempre, para as estatísticas, o que ainda permite beneficiar pequenos grupos e centralizar esse desenvolvimento apenas no contexto econômico. Pouco se analisa das mudanças sócio-culturais, ou seja, de um desenvolvimento pensado *na e para a* sociedade. Buscam-se alcançar números considerados positivos para a conquista desse tão discutido desenvolvimento, cujos debates relacionados tornam-se cada vez mais controversos.

É neste contexto econômico, de pensar o desenvolvimento, que surge o turismo como alternativa viável à promoção de mudanças. Em muitos países, ou mesmo em grandes e pequenas cidades do Brasil, o turismo é apontado por muitos gestores públicos como forma indispensável para se obter crescimento nas arrecadações. A atividade é ainda defendida como solução para a geração de mais empregos e renda, como também para obter melhorias em infraestrutura, capazes de elevar a qualidade de vida dos moradores de uma localidade.

O estímulo a esse crescimento vem, não apenas da mídia, que normalmente apresenta as *benesses* do turismo, mas também das facilidades, criadas pelo mercado, para que populações de menor poder aquisitivo também usufruam do prazer das viagens. A partir de então, planos e projetos, voltados ao turismo, têm surgido, objetivando desenvolver áreas com potencial para esta atividade. Não raro, a maior parte incorre no mesmo erro: privilegiar o viés econômico em detrimento dos aspectos culturais e sociais.

Como diz Paiva (2005), a euforia pelo lucro faz prevalecer as visões econômica e técnica, privilegiando um turismo em termos operacionais e comerciais, baseado no consumo. É essa euforia que faz a cultura de um lugar ser pensada mais como potencial atrativo turístico do que como aspecto a ser valorizado por um povo. Mais grave é quando essa euforia

conquista as pessoas, principalmente moradores de lugares com viabilidade turística, superestimando expectativas de sucesso que, muitas vezes, não podem ser concretizadas.

Não é incomum muitas administrações públicas verem, no turismo, a principal alternativa para elevar suas economias. Não avaliam que, para se fazer turismo, é necessário antes um bom planejamento, em que sejam pensados benefícios e malefícios desta opção. No entanto, são ainda escassas as análises mais críticas desse fenômeno que conquistou o mundo, em especial o mundo consumista do pós II Guerra.

Para conseguir essa visão diferenciada, o presente trabalho objetivou analisar as repercussões ocorridas na economia e cultura do município de Cabaceiras, localizado no interior do estado da Paraíba, após a implantação do projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano (THCCP), desenvolvido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) Paraíba no período 2006/2008¹. Para tanto, foram descritas e analisadas as características e modificações ocorridas quanto à geração de emprego e renda, demanda e sazonalidade turística, valorização da cultura local e infraestrutura turística.

Embora conscientes de que o projeto do Sebrae foi planejado para 31 municípios da região do Cariri, com apoio dos respectivos prefeitos, decidiu-se focalizar esta pesquisa em apenas um: Cabaceiras, localizada no chamado Cariri Oriental, em função de seus potenciais que, desde a década de 1990, atraíram a atenção de turistas e visitantes do Brasil e exterior.

Cabaceiras, com 5.035 habitantes segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) foi escolhida para esta pesquisa por seus potenciais histórico e cultural. Destaca-se a história da formação da cidade, cuja primeira exploração ocorreu em meados do século XVII; a arquitetura de estilo neoclássico; sua gastronomia, baseada na carne caprina; as festas religiosas e populares, a exemplo da Festa de São Bento e a Festa do Bode Rei, respectivamente; além do artesanato, cujas peças fabricadas pela Cooperativa dos Curtidores e Artesãos em Couro do Distrito de Ribeira de Cabaceiras (Arteza), localizada no Distrito de Ribeira, em Cabaceiras, são comercializadas desde os anos de 1990 para o Brasil e exterior.

O município possui ainda potenciais turísticos naturais e conhecidos internacionalmente por suas belezas, apontadas como exóticas e misteriosas: os monumentos, denominados Saca de Lã e Lajedo de Pai Mateus, estão entre os mais conhecidos. O Saca de Lã impressiona os visitantes que veem à sua frente blocos de pedras gigantescas em formatos

¹ O projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano teve início em primeiro de janeiro de 2006 e término em 31 de dezembro de 2008. Portanto, seu período de vigência foi o triênio 2006-2008.

retangulares, colocados uns sobre os outros e formando um imenso paredão de pedras. A visão faz lembrar sacas de lã empilhadas. Daí a origem do nome Saca de Lã.

Já o Lajedo de Pai Mateus é uma formação rochosa que muitos estudiosos defendem ter origem vulcânica e cuja coloração amarelada (devido à presença de fungos) chama a atenção dos visitantes. Lá estão pedras gigantescas e de formatos variados. Algumas parecem mais conchas invertidas. De cima do lajedo, vê-se toda a beleza natural da região.

Para muitos, o lajedo de Pai Mateus, que, segundo contam alguns cabaceirenses, foi habitado por um curandeiro que lá vivia sozinho, é um lugar considerado místico. O exotismo dessas belezas naturais tem atraído, desde a década de 1990, turistas do Brasil e exterior, além de estudiosos e pesquisadores interessados na geologia do local. Outro público é formado por desportistas e amantes da natureza.

O município também desperta o interesse de cinéfilos e produtores cinematográficos e, claro, torna-se potencial para o turismo cinematográfico. Cerca de vinte filmes já foram realizados no município. O primeiro, em 1924, "*A Ferração dos Bodes*". Os mais conhecidos são "*Cinema, Aspirinas e Urubus*", de Marcelo Gomes, seguido do mais popular, até os dias atuais, "*O Auto da Compadecida*", baseado na obra de Ariano Suassuna, e depois "*Romance*", ambos dirigidos por Guel Arraes. Os produtores de cinema buscam o lugar que, além da paisagem atraente, possui uma luminosidade considerada excelente para o trabalho das filmagens.

É por isso que, no entender de representantes da diretoria técnica do Sebrae Paraíba, Cabaceiras já despontava para o turismo, por possuir um potencial natural e um cenário ideal para produção de filmes, além do pólo artesanal. Era um município que já possuía visibilidade turística, com potenciais surgidos antes do próprio projeto THCCP, e que necessitavam, apenas, serem mais bem trabalhados.

Como se não bastasse o cinema, Cabaceiras passou a fazer parte dos cenários utilizados para mais uma telenovela brasileira². Em agosto de 2011, equipes de produção e de filmagem estiveram no Lajedo de Pai Mateus para iniciar os trabalhos. Em entrevista a uma emissora de TV paraibana, um dos diretores da novela, Leandro Neri, confessou que a equipe de produção buscava uma paisagem árida, desértica, e que chegando a Cabaceiras todos ficaram encantados com a beleza do lugar.

² A telenovela citada tem como título *Aquele Beijo*, exibida pela Rede Globo de Televisão em horário noturno, e cuja estréia aconteceu em outubro de 2011.

Para Leandro Neri³, Cabaceiras é um ponto turístico nacional ainda pouco explorado. “Acho que a novela vem até para dar uma alavancada, sabe, porque é um lugar que todo brasileiro tem que conhecer”. O resultado das gravações pôde ser visto na televisão brasileira no início do mês de outubro, do mesmo ano.

É por isso que os recursos naturais e culturais de Cabaceiras, já colocados à disposição e apreciação de turistas e pesquisadores, foram atributos que a fizeram ser reconhecida e divulgada pela mídia. Essas mesmas habilidades a transformaram numa referência para os demais municípios que integrariam a área de atuação desse projeto do Sebrae.

Portanto, com base no exposto, decidiu-se realizar este estudo para responder questões como: a implantação do projeto do Sebrae contribuiu, de fato, para melhorar a cadeia produtiva do turismo e cultura em Cabaceiras? Houve uma real valorização do patrimônio histórico e cultural após a presença do Sebrae? E que resultados foram levados aos empresários e trabalhadores do turismo? Enfim, quais as repercussões na economia e cultura, verificadas no município em estudo, após a inserção do projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano (THCCP)?

Para responder aos questionamentos, decidiu-se fazer uma Pesquisa Descritiva, do tipo Estudo de Caso único. Sem questionar a vocação turística, que é uma realidade em Cabaceiras, ou a seriedade da proposta do Sebrae, a decisão por este estudo deveu-se à necessidade de saber como, ou de que modo, as decisões para implementação do projeto foram tomadas, como as ações foram implementadas e quais os resultados alcançados. Enfim, saber como população e empresários deste lugar foram beneficiados após a inserção do projeto THCCP. Nesse sentido, nossos objetivos específicos foram:

- a) Analisar as repercussões na economia e cultura, do município de Cabaceiras, a partir da fala dos sujeitos que participaram do processo de implantação ou desenvolvimento do projeto THCCP;
- b) Analisar se, após a implantação do projeto THCCP, houve, em Cabaceiras, aumento no número de eventos culturais ou a implantação de novos produtos culturais, conforme previsto nos resultados do mesmo;
- c) Investigar se, por meio do projeto, surgiram novos postos de trabalho em turismo; se cresceu o número de empregos formais na rede hoteleira de Cabaceiras; se houve aumento no fluxo de turistas; se houve alguma evolução no segmento

³ Leandro Neri é diretor da telenovela *Aquele Beijo*. O trecho, em destaque, foi extraído de uma reportagem exibida pela TV Paraíba, afiliada da Rede Globo. A reportagem completa sobre a passagem da equipe de produção da telenovela por Cabaceiras foi exibida em 11/08/2011 e pode ser assistida em <<http://jpb2.paraiba.tv.br/index2.php?vdid=87611&d=2011-08-11>>.

comercial, resultando no aumento dos índices de arrecadação do Imposto Sobre Serviços (ISS), sobre as atividades turísticas;

- d) Mostrar se foram promovidas melhorias na infraestrutura turística, beneficiando turistas e população residente.

Assim, o interesse nesta pesquisa se justifica por proporcionar uma análise do turismo em Cabaceiras, não tomada na percepção do turista ou visitante, mas com base nas falas, compreensões e discursos das pessoas que tiveram uma participação atuante nas fases de introdução, desenvolvimento ou execução do projeto THCCP.

Para a realização deste estudo, considerou-se como marco temporal o período 2004-2010, permitindo-se fazer uma análise considerando dois anos antes e dois anos após a inserção do projeto THCCP em Cabaceiras.

Desta forma, utilizou-se a técnica da entrevista (estruturada e semi-estruturada) com os sujeitos selecionados e participantes desta pesquisa: representantes do Sebrae Paraíba; proprietários de pousadas e hotel; guias de turismo; condutores locais de turismo; agentes culturais; representantes da comunidade e da Prefeitura Municipal de Cabaceiras.

Fez-se ainda um estudo documental, tendo como fonte o projeto THCCP do Sebrae. Outros dados pertencentes à pesquisa, referentes ao comércio local, renda, infraestrutura turística e trabalho no segmento turístico, foram coletados por meio do levantamento de informações junto à Prefeitura Municipal de Cabaceiras, Empresa Paraibana de Turismo (PBTur) e Junta Comercial do Estado da Paraíba (Jucep).

Essa busca por outras fontes teve como meta acrescentar informações à pesquisa, como ainda corroborar com as evidências tomadas a partir da nossa primeira e principal fonte: as entrevistas.

Por tratar-se de uma pesquisa descritiva, cujo principal objetivo está em descrever as características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2002, p. 42) decidiu-se por fazer uma análise descritiva com base nos dados levantados e nas opiniões, crenças e avaliações dos sujeitos participantes deste estudo.

Esta dissertação encontra-se estruturada em cinco capítulos. No primeiro, foram apresentadas as considerações históricas e teóricas sobre o tema desenvolvimento, com desdobramentos em discussões sobre desenvolvimento x subdesenvolvimento, desenvolvimento local e desenvolvimento sustentável.

No segundo capítulo, abordou-se o tema turismo, destacando seu entrelaçamento com a economia e a cultura e suas possíveis contribuições para o desenvolvimento local. Houve ainda enfoques sobre turismo e sustentabilidade e ecoturismo.

No terceiro capítulo, está a descrição da metodologia da pesquisa. No quarto capítulo foi apresentado como o município de Cabaceiras despertou para o turismo e como ocorreu a inserção do Sebrae Paraíba nesse processo. Nele há dados do projeto THCCP e descrições das entrevistas com os representantes da instituição Sebrae.

No quinto capítulo estão os dados referentes ao Estudo de Caso. Nele são apresentados e analisados os resultados desta pesquisa, tomando como base as falas dos sujeitos participantes. O capítulo também apresenta dados sociais, econômicos e da infraestrutura turística do município.

Mesmo não sendo possível generalizar para outras situações os resultados deste Estudo de Caso, uma vez que o mesmo apresenta detalhes de um fenômeno isolado, espera-se que esta pesquisa, cujas conclusões foram embasadas por diferentes olhares dos atores locais, contribua com informações capazes de nortear novos estudos científicos ou planejamentos turísticos mais adequados às particularidades e realidades locais.

CAPÍTULO 1

DA ORIGEM À LOCALIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO

1.1 A CRIAÇÃO HISTÓRICA DO DESENVOLVIMENTO

O que viria a ser *desenvolvimento*? Conforme Ferreira (2010), desenvolvimento é o ato ou efeito de desenvolver-se. Significa ainda crescimento, progresso, aprimoramento. Para o mesmo autor, seria ainda uma série de etapas, acontecimentos ou ações que levariam ao surgimento de algo. Ferreira (2010) faz ainda uma distinção entre o que seriam os desenvolvimentos econômico e sustentável. O primeiro estaria associado ao crescimento da economia, por meio da produção, especialmente quando acompanhado de mudanças sociais mais profundas ou duradouras. Já o sustentável seria aquele capaz de utilizar os recursos naturais de forma racional, possibilitando atender às necessidades humanas do presente, mas sem prejudicar o meio ambiente e gerações futuras.

Na Biologia, o termo desenvolvimento foi associado à evolução dos seres vivos, referindo-se ao processo por meio do qual os organismos atingiam seu potencial genético final. Quando ocorria o contrário, dizia-se que o desenvolvimento não obteve êxito, registrando-se um fracasso nessa evolução; uma anomalia como diz Esteva (2000).

Mas, foi nas Ciências Econômicas que o termo desenvolvimento conseguiu se destacar mundialmente, mais precisamente no período pós II Guerra Mundial, quando os Estados Unidos saíram vencedores frente a uma Europa apontada como “fracassada”. Logo, esta nação se apresentou como modelo a ser seguido por outras que desejavam superar a pobreza.

Esteva (2000) concorda que, à época citada, os Estados Unidos eram uma “máquina produtiva incessante, sendo, indiscutivelmente, o centro do mundo”. Porém, era necessário deixar clara essa posição para o mundo, consolidando sua hegemonia e tornando-a permanente. Para isso, foi criada uma campanha política, e, nada mais apropriado que fazer esse lançamento exatamente na posse do presidente norte americano.

Pode-se dizer que o conceito norte americano do que seria desenvolvimento foi “lançado” como sinônimo de crescimento e progresso em 20 de janeiro de 1949, durante o discurso de posse do presidente americano Harry Truman. Foi a partir desse momento que, segundo Esteva (2000), uma nova era passou a existir para o mundo – uma era que, sem critérios justificáveis, passou a dividir os países em desenvolvidos ou subdesenvolvidos.

Foi ainda nesse período da história que o termo desenvolvimento passou a ser associado à noção de crescimento da economia, priorizando não as pessoas, com suas culturas e tradições distintas, mas os bens e o capital propriamente dito. Esteva (2000, p. 59) ressalta parte desse discurso: “É preciso que nos dediquemos a um programa ousado e moderno que torne nossos avanços científicos e nosso progresso industrial disponíveis para o crescimento e para o progresso de áreas subdesenvolvidas”⁴.

Com a citação “áreas subdesenvolvidas” o então presidente americano fez surgir, no início da segunda metade do século XX, uma desleal divisão mundial entre o que seria subdesenvolvido (que passou a ser a realidade de bilhões de pessoas desde aquela época), e o que seria desenvolvimento, cujo padrão a ser conquistado teria como referência o paradigma americano. O que a História, tradicionalmente, não explica é que, já naquele momento, estava oculto o plano de dominação econômica dos Estados Unidos (ESTEVA, 2000).

O discurso de Truman, ressalta Esteva (2000), conseguiu criar uma nova percepção do “eu” e do “outro” [...] daquele momento em diante bilhões deixaram de ser o que eram antes, em toda sua diversidade e heterogeneidade, e foram transformados em uma imagem inversa da realidade alheia [...] uma imagem que os diminui e os envia para o fim da fila, quando comparados a uma minoria marcada pela homogeneidade (ESTEVA, 2000). Então, a partir do paradigma americano, ser subdesenvolvido passou à representação de inferioridade, estar subordinado, discriminado ou, na melhor das hipóteses, estar em busca do desenvolvimento.

Como destaca Coriolano (2001), antes do impacto da II Guerra Mundial, os países eram classificados conforme critérios culturais, religiosos e geográficos, sendo ainda chamados de civilizados ou não-civilizados, católicos ou não-católicos, orientais ou ocidentais. Uma forma de classificação que mudou a partir dos resultados de uma guerra, que conseguiu transformar a história da humanidade.

Desconsiderando-se as heterogeneidades mundiais, passava-se, mesmo que discretamente, a proposta para que as demais nações seguissem os passos já iniciados pelos Estados Unidos em busca do desenvolvimento. A essa proposta estava atrelada a ideia de um desenvolvimento que poderia ser mundialmente generalizado. Significaria fazer com que todos os países seguissem o modelo americano, padronizado por uma produção industrial jamais vista noutro lugar.

Entretanto, passados pouco mais de 60 anos do discurso de Truman, a busca por um desenvolvimento pautado pelo modelo norte americano, restrito unicamente ao crescimento

⁴ Discurso de Truman. 20 de janeiro de 1949, in *Documentos on American Foreign Relations, Princeton University Press, 1967*

econômico, muitas vezes ignorando questões como igualdade social e meio ambiente, não logrou os resultados esperados pela maioria das nações. Mesmo assim, muitas ainda sacrificam seus povos em tentativas inúteis de copiar os ditos “padrões alheios” numa busca incessante por “esse modelo de desenvolvimento”.

Como destaca Sachs, W. (2000), mesmo o plano norte americano não obtendo sucesso, pelo fato de ser impossível a um mundo cujas nações são heterogêneas e apresentam inúmeras diversidades culturais, o discurso desenvolvimentista, pautado na economia, ainda sobrevive, tanto em discursos oficiais como também no que o autor descreve como “linguagem popular”. Sachs, W. (2000) compara a busca pelo desenvolvimento a um farol que orienta os marinheiros até a praia, sendo que este farol guia as nações do pós II Guerra ao paradigma americano de desenvolvimento.

A questão ecológica é outro fator que impossibilitaria o alcance desse desenvolvimento. Basta ver as crises ambientais em que se encontram países considerados desenvolvidos. Para Sachs, W. (2000, p. 11-12), “governos e cidadãos continuam a manter seus olhos fixos naquela luz que apaga e acende a mesma distância em que sempre esteve [...] no entanto, a luz insiste em recuar, cada vez mais, na escuridão”.

No Brasil, que passou a pautar-se também pelo modelo americano, destacou-se, aqui, o país da segunda metade dos anos 50. O país da Era Juscelino Kubitschek (presidente do Brasil de 1956-1961), dos 50 anos de progresso em 5 anos de governo. A época foi conhecida como de progresso econômico por meio da industrialização, com destaques para a indústria de automóvel; expansão da indústria do aço; abertura de rodovias transregionais, que uniram as regiões; fundação da cidade de Brasília e a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), esta com objetivo de desenvolver a região Nordeste por meio da indústria e agricultura (RODRIGUES, 2011).

À frente da Sudene, estaria um dos mais conhecidos analistas e críticos da temática desenvolvimento x subdesenvolvimento: Celso Furtado. Entre as obras desse economista, selecionou-se, para esta dissertação, *O Mito do Desenvolvimento Econômico* (1981), onde Furtado assegura que, historicamente, ficou evidente que a tutela política americana foi um resultado “natural” do último conflito mundial.

Ainda em *O Mito do Desenvolvimento Econômico*, Furtado (1981) alerta que, praticamente, a maioria da literatura disponível, e tomada como referência no final do século XX, defendia que o desenvolvimento econômico poderia ser universalizado desde que fossem tomadas como parâmetro algumas práticas adotadas pelos países que foram líderes da Revolução Industrial.

Mais grave ainda seria crer que os padrões de consumo de uma minoria, habitante de países altamente industrializados, poderia se tornar acessível às populações que residem em países do chamado mundo subdesenvolvido. Desprezavam-se, à época, as consequências danosas que a busca por esse desenvolvimento causaria nos planos cultural e ambiental (FURTADO, 1981).

Por defender esses pensamentos, Furtado é considerado por muitos como um pioneiro na defesa do meio ambiente, sendo um dos primeiros no mundo a enfatizar sobre a impossibilidade de universalizar todas as formas de vida com as dos moradores de países ricos (CAVALCANTI, 2001). Isso porque “a pressão sobre os recursos não renováveis e a poluição do meio ambiente seriam de tal ordem que o sistema econômico mundial entraria em colapso” (FURTADO, 1981).

Enfim, o previsto pelos defensores do desenvolvimento econômico “a ideia de que os povos pobres podem algum dia desfrutar das formas de vida dos atuais povos ricos” é irrealizável, um mito, como assegura Furtado (1981). Porém, essa visão ainda domina o senso comum, desviando atenções de tarefas mais importantes, como a identificação de necessidades básicas da população e da possibilidade que possuem a ciência e a educação de transformar pessoas em cidadãos mais críticos.

A tendência continua voltada a objetivos os quais Furtado denominou de abstratos, como o investimento e o crescimento (FURTADO, 1981). Depois, o mesmo autor apresentaria sua interpretação sobre o fenômeno do desenvolvimento econômico e o “surgimento” do subdesenvolvimento. Para Furtado (2009, p. 161),

O subdesenvolvimento é, portanto, um processo histórico autônomo, e não uma etapa pela qual tenham, necessariamente, passado as economias que já alcançaram grau superior de desenvolvimento. Para captar a essência do problema das atuais economias subdesenvolvidas necessário se torna levar em conta essa peculiaridade.

Para Coriolano (2003, p. 61), “falar em desenvolvimento significa falar do que se quer, e não do que se vive e do que se tem”. Para a autora, isso faz com que aquele conceito clássico de desenvolvimento seja “fugidio”, porque, quando se fala em desenvolvimento, nunca se fala do que se é agora; sempre há uma referência ao que “vai ser”. Então, é um conceito que não é completo, que não define, que fala sobre algo “inalcançável”, uma vez que se está sempre querendo chegar ao desenvolvimento (cujo paradigma está na forma de viver e

consumir dos países economicamente mais ricos), mas nunca se chega lá (CORIOLANO, 2003).

Sachs, I. (2008) participa dos entendimentos de Furtado e Coriolano, também analisando como “fugidio” o conceito usual de desenvolvimento e destacando que, para obtê-lo adequadamente, é necessário pensar que a busca pelos bens qualitativos é essencial. Numa das obras de Sachs, I., (2008) *Desenvolvimento Includente, Sustentável, Sustentado*, o autor destaca que devem ser enfatizados dois importantes avanços no conceito do termo desenvolvimento.

O primeiro deles, surgido na segunda metade do século passado, quando se deu início às discussões sobre a problemática ambiental, permitiu reconceitualizar o desenvolvimento em termos de ecodesenvolvimento, renomeado tempos depois para desenvolvimento sustentável. Este deveria abranger critérios de viabilidade econômica, mas também de sustentabilidade social e ambiental.

Já o segundo avanço conceitual, segundo Sachs, I. (2008) foi decisivamente influenciado pelos trabalhos de Amartya Sen (2000), que destaca a possibilidade do desenvolvimento ser redefinido em termos da universalização e do exercício efetivo de todos os direitos humanos: políticos, civis e cívicos; econômicos, sociais e culturais; bem como direitos coletivos ao meio ambiente e ao desenvolvimento pensado para a sociedade. As duas reflexões apresentadas por Sachs (2008) reconsideraram o pensar o desenvolvimento, que passa a ser planejado e analisado (muitas vezes apenas na teoria) com vistas sim à promoção econômica, porém, considerando o bem estar social e permitindo que os benefícios conquistados sirvam, também, às populações futuras, preservando a cultura e sem a necessidade de degradação do meio ambiente.

1.2 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: fato ou utopia?

Passada mais de uma década do discurso de Truman, começaram os pensamentos sobre um desenvolvimento mais associado ao homem. Ainda nos anos 60, o Conselho Econômico das Nações Unidas recomendou que as ações voltadas ao desenvolvimento deveriam pautar-se, também, em melhorias qualitativas e não somente quantitativas. Essas indicações significariam melhorias sociais e culturais mais voltadas ao bem estar das populações.

No início da década de 1970, a proposta de sustentabilidade já era discutida na Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, em

1972. A proposta sugeria ser possível crescer economicamente e promover a industrialização sem destruir o meio ambiente. Para Dias (2003, p. 64),

A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano e o relatório do Clube de Roma *Limites do Crescimento* [...] podem ser considerados marcos na reorientação do debate sobre o desenvolvimento em escala global, pelo impacto que causaram, particularmente, nos meios acadêmicos e governamentais.

A Conferência das Nações Unidas serviu ainda de base para, mais adiante, ser definido um conceito sobre desenvolvimento sustentável. Esse conceito foi apresentado em 1987, pela Comissão Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), conhecida como Comissão Brundtland, no relatório *Nosso Futuro Comum (Our Common Future)*, também chamado de Relatório Brundtland.

Nele foram apresentados os princípios de equidade social, que asseguraria às populações o direito de inserção no processo de desenvolvimento; eficiência econômica, cuja gestão dos recursos econômicos deveria garantir um funcionamento eficiente da sociedade; e, por fim, a garantia de segurança ao meio ambiente, que poderia ser obtida por meio da racionalização do consumo, uso de tecnologias limpas e a definição de regras voltadas à proteção ambiental.

Para a Comissão Brundtland, o relatório definiu que a política voltada ao desenvolvimento sustentável deveria atender às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades (CMMAD, 1987). Para Sousa (1994 *apud* ARAÚJO, T., 2000) esse novo conceito de desenvolvimento, proposto pela Comissão Brundtland, deixa explícita a noção de solidariedade, essencial às sociedades e gerações atuais e futuras, no sentido de que seja desenhado um modelo socialmente mais justo de desenvolvimento.

Entretanto, algumas críticas ao conceito (CAVALCANTI (1997); MOREIRA (1999); MONTIBELLER-FILHO (2001); LEFF (1998, 2000, 2001) *apud* CANDIOTTO 2007) residem no fato de a Comissão Brundtland não haver questionado o modelo de desenvolvimento produtivista e a lógica de crescimento econômico ilimitado, que são predominantes no sistema capitalista mundial e beneficiam poucos. Para esses críticos, a estrutura e dinâmica do capitalismo se constituem na principal causa da degradação ambiental e desigualdades sociais (CANDIOTTO, 2007), ou seja, apresentam resultados drásticos que podem ser verificados na exploração da mão de obra e dos recursos naturais.

No início deste século, Rivero (2002) indagou sobre como obter esse tipo de desenvolvimento se, no final do século XX, o então chamado “subdesenvolvimento” ainda era característica da maioria dos países no mundo, assim como o consumo em massa e a degradação ecológica eram resultados do progresso de uma minoria de países.

Cruz (2006) fez apontamentos semelhantes aos destacados por Sousa (1994 *apud* ARAÚJO, T., 2000); Candiotto (2007); Rivero (2002) porém direcionados ao turismo. Para a autora, é interessante questionar “para quem” e “em que sentido” será direcionado esse desenvolvimento sustentável. Na sua avaliação, o desenvolvimento desejado é aquele com base na justiça social, porém, esse não tem sido o direcionamento dos atores sociais que normatizam as regras da política e economia mundial.

Para Lemos; Barros (2007) os termos sustentabilidade e desenvolvimento sustentável são, exaustivamente, utilizados por ambientalistas, empresas, governos e por planejadores nas áreas de economia e política. Porém, até o presente momento, não existe um consenso sobre como controlar o uso do meio ambiente e até onde pode chegar essa busca pelo crescimento econômico. Para os autores, mesmo sendo universalizado, o conceito ainda é impreciso.

Mesmo censurado por muitos estudiosos e críticos da temática sustentabilidade, o relatório *Nosso Futuro Comum* foi tomado como base essencial para debates que aconteceram no Brasil, durante a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), mais conhecida como ECO – 92⁵, realizada no Rio de Janeiro. Nela, o conceito de sustentabilidade e/ou desenvolvimento sustentável passou a ser mais conhecido e a fazer parte de novas reflexões.

Nessa mesma época, o tema sustentabilidade era frequentemente discutido por lideranças mundiais. Para Buarque (2008) a ECO 92 surgiu para firmar a proposta de desenvolvimento sustentável que, a partir de então, deixou de ser um modismo e mobilizou a sociedade mundial para pensar num modelo de desenvolvimento mais justo e comprometido com as gerações futuras.

A partir dessa década, as discussões sobre desenvolvimento x subdesenvolvimento cresceram também nos meios acadêmicos. Aumentaram, em todo o mundo, propostas para a

⁵ ECO 92 – Assim ficou conhecida a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), realizada de 3 a 14 de junho de 1992 no Rio de Janeiro. O seu objetivo principal era buscar meios de conciliar o desenvolvimento sócio-econômico com a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra. Um de seus resultados foi a formulação de documentos muito importantes. Porém, muitos termos desses documentos ainda não foram colocados em prática por tratarem de questões que estabelecem mudanças no comportamento dos países em relação ao meio ambiente. Essas mudanças deveriam ser implementadas tanto pelos países ricos quanto pelos chamados “países em desenvolvimento”. Fonte: IBGE (Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/ecologia/eco92.html>>. Acessado em: 30/03/2011.

operacionalização do conceito de desenvolvimento sustentável. Instituições governamentais, igualmente, passaram a privilegiar discursos sobre como gerenciar esse desenvolvimento sustentável, na perspectiva do crescimento econômico aliado ao bem estar social. Como dito anteriormente, ainda permanecem distorções entre o pensar (discurso) e o executar (prática) um modelo de desenvolvimento destinado à satisfação das necessidades humanas.

No entender de Araújo T. (2000) essa nova proposta de desenvolvimento, com base na sustentabilidade, exige profundas mudanças nos padrões básicos da economia, da própria sociedade e de suas relações com o meio ambiente, o que normalmente provoca grandes dificuldades técnicas, políticas e culturais no momento de sua aplicação. Não há como modificar, num curto espaço de tempo, ações praticadas há décadas. Sendo assim, na visão de Araújo T. (2000, p. 71),

Esse estilo de desenvolvimento, que se apóia nos postulados da equidade social, conservação ambiental e ampliação da base econômica, demanda uma reestruturação do atual modelo predominante, com diferentes níveis de desigualdade social e pobreza, degradação do meio ambiente e ineficiência econômica. Portanto, considerando a rigidez estrutural do modelo econômico e social dominante no Brasil, o desenvolvimento sustentável parece ser um objetivo a ser alcançado no médio e longo prazos, sendo, nesse caso, tratado como um processo e uma meta a serem alcançados no futuro, resultantes da reorientação do estilo de desenvolvimento, enfrentando e redefinindo a base estrutural de organização da economia, da sociedade e das suas relações com o meio ambiente.

Concordando com Araújo T. (2000) está Hermet (2002) para quem o processo de mudança, imprescindível ao que chama de verdadeiro desenvolvimento, deve permitir que a coletividade tenha acesso a um bem-estar maior, retirando do seu próprio meio os recursos que, até então, eram poucos ou sequer utilizados. O autor defende que, embora o crescimento propriamente dito e uma distribuição mais igual das riquezas de uma nação sejam necessários para se chegar a esse bem-estar, para se ter desenvolvimento não basta, apenas, crescer economicamente. É necessário pensar o social.

É por isso que Coriolano (2003) entre outros estudiosos do tema, observa que o grande erro, iniciado no passado mas com ramificações até hoje, sempre esteve no acreditar que o desenvolvimento seria igual ao crescimento da economia. Para a mesma autora, esse crescimento não representa o desenvolvimento de uma sociedade, uma vez que a economia pode crescer, mas o lugar pode não se desenvolver.

Rivero (2002) defende que a inviabilidade econômica não se mede pelo comportamento das exportações ou avaliações sobre o Produto Interno Bruto (PIB), cujos

índices de crescimento ou queda são instáveis, mas por fatores como a evolução da pesquisa científico-tecnológica, aumento da renda pessoal e diminuição contínua da pobreza nacional.

Ainda no século passado, Furtado (1981) argumentava sobre os riscos em perseguir, a qualquer custo, taxas de crescimento pautadas em modelos externos. O ideal seria analisar, antes da tomada de decisões, quais meios seriam mais ecologicamente corretos ou sustentáveis. Para Furtado (1981, p. 74),

A nova orientação do desenvolvimento teria que ser num sentido muito mais igualitário, favorecendo as formas coletivas de consumo e reduzindo o desperdício provocado pela extrema diversificação dos atuais padrões de consumo privado dos grupos privilegiados. Nesta hipótese, a pressão sobre os recursos muito provavelmente se reduziria.

A exemplo de Furtado (1981), Coriolano (2001) assevera que o desenvolvimento não deveria se referir apenas à economia ou estar associado ao padrão burguês. Ela acredita que lugares podem ser considerados desenvolvidos mesmo sem o luxo e a tecnologia avançada, mas apenas por apresentarem condições dignas de vida aos cidadãos, bom nível de educação e uma produção de riqueza partilhada de forma mais solidária. Isso faria com que a economia fosse tomada em função do desenvolvimento. No entanto, promover esse desenvolvimento, centrado no homem, ainda é um dos maiores desafios da sociedade.

Autores, como Coriolano acreditam que esse desenvolvimento pode estar localizado em pequenas regiões, em pequenas localidades, onde algumas preocupações com o ser humano e a preservação de sua tradição ou cultura podem se sobressair em relação aos índices da economia. É aquele desenvolvimento mais preocupado com o lado humano, em que o ser ou sentir-se é mais valorizado que o possuir.

A visão de Buarque (2008) assim como de outros pensadores da temática, vai ao encontro de Coriolano. Contudo, esses defendem que, para ocorrer esse desenvolvimento local, é necessário haver uma associação com outras economias e outras sociedades, permitindo um intercâmbio de informações, como também de suas produções.

1.3 DESENVOLVIMENTO LOCAL: uma possibilidade associada ao global

A essa nova orientação de desenvolvimento, que busca avanços econômicos em consonância com o bem estar da sociedade, associaram-se conceitos como os de desenvolvimento local e/ou desenvolvimento na escala humana. Independente da

terminologia adotada, a proposta seria promover um desenvolvimento, valorizando as potencialidades locais, voltado às pessoas dessa localidade e com a participação das mesmas na construção de melhorias financeiras e sociais.

Esteva (2000) em *Dicionário do Desenvolvimento*, cita autores como Stavenhagen, que chegaram a propor o etnodesenvolvimento ou desenvolvimento com autoconfiança, na certeza de que é necessário “olhar para dentro” e “buscar nossa própria cultura” ao invés de utilizar visões alheias, emprestadas.

Mantendo essa visão, o mesmo autor destaca ainda Jimoh Omo-Fadaka, que sugere um “desenvolvimento de baixo para cima”, na perspectiva de que todas as estratégias, baseadas num “desenvolvimento de cima para baixo”, não conseguiram alcançar os objetivos formulados. Numa perspectiva bem atual, estavam Orlando Fals-Borda e Anisur Rahman, que insistem num desenvolvimento participativo, já cientes das exclusões feitas ao longo de décadas em nome do desenvolvimento (ESTEVA, 2000).

Esse desenvolvimento também chamado de “mais humano” se constitui, segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 1998) *apud* BUARQUE, (2008) na possibilidade de promover, de forma igualitária, melhorias nas áreas de educação, saúde, habitação, meio ambiente e infraestrutura, além de outras, oferecendo às pessoas melhores condições de vida e lhes permitindo participar nas decisões que influenciarão as suas vidas.

Porém, pautar o desenvolvimento na escala humana, com a valorização dos atores locais e suas potencialidades, não significa estar separado do processo de globalização. Pelo contrário. Autores defendem que, somente em sintonia com as mudanças ocorridas no mundo, um processo de desenvolvimento local terá mais chances de ser concretizado. Na avaliação de Buarque (2008, p. 31) “[...] desenvolvimento local não pode ser confundido com o isolamento da localidade e seu distanciamento dos processos globais; ao contrário, a abertura para os processos externos é um fator de propagação e estímulo à inovação local”.

O mesmo Buarque (2008) acredita que o desenvolvimento local é um processo endógeno de mudança, que incentiva melhorias econômicas e o bem estar da população em localidades de pequena área territorial e com número reduzido de habitantes. Mas, para atender às propostas de sustentabilidade, conforme o apresentado pela Comissão Brundtland, é preciso estimular os potenciais locais que permitam elevar a economia de determinada região, assegurando a conservação do meio ambiente.

Por outro lado, há uma corrente crítica ao conceito de desenvolvimento local. Para estes, é necessário considerar algumas contradições que não são levadas a discussões mais

profundas, mascarando questões inerentes a esta associação. Os críticos asseveram não ser possível trabalhar o local, associado ao global, desprezando alguns interesses dominantes do mercado⁶. “No tempo presente, vincular-se ao mercado significa ser coerente com o ideário da globalização e com a política neoliberal e, por consequência, com a descentralização da produção e a concentração do capital” (TAVARES, M. *apud* VIEIRA; AMARAL, 2008, p. 32-33). Na avaliação da autora, essas ocorrências culminariam em prejuízos constatados nas relações trabalhistas, salariais e comerciais, normalmente em prejuízo aos menores.

A associação local x global pode, ainda, causar danos a cultura da comunidade anfitriã, em especial as localizadas em regiões menores e mais pobres em recursos financeiros. Os riscos recaem sobre possíveis descaracterizações da própria cultura local, muitas vezes executadas para adequação aos modelos de consumo mundial. Daí a necessidade de políticas públicas e ações mais bem planejadas e pensadas em conformidade com a realidade local.

No Brasil, essa “redescoberta” do local ocorre na década de 1980, quando se percebem aumentos nos índices de desemprego, carências político-sociais e degradações ambientais e na qualidade de vida (CORIOLANO, 1998). Historicamente, podemos dizer que as bases do que seria tratado como desenvolvimento local foram lançadas ainda nos anos de 1970. Mesma década em que as Nações Unidas estabeleceram que as políticas e programas de desenvolvimento deveriam, em todo o mundo, integrar suas atenções tanto na esfera econômica quanto na social.

Segundo Tavares H. (2011) essa mesma década foi marcada por crises no modelo fordista de produção em massa⁷ que resultaram num forte componente de recessão mundial. Rapidamente se percebeu a necessidade de mudanças para políticas mais flexíveis na área trabalhista, inclusive com relação às normas do trabalho.

Também, nesse período, foram conhecidas experiências administrativas de sucesso em regiões distantes dos grandes centros urbanos mundiais. Um dos exemplos mais conhecidos é

⁶ Por mercado entende-se uma situação em que há o contato entre compradores e vendedores em potencial. Isso ocorre nas relações comerciais, até mesmo nas de serviços, onde o turismo está inserido.

⁷ Modelo Fordista - Idealizado pelo empresário estadunidense Henry Ford (1863-1947), fundador da Ford Motor *Company*, o Fordismo é um modelo de produção em massa que revolucionou a indústria automobilística a partir de 1914. Ford introduziu a primeira linha de montagem automatizada. Veículos eram montados em esteiras rolantes que se movimentavam, enquanto o operário ficava praticamente parado, realizando pequenas etapas da produção. Essa mudança dispensou processos de qualificação dos trabalhadores. A proposta era padronizar produtos e fabricá-los em larga escala, reduzindo custos da produção, contrabalançando-os pelo aumento do consumo. Isto elevaria a renda em função do aumento das vendas e dos lucros empresariais. Ford ficou conhecido por criar o mercado de massa para automóveis. Sua obsessão era tornar o automóvel tão barato que todos poderiam comprá-lo. Porém, mesmo diminuindo os custos de produção, o sonho de Ford permaneceu distante da maioria da população. Fonte: PINTO, Geraldo Augusto. *A organização do trabalho no século 20: taylorismo, fordismo e toyotismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

o da Terceira Itália⁸ onde, na mesma época de recessão mundial, algumas cidades conseguiram elevar seus índices de crescimento a partir da criação dos primeiros distritos industriais.

Nessa região italiana, empresas de pequeno, médio e grande porte se reuniram, atuando em parcerias e com bases na confiança e cooperação conjuntas. Entre as estratégias deste novo modelo, estavam a inovação contínua e a utilização de métodos flexíveis de produção.

Para Tavares H. (2011) autores como Piore e Sabel (1984) apresentaram a Terceira Itália como a mais avançada forma de economia e sociedade. Ele ressalta que outros destacados nomes da academia reforçaram esse mesmo discurso, afirmando serem inviáveis as formas de desenvolvimento, propostas e conduzidas até aquele momento.

Ainda Tavares H. (2011, p. 57) salienta que “essa estratégia, por eles denominada “a partir do alto” deveria ser substituída por uma estratégia oposta, “a partir de baixo”. Isto significaria abandonar a ideia de copiar modelos de “desenvolvimento” dos chamados “países avançados” e se valer dos meios locais. Surgia, assim, a expressão desenvolvimento local ou endógeno”.

Deu-se início, então, ao que podemos denominar de descentralização dos então chamados *locus* de desenvolvimento, a partir da constatação de experiências de sucesso em regiões distantes. Uma das principais constatações desse “novo” modelo de desenvolvimento, que focaliza ações tomadas “a partir de baixo”, é a possível abertura na tomada de decisões.

Essa mudança permitiria que a comunidade local, ou atores locais, escolhesse o destino de suas economias com decisões que valorizassem os potenciais originais da localidade. É um modelo diferente do planejado de “cima para baixo”, cujas decisões, planejamentos e intervenções partem da instituição maior – Governo ou Estado Nacional. Tavares H. (2011, p. 52) assevera: “Defendemos o ponto de vista de que no momento atual inexistem razões objetivas que condicionem o país a adotar a mesma estratégia de desenvolvimento regional que predomina nos países economicamente desenvolvidos”.

O mesmo autor destaca que muitos países chamados “de centro” perceberam, ao longo da história, vantagens na adoção de planejamentos e ações que valorizam o local em relação ao global. Essa nova proposta, que “evidencia a substituição das abordagens macro pelas abordagens micro espaciais vem sendo recomendada a países como o Brasil” (TAVARES,

⁸ Terceira Itália – Compreende a região onde se localizam Milão, Turim, Bolonha, Florença, Ancona, Veneza, Modena e Gênova.

2011). Seria a valorização do local em relação ao global, contrariamente às propostas anteriores de desenvolvimento.

Nestas propostas de desenvolvimento local, sugere-se a possibilidade de o próprio município, e mais precisamente das pessoas que nele residem, tomarem o poder de decisão, ou pelo menos de discussão e apresentação de suas propostas de melhorias, sempre voltadas às potencialidades da localidade onde moram. Essa proximidade com a população ganhou força a partir dos anos 80.

No Brasil, como destaca Ultramari (2009), a própria Constituição Federal de 1988 concedeu maior autonomia aos municípios brasileiros, permitindo aos seus governantes desenvolver ações capazes de beneficiar a realidade das próprias sociedades. Para os municípios, isso representava, naquele momento, a possibilidade de ordenar seus próprios territórios.

Tavares M. (2008, p. 36) aponta que, sob essa mesma inspiração, o Sebrae deu início a estratégias de atuação, voltadas para o desenvolvimento local, que tinham por base conceitos como os de “capitais social e humano, cooperação, território, governança e inclusão”, os quais Tavares M. considera uma composição “complexa e questionável que une aglomerados produtivos”.

Ainda Tavares M. (2008, p. 42) assegura:

ora, se, de fato, o empenho de uma população pode conduzir uma região ao desenvolvimento econômico e social, significa dizer, que motivadas pelas mesmas aspirações, todas as regiões poderiam alcançar o desenvolvimento econômico e social constatado na experiência italiana [...] contudo, não é o que aponta a realidade.

Para alguns autores, são aspectos que merecem uma análise mais profunda, visto que o sucesso de uma ação espontânea (neste caso, a Terceira Itália) nem sempre pode servir como parâmetro a ser seguido por outros que buscam o êxito em suas áreas. Uma das principais preocupações em pautar-se sobre este modelo de cooperação reside, especialmente, nas propostas de flexibilização em algumas das regras trabalhistas e comerciais.

Muitas vezes, essas flexibilizações ou permissões acabam por reduzir algumas conquistas de trabalhadores (a exemplo das horas extras/salários), permitindo que algumas avaliações sobre melhorias sociais sejam pautadas, somente, por números ou índices econômicos que reúnem, indiscriminadamente, resultados de atividades trabalhistas formais e

informais. No caso das estruturas informais de emprego percebe-se, via de regra, o uso massivo de horas suplementares e a prática do trabalho domiciliar.

Para autores como Rivero (2002) e Ouriques (2005) essa busca pelo desenvolvimento tem, incansavelmente, experimentado teorias e políticas consideradas exitosas em determinadas nações. Entretanto, as desigualdades sociais e situações de extrema pobreza são, ainda, uma realidade em países que buscam esse desenvolvimento pautado sob o paradigma americano.

Esse desenvolvimento tem procurado suporte em distintos segmentos e o turismo seria, na visão de Ouriques (2005, p. 95), “o último milagre do capitalismo mundial em sua jornada auto-expansiva”. Na visão do autor, tanto certas áreas da academia, quanto políticos, apontam o turismo como a terceira (ou até mesmo segunda) “fonte de renda mundial”.

E os números, apresentados por instituições de pesquisa e órgãos governamentais, costumam confirmar o parecer desses acadêmicos e políticos, apontando a atividade como uma das maiores empregadoras mundiais e, não raro, uma espécie de salvação para as economias menos favorecidas.

CAPÍTULO 2

DA RELAÇÃO ENTRE TURISMO E DESENVOLVIMENTO

2.1 O TURISMO DOS ÍNDICES E VALORES ECONÔMICOS

É inegável a importância dada ao turismo como ponte para o crescimento econômico e desenvolvimento de uma sociedade. Não há plano de governo, seja na mais avançada nação à menor cidade interiorana de um país, que não contemple ações voltadas ao turismo como sendo estas essenciais à promoção do desenvolvimento. A Organização Mundial do Turismo (OMT, 2003) confirma que, mundialmente, o turismo se transformou num dos principais segmentos socioeconômicos, como também peça chave no comércio internacional.

No Brasil, os números do turismo chamam a atenção de investidores, nacionais e estrangeiros, como também revelam o porquê dessa atividade ser tão desejada pelos que pretendem, dela, retirar lucros e benefícios às suas empresas e, talvez, populações. Conforme o Ministério do Turismo (MTur, 2011), o setor de turismo responde por cerca de 3,6% do PIB nacional. Desse total, 85% são receitas geradas pelo turismo doméstico.

De acordo com o MTur (2011), uma pesquisa do IBGE divulgada em outubro de 2010, revelou que o setor de turismo cresceu (em termos percentuais) mais que a economia brasileira entre 2003 e 2007. Os dados, que fazem parte da pesquisa *Economia do Turismo - Uma Perspectiva Macroeconômica 2003-2007*, elaborada em parceria com o MTur, mostram que a atividade registrou crescimento de 22%, em comparação ao de 19,3% da economia como um todo.

E, com relação ao número de visitantes estrangeiros, a expectativa do mesmo MTur (2011) é de crescimento, progressivo, até 2014. As perspectivas são de que, no ano da Copa do Mundo de Futebol, o país receba oito milhões de visitantes, sendo 600 mil apenas no mês do Mundial. Já o número de brasileiros que deve viajar, dentro do país durante o evento, deve chegar a três milhões. Os números relacionados ao trabalho também são expressivos. O MTur (2011) estima ainda que 7,2 milhões de brasileiros trabalham, hoje, nas chamadas Atividades Características do Turismo (ACTs), e espera-se que haja aumento de 10%, por ano, até 2014.

O órgão assegura ainda que, por causa da expansão do turismo doméstico e internacional, impulsionada pelos ganhos de renda da população brasileira (surgimento do que o órgão chamou de nova classe média), além da ampliação do crédito e dos investimentos

públicos e privados, as atividades econômicas características do turismo conseguiram gerar 1,7 milhão de novos empregos, formais e informais, de 2002 a 2008.

As informações do MTur mostram as vantagens quantitativas do turismo. São números, percentuais, estatísticas que revelam dados sempre positivos, sem haver, no entanto, uma análise mais precisa sobre que tipo de emprego foi gerado ou se existiram danos ao meio ambiente. Como diria Krippendorf (2009) veem-se, apenas, as vantagens do crescimento econômico, sem avaliar possíveis danos ou benefícios ao homem e, muito menos, descuidos ao meio ambiente. Em *Sociologia do Turismo* (2009) Krippendorf chama atenção para essa prosperidade, medida apenas por números ou conforme índices de crescimento da economia.

Para a professora Margarida Barreto, prefaciando o livro de Krippendorf (2009), a obra, cuja primeira edição data de 1984, nos faz lembrar a fase de euforia, ocorrida após a II Guerra Mundial, provocada pelas expectativas que, desde então, já apontavam o turismo como salvador da economia, especialmente a de países mais pobres. Mas será que essas expectativas, essas percepções do turismo, vistas apenas pelo lado econômico, não prevalecem até hoje nos discursos ou projetos de organizações e entidades que trabalham a atividade? Como dito anteriormente, entre discursos e práticas ainda existem vácuos.

Os números apresentados em relatórios oficiais ainda deslumbram muitos economicistas, especialmente aqueles cujo pensamento sobre o desenvolvimento está, ainda, centrado num contexto em que o turismo possui forte apelo econômico apenas. Como diz Moesch (2002) quando visto dessa forma, uma “indústria sem chaminés”, o turismo fica entendido como simples atividade econômica, presa a análises que consideram índices, estatísticas, projeções de crescimento e relações de custo-benefício. Faz, apenas, uma análise superficial da atividade, não considerando suas implicações sociais (MOESCH, 2002, p. 14),

Essa postura, emergente de uma cultura de mercado capitalista, desconhece a essência do fenômeno turístico, o qual exerce uma pressão crescente sobre a produção da subjetividade social, o ecossistema, o modo estético, a herança cultural, existentes nas localidades visitadas, gerando agenciamentos possíveis de ressignificação com a realidade, por meio da relação entre visitantes e visitados.

A própria OMT (2003), referência quando se fala em turismo, observa que a atividade se firmou como um dos mais importantes setores socioeconômicos mundiais na segunda metade do século XX. Revela ainda a organização, que, em países de grande extensão territorial, o turismo representa entre 5% e 10% do PIB nacional. Já em ilhas-nações, de regiões como Caribe e Mediterrâneo, o turismo representa até 25% do PIB (OMT, 2003). Por

isso, em muitos lugares onde o turismo ainda é uma atividade de menor porte, não cessam as projeções de torná-lo importante fonte de renda num futuro próximo. Considera-se apenas a ideia de progresso, sem avaliar possíveis desgastes naturais e sociais. Enganam-se os que pensam ser esta uma prática atual dos operadores de turismo. Na verdade, essa é uma história que se repete há décadas.

2.2 A HISTÓRIA DO TURISMO TRILHADA PELOS NEGÓCIOS

Conforme a OMT (2003) é no século XX que o turismo se expande e se apresenta como uma das principais atividades econômicas mundiais. É dessa época, mais precisamente, a partir dos anos de 1950, que surgem termos como turismo de massa, em especial turismo de sol e praia. Essa mudança, na forma de perceber o turismo, não surge ao acaso. Inúmeros fatores foram determinantes para a consolidação desse fenômeno, que se tornou mundial, e servem de base para uma série de estudos.

Entre as mudanças que permitiram essa expansão do turismo estão a ampliação da infraestrutura nas cidades (energia elétrica, água potável e espaços recreativos), melhoria e construção de novas estradas e, conseqüentemente, a evolução nos meios de transporte.

Com a popularização do uso do automóvel, o mundo passou a reconhecer esse instrumento não mais como acessível apenas aos mais ricos, mas como meio de locomoção fundamental às populações. Importantes aliados dos automóveis eram as estradas de ferro, que possibilitavam viagens por preços mais acessíveis. Também se consolidavam as viagens feitas em aviões e navios, ocasionando crescimento no número de obras para construção de aeroportos e portos.

Para Dias (2003) as primeiras mudanças, surgidas para consolidar essa expansão do turismo, ocorreram após a Revolução Industrial. Para este autor, a Revolução Industrial, ocorrida no século XVIII, na Inglaterra, foi um marco revolucionário que permitiu modificar o conceito sobre viagens. Foi ainda nesta fase que ocorreram melhorias no processo de urbanização das cidades.

Ainda Dias (2003) destaca que, entre fins do século XIX e início do século XX, são criadas as jornadas de trabalho, determinados o descanso nos finais de semana e as férias remuneradas. Além de conquistas importantes para o mundo do trabalho formal, essas mudanças aumentaram o tempo livre do trabalhador e, por conseguinte, o tempo que passou a ser dedicado aos passeios e viagens para regiões próximas ou mundo afora.

Muitos trabalhadores se interessaram em conhecer outros lugares, realidades diferentes do seu cotidiano. Havia a curiosidade pelo novo, por conhecer pessoas e culturas distintas. E o turismo, para estes, proporcionaria a oportunidade de “mudar de ares”, alimentando o desejo de trabalhadores acostumados a viver em grandes cidades, onde as indústrias estavam instaladas e onde, visivelmente, se percebiam diminuições na qualidade de vida dos moradores, que passaram a apresentar desgastes físicos e mentais típicos da então “vida moderna”.

Na visão de Magalhães (*apud* URRY, 1996), o acesso aos direitos trabalhistas, aliado ao uso do trem (antes reservado à burguesia) foi condição importante à intensificação da atividade turística. Constatou-se, ainda nesse período, a criação de lugares próprios que passaram a fazer parte da rotina de descanso do proletariado, sendo visitados numa mesma época do ano em função das férias coletivas.

Para receber esse público específico foram criados, na Inglaterra, balneários próximos às cidades de origem e trabalho desta categoria (MAGALHÃES *apud* URRY, 1996). Para alguns, esse critério não chegou a ser democrático, uma vez que estes mesmos trabalhadores passaram a se encontrar e a desenvolver práticas comuns até mesmo em seus raros momentos de lazer e descanso.

Rejowski (2002) destaca ser indiscutível o crescimento do turismo, em termos de expansão e profissionalização, a partir da II Guerra Mundial. Ainda no entendimento da autora, além do setor trabalhista (com a redução da jornada de trabalho e criação de férias anuais remuneradas), mudanças nas áreas política, econômica e social possibilitaram o que se denominou “massificação do turismo”, característica que marcou a atividade entre os anos 1950 até o início da década de 1970.

Entre essas mudanças, Rejowski (2002, p. 91) cita a consolidação da classe média, com aumento do poder aquisitivo de amplas camadas da população em países ocidentais; maior interesse em conhecer outros povos e civilizações pela expansão da educação e da cultura. Na população de trabalhadores, percebia-se o desejo de evasão, descanso e recreação para ambientes próximos à natureza, numa espécie de fuga da industrialização e do crescimento populacional no setor urbano.

Destacam-se, ainda, os avanços tecnológicos na comunicação e no setor de transporte, permitindo viagens mais rápidas e cômodas para zonas mais distantes. Aliadas a estes fatores estavam a redução progressiva no preço das passagens (em especial do avião), a aplicação de técnicas de marketing e o incremento da publicidade, aumentando a motivação para atividades de lazer, como o turismo.

Para Trigo (2003) esse crescimento do turismo foi permitido também pelo repasse da tecnologia, usada pela engenharia militar durante a Segunda Guerra Mundial à engenharia naval, aeronáutica e de transportes terrestres e comerciais. Reunidas a outras conquistas científicas, como uso do computador, associado às redes de telefonia e à digitalização de informações, criaram-se facilidades para o setor. Tudo isto permitiu que o oferecimento de serviços essenciais ao turismo (passagens, reservas em hotéis para hospedagens ou eventos, acompanhamentos por guias e aluguel de veículos, entre outros exemplos) fosse resolvido mais rapidamente, bastando apenas a operacionalização em terminais de computadores.

Foi após a II Guerra Mundial, quando os Estados Unidos se consolidaram como potência política e econômica mundial, que o turismo de massas passou a ser praticado por classes sociais menos abastadas. Essa mesma tendência foi verificada na Europa e, posteriormente, em países que começaram a copiar o modelo americano de desenvolvimento e, claro, suas atividades econômicas consideradas “de sucesso”. Também foi a partir desse período da história que se percebeu o fortalecimento de novas atividades no mercado de trabalho: os operadores turísticos e as agências de viagens.

O apelo destes, que surgiram como os primeiros empresários do turismo, não diferiu muito do atual. Devido à redução da qualidade de vida nas grandes cidades, associada à industrialização, jornadas de trabalho intensas e grande densidade populacional, o oferecimento de viagens a lugares aprazíveis tornou-se atrativo para os que desejavam descanso e fuga do mundo onde residiam e trabalhavam. Nesse meio inseriram-se não apenas os trabalhadores bem remunerados, mas também a classe operária dos países economicamente mais desenvolvidos.

Dias (2003) destaca ainda que autores como (SANTANA, 1997; DE LA TORRE, 1994; ARRONES, 1992; MAZÓN, 2001, *et. all*) listam ainda outra série de fatores que contribuíram para a transformação do turismo em fenômeno de massas, entre eles: “o crescimento econômico dos países capitalistas, tendo os Estados Unidos despontado como grande potência a ser copiada; modernização e expansão dos meios de transporte, que passaram a ser mais acessíveis à população; aumento da participação feminina no mercado de trabalho, permitindo aumentar a renda familiar e o acesso às viagens; aumento da oferta de alojamentos turísticos e o turismo tomado como símbolo de *status*.”

Na visão de Arrones (1992 *apud* DIAS, 2003) houve um endeusamento do turismo em todo o mundo, aliado a uma associação deste com o sucesso e a possibilidade de mudanças capazes de gerar riquezas, postos de trabalho e trocas ditas “positivas” de culturas. Somente a partir da década de 1970 essa visão começou a ser questionada, mais precisamente, como

lembra Dias (2003) por estudiosos não comprometidos com empresas de turismo nem governos.

Alguns desses questionamentos surgiram em função de dois fatores associados ao turismo: o consumismo e a dependência. O primeiro, visto negativamente, quando constatado que um número cada vez maior de pessoas passou a considerar as viagens turísticas como necessárias aos seus hábitos de consumo. Já a dependência gerou preocupações quando se percebeu que um número cada vez maior de cidades, juntamente com seus moradores, passou a depender do turismo e do dinheiro utilizado pelos visitantes, muitas vezes relegando outros setores importantes da economia, como a agricultura.

Mesmo assim, Rejowski (2002) destaca que o turismo mundial continuou a crescer nos anos 90, apontando até mesmo novos destinos como a Ásia e Oceania, apesar da concentração ainda reinar sobre a Europa e América do Norte. Para a autora, essa consolidação tornou o mercado ainda mais competitivo, não somente em custos, mas também em qualidade e na busca por diferenciais dos serviços turísticos.

A década citada também foi de mudanças mais impactantes no pensar o turismo. Dos anos de 1990 em diante, as questões sociais e o meio ambiente passaram a fazer parte dos discursos sobre desenvolvimento do turismo em todo o mundo. Planejar e promover o desenvolvimento significava, a partir de então, pensar na qualidade de vida das pessoas.

Essa visão era bem diferente do período de 1950 até 1970, quando os planos de desenvolvimento estavam mais associados à produção de riquezas, sem muito avaliar possíveis males ao meio ambiente. Foram décadas as quais o planejar estava associado ao progresso, trabalho e industrialização, centrando-se as decisões em ações voltadas ao crescimento econômico.

2.3 BRASIL E MERCADO TURÍSTICO

No Brasil dos anos de 1990, a época foi de mudanças nos âmbitos da economia e da política. No campo político, o foco principal desse momento histórico foi a ocorrência de eleições diretas para Presidente da República, realizadas após um período de quase duas décadas em que não era possível exercer esse direito⁹. Para Cruz (2006) foi exatamente nesse

⁹ Entre os anos de 1964 e 1985 o Brasil viveu sob o regime militar. Em janeiro de 1985 Tancredo Neves foi eleito presidente da República do Brasil por um colégio eleitoral, formado pelo Congresso Nacional e por representantes das Assembleias Legislativas dos Estados. Foi uma eleição indireta. Porém, em função de uma doença, Tancredo Neves faleceu antes de assumir o cargo, sendo empossado seu vice, José Sarney, que se tornou o primeiro presidente civil após o regime de Ditadura Militar (1964-1985). As eleições diretas para presidente do Brasil só ocorreriam em 1989, após ser estabelecida a Constituição de 1988.

período da história brasileira que o Estado começou a deixar sua hegemonia para atuar em parceria com o mercado, situação esta aprofundada ao longo dos anos seguintes.

No turismo, essa parceria comprovou-se por meio de políticas públicas que, ainda segundo Cruz, estão “comprometidas com a produção e a reprodução do capital *vis à vis* as intervenções públicas voltadas à criação de um novo sistema de objetos cuja materialidade é demandada pelo novo sistema de ações que se impõe” (CRUZ, 2006, p. 337). Por isso é que, não raro, crescem os investimentos privados nesse setor.

Mesmo já existindo um forte apelo ao turismo no Brasil, em função das belezas naturais do país, a organização desse setor ainda necessitava de melhorias no campo profissional e da criação de novos produtos turísticos. Essa busca por novas formas de fazer o turismo, como ainda de conhecer novos destinos, contribuiu para que empresas do segmento investissem em mercados até então não muito tradicionais. Um exemplo foi a busca por um turismo voltado à natureza, em que se inserem o ecoturismo e turismo de aventuras.

Rejowski (2002) destaca ainda os turismos de negócios, eventos, terceira idade, “gays, lésbicas e simpatizantes” (GLS), turismo de saúde e os intercâmbios. No entanto, afirma a mesma autora, de fato essa expansão ocorreu a partir dos anos de 1990 com o aumento no número e volume de investimentos no setor, permitindo o surgimento de novas empresas turísticas como ainda a expansão da rede hoteleira e serviços relacionados. Os investimentos e projetos nessa área são, normalmente, apoiados pelo Estado.

O período trouxe ainda a descoberta dos cruzeiros marítimos, nacionais e internacionais. Foi ainda nesta década que o Brasil viu crescer os números da construção civil no setor de hotéis, parques temáticos e aquáticos e resorts, estes especialmente no litoral do Nordeste.

Mais uma vez o Sebrae se destacou, não como agente financeiro ou por oferecer linhas de crédito às empresas, a exemplo das instituições bancárias, mas por orientar e capacitar pequenos e médios empreendedores que já atuavam ou estavam sendo iniciados na atividade turística.

Aliás, a capacitação em turismo foi tema constante em debates, palestras e eventos desse segmento, realizados por toda a década de 1990, e anos seguintes. A preocupação em capacitar recursos humanos para trabalhar nos equipamentos turísticos tornou-se frequente. Rejowski (2002, p. 155) destaca:

verificou-se uma explosão de cursos superiores no final da década de 1990, que, de 52 cursos, em 1996, passou para 330, em 2002, considerando os

cursos de turismo (284), hotelaria (22) turismo e hotelaria (19), gastronomia (3) e lazer e eventos (2).

Além dos cursos técnicos e superiores cresceu ainda o número de especializações (*latu senso*), em turismo. O Sebrae também se consolidou na organização e promoção de cursos voltados à orientação de empresários e profissionais do setor. Como também destaca Trigo (2003) no Brasil, essa preocupação com o segmento profissional em turismo é ainda muito recente, data os anos de 1990. Mais recente também aparece a análise crítica feita sobre o turismo e sua movimentação nos setores da economia nacional e também nos campos cultural e educacional.

Para a professora Margarida Barreto¹⁰, é necessário (porém poucos fazem) diferenciar o fenômeno turístico do estudo do fenômeno. “Os cursos deveriam diferenciar, claramente, o que é a formação para trabalhar no mercado turístico (constitutivo do fenômeno social) e a formação para estudar este fenômeno social”.

2.4 TURISMO E ECONOMIA: críticas

Percebe-se ser impossível analisar a história do turismo, em qualquer época que seja, sem lançar um olhar sobre a economia. Na visão de Krippendorf (2009, p. 25),

A economia reina soberana em nossa civilização. Ela é, ao mesmo tempo, a força motora, o fim e o meio. Ela dita a conduta a adotar. A exploração dos recursos naturais, a escala de valores do homem e a política do Estado caíram sob seu domínio e a ela estão subordinados.

Também Lage; Milone (2004) enfatizam que, quer queiram ou não, tudo gira ao redor da economia. A dificuldade recai sobre como fazer um turismo de forma mais eficiente e com menos impactos negativos sobre a população residente. Para estes autores, é completamente ingênua a visão de que o turismo, numa economia como a brasileira, seria igualmente benéfico a empresários, trabalhadores do setor e moradores das chamadas localidades turísticas.

O próprio movimento do turismo, no Brasil e no mundo, pode ser afetado em situações de crises econômicas, energéticas, de desvalorização de moedas nacionais e/ou estrangeiras,

¹⁰ Trecho de entrevista realizada com a professora Margarida Barreto, disponível em: <<http://www.partes.com.br/entrevistas/entrevistas7.asp>>. Acesso em: 20.09.2010.

epidemias e ataques terroristas, como o ocorrido em 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, que provocou queda de 1,3% nos deslocamentos mundiais (LAGE; MILONE, 2004).

Mesmo havendo uma relação com aspectos macroeconômicos, os mesmo autores defendem que os investimentos em turismo devem ocorrer depois de satisfeitos investimentos nas necessidades básicas da população receptora do turismo em áreas como educação, saúde, habitação, infraestrutura e bem-estar da comunidade local (LAGE; MILONE, 2004).

Os autores também destacam que, apesar dos problemas e possíveis formas de contorná-los, caberá sempre à sociedade decidir como as atividades de consumo, produção e distribuição serão executadas, beneficiando, ou não, a humanidade e seu meio ambiente.

Numa percepção puramente economicista do turismo, Arendit (*apud* BITTELBRUNN JUNIOR, 2007) defende que o dinheiro, oriundo da atividade turística, multiplica-se pela economia, possibilitando aumentos da demanda por produtos locais e na arrecadação de impostos e taxas; incremento de indústrias ligadas à atividade turística; entrada de divisas no país receptor; geração de emprego no setor de serviços turísticos e também na construção civil.

Krippendorf (2009) não contesta o fato de o turismo gerar empregos e rendimentos. O que o autor, entretanto, questiona, e que será uma das bases para análise nesta dissertação, é o alcance desse efeito multiplicador do turismo, a qualidade desses empregos gerados, se as contratações são regidas conforme as leis trabalhistas e o modo de distribuição dos rendimentos (será justa essa distribuição?). Enfim, quais benefícios, de fato, ficam às comunidades receptoras, especialmente as mais pobres e/ou isoladas geograficamente. Também são questionadas as possíveis repercussões do turismo na cultura das comunidades receptoras.

Sabemos que, para satisfazer as necessidades e normas turísticas, muitas comunidades, mesmo carentes de recursos financeiros, precisam adquirir produtos ou contratar profissionais de outros lugares. Com relação ao argumento mais enfatizado por alguns de que o turismo é gerador de emprego e renda, Krippendorf (2009, p. 74-75) defende seu ponto de vista,

Ninguém pode contestar a importância do turismo quanto a empregos e rendimentos [...] entretanto, há o reverso da medalha, que raramente é evocado nos debates políticos: no setor turístico, a maioria dos empregos não é atraente. As condições de trabalho são rigorosas: horas extras, horários irregulares, sobrecarga de acordo com a estação do ano e comprometimento pessoal em favor do cliente.

E ainda,

Ademais, os salários são inferiores à média. As opções profissionais e as possibilidades de carreira são restritas. Muitas atividades não são qualificadas e são socialmente desfavorecidas, como os trabalhos efetuados nos bastidores dos hotéis, em cozinhas ou nos quartos. Eis porque os ofícios ligados ao turismo não gozam de grande prestígio, especialmente nos países desenvolvidos.

Barreto (2003) reforça essa visão, destacando que a maioria dos empregos ligados ao setor de turismo se assemelha aos trabalhos feitos por escravos e serviçais há mais de 200 anos no próprio Brasil. Entre essas funções, a autora destaca atividades como as de garçom, cozinheiro, camareira, faxineira, jardineiro e motorista. “Como conseguir prestadores desse tipo de serviços com qualidade sem trabalhar essas questões histórico-culturais?”, destaca Barreto (2003). Entre outras funções ligadas ao setor, mas não citadas pela autora, estão os guias mirins, carregadores, mensageiros e os conhecidos trabalhadores que alugam guarda-sóis e cadeiras de praia.

Para autores ainda mais críticos, como Ouriques (2005) é necessário apurar o senso crítico até perceber a exploração da força de trabalho existente no turismo. Outro agravante, apontado por este autor, é que o controle das normas, diretrizes e investimentos aplicados ao turismo permanece nas mãos do Estado e de empresários deste setor, pouco de benefício restando, de fato, às comunidades receptoras e aos trabalhadores deste segmento. Na visão de Ouriques (2005, p.132 -133):

Como setor específico de exploração da força de trabalho, o turismo vem se constituindo, em escala planetária e no Brasil, em particular, como um dos laboratórios da ofensiva global capitalista. Condições de trabalho precárias, jornadas de trabalho extensas, baixas remunerações, contratos temporários, maior incidência de relações de trabalho à margem da legislação, quase ausência de sindicatos e uso preponderante de mulheres, jovens e crianças, é esse o pano de fundo das relações sociais de exploração do turismo no centro e, principalmente, na periferia do capitalismo contemporâneo.

Ainda sobre o argumento de ser o turismo promotor de empregos, Ouriques (2005) é taxativo. Para este autor, apenas as ocupações de agente de viagens, guia de turismo e as relacionadas com a hotelaria turística são, de fato, estritamente turísticas. Na sua visão, os empregos ligados ao comércio, alimentação, serviços de transporte em geral (com exceção dos voos fretados, ônibus e vans usadas em excursões ou alugadas por turistas) servem aos turistas, mas também à população local (OURIQUES, 2005), por isso há que se atentar para esses números que tão frequentemente associam o turismo à empregabilidade.

Independente das críticas, os governos (seja nas instâncias federal, estadual ou municipal) costumam reforçar o discurso de que o turismo é um tema relevante, sob o argumento de buscar soluções para dois dos principais desafios de qualquer administração pública: a geração de emprego e de renda. Entretanto, o que não pode ser esquecido desta análise é: que tipo de emprego está sendo gerado? Como ocorre a divisão dos rendimentos oriundos do turismo? O que está sendo feito para dar sustentabilidade a esse turismo?

Outra constatação dos que defendem o turismo como aporte para o desenvolvimento é que, no mundo globalizado, onde a tecnologia é reinante, a atividade se destaca pelo fato de ainda necessitar de mão de obra. Seria uma área em que o trabalho humano se sobressai ao mecânico e a automação não provocou crescimento nos índices de desemprego.

Essa defesa foi levada também ao meio não urbano, onde o turismo ganhou força econômica há pouco mais de duas décadas pela capacidade de ampliar as opções de trabalho e renda das famílias do campo e reduzir, em alguns casos, graves problemas sociais, como o êxodo para as grandes cidades.

Pensando nesses possíveis benefícios, alguns autores passaram a defender a possibilidade de integração entre Estado, empresas de turismo e população autóctone das localidades turísticas, permitindo a geração de empregos que não condicionem os residentes a atividades apenas subalternas.

É o caso de Beni (2006) que mostra isso ao lembrar que, institucionalmente, por parte do Ministério do Turismo, há estrutura com capacidade de implementar ações mais bem planejadas dentro do espaço turístico. Para o autor, a dificuldade recai sobre os Estados e municípios. “Estados e municípios ainda enfrentam enormes dificuldades e obstáculos para entender, aplicar, operacionalizar e dar continuidade, em seus limites político-territoriais, às diretivas prescritas e aplicáveis em suas respectivas conjunturas” (BENI, 2006, p. 31).

Um dos problemas correntes, percebidos especialmente em municípios menores e mais “carentes” financeiramente, é a adaptação de projetos turísticos às realidades locais, muitas vezes forçando a existência de potenciais turísticos em que estes, de fato, não existem. Segundo Beni, não são raros os casos em que municípios, sem nenhum potencial turístico, são inseridos em projetos de autoria de instituições renomadas. Beni (2006, p. 32) destaca

O que temos visto, com muita frequência são cenários de roteirização regionalizada ao invés de regionalização sustentável do turismo, este sim o alvo e a meta do governo federal. A ponta absolutamente não entendeu os postulados e a abrangência do Programa de Regionalização do Turismo. Não há planos, não existem projetos.

Nesse ínterim, Beni (2006) faz uma crítica ao Sebrae, que, na sua concepção, poderia ser uma das principais instituições parceiras e “coadjuvantes” do Ministério do Turismo, dentro do Programa de Regionalização do Turismo, devido à abrangência de seus conhecimentos sobre as realidades locais e à experiência em trabalhar projetos de desenvolvimento sustentável nas mais distintas localidades deste País. Acreditava-se que esse *know-how* do Sebrae contribuiria à promoção do desenvolvimento local, tendo o turismo como um dos principais aliados nessa caminhada.

2.5 O TURISMO NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL

Seguindo o pensamento de Beni (2006) e do professor Antônio Carlos Diegues (2003) para quem “O turismo veio para ficar. Ele é uma prática social universal, e vamos ter que conviver com ele, e estimulá-lo em vários aspectos” (DIEGUES, 2003, p. 22) verifiquemos, então, quais seriam as possibilidades de reagir a esse modelo pautado apenas na visão econômica global e ampliar os benefícios do turismo às comunidades menores.

Para isso, é necessário recorrer a autores que defendem a possibilidade de haver desenvolvimento local, estando o turismo entre as principais atividades econômicas, desde que exista um planejamento adequado e uma participação mais efetiva do Estado. Para estes, o Estado é o único com autoridade para gerar e aplicar o poder coletivo.

Outro benefício apontado é que esse olhar para o local predispõe à valorização do patrimônio histórico-cultural. Para os teóricos do desenvolvimento local, da mesma forma como se projetam hotéis e resorts para grandes cidades, podem ser planejados pequenos hotéis, pousadas ou restaurantes para turistas que visitam comunidades de menor porte.

Também se faz necessário investir na formação profissional, em infraestrutura básica para atendimento aos turistas e na manutenção do patrimônio histórico cultural dessas localidades. Seria a instalação de um verdadeiro “suporte ao turismo”.

Na visão de Coriolano (2001) uma das defensoras do desenvolvimento local, mesmo sendo na maioria das vezes associado aos grandes capitais, o turismo também oferece oportunidades aos pequenos negócios dos setores de alimentos e bebidas, hospedagens e guias de turismo, serviços que podem ser gerenciados e executados por pessoas da comunidade. E muitos desses pequenos negócios podem ser vistos em pequenas e grandes cidades turísticas brasileiras.

Mesmo com uma visão crítica, Paiva (2005) também nos mostra ser possível trabalhar em defesa de um turismo socialmente mais justo. Em *Sociologia do Turismo*, a autora cita Lipiez (1988) para quem o regime de acumulação, baseado no consumo de massa, generalizou-se após a II Guerra Mundial, graças à regulação do modelo monopolista¹¹.

Para a autora, o turismo não fugiu a essa regra. Seu processo dentro do sistema capitalista foi semelhante aos demais, permitindo até denominar-se “indústria do turismo”, que traduz um sistema de comércio que cerca as viagens, passando a envolver, a partir dessa época, a classe trabalhadora, uma vez que aristocracia e burguesia sempre viajaram.

Porém, no mesmo *Sociologia do Turismo*, Paiva (2005) ressalta que, dependendo da forma como é realizado, o turismo pode variar entre interesses de empresas e do mercado capitalista, que excluem as populações mais pobres, até ser repensado e executado de modo a beneficiar residentes de áreas turísticas. No entender de Paiva (2005, p. 15-16),

O turismo pode extrapolar as perspectivas econômicas e técnicas, estas prevaletentes, incorporando uma visão mais crítica, incluindo o respeito às populações nativas das regiões que possuam vocação turística, convertendo-se num meio de integração, renovação, convívio e, porque não dizer, num mecanismo de transformação da sociedade. O turismo passaria então a ter um caráter educativo, além de incorporar as vantagens econômicas.

Sobre a temática local, Melo e Silva (2003) nos mostra uma importante contribuição do geógrafo alemão Walter Christaller, que ainda nos anos de 1955 entrava na defesa de que o turismo possui uma preferência natural pelas periferias¹², pelos locais mais distantes, tranquilos, exóticos. Para Christaller (1955 *apud* MELO E SILVA, 2003) é importante destacar, no espaço geográfico, a importância da localização das atividades pertinentes ao turismo. Logo se percebe a preferência pela periferia, diferentemente do que ocorre com outros setores (como o da indústria, por exemplo) que, regra geral, buscam os grandes centros.

Por isso, Melo e Silva (2003) destaca que o desenvolvimento local é, na verdade, o desenvolvimento endógeno, pensado de dentro para fora, de baixo para cima, do local para o global. É o desenvolvimento planejado a partir da valorização do que existe na comunidade. É esse modelo que se opõe ao desenvolvimento macroeconômico, projetado de cima para baixo, dos grandes centros à periferia. Na opinião de Melo e Silva (2003, p. 49),

¹¹ Modelo Monopolista -- modelo em que a oferta de um produto, mercadoria ou serviço é controlada por apenas um vendedor.

¹² Periferia – De acordo com Ferreira (2010) numa cidade é a região mais afastada do centro urbano. Este é o conceito tomado para esta dissertação.

[...] quase sempre a preeminência era sobre os fatores exógenos, ou seja, sobre os fatores externos aos lugares. Mas nas últimas décadas isso cresceu ao contrário, e cresceu a valorização dos fatores endógenos, não na perspectiva tradicional, do aproveitamento puro e simples, dos recursos diferenciados, naturais ou humanos, mas no aproveitamento do potencial organizacional das comunidades locais e regionais, em promover, em dirigir todos os processos de transformação.

Defende ainda Melo e Silva (2003) que essa “permissão” ou ampliação da visão turística para o local, não cancela a necessidade de também se trabalhar o global. O autor assevera ser necessária a inserção de pequenas localidades no global e o turismo necessita dessa inserção, até porque, diferente da agricultura de subsistência, o turismo não pode ser trabalhado isoladamente.

Os teóricos do desenvolvimento local ainda acreditam que, em sendo inegável o crescimento do mercado turístico, admite-se planejar ações capazes de dinamizar economias até então estagnadas ante o processo de globalização. No caso das pequenas comunidades, como as localizadas na periferia ou fora da zona urbana, isto torna-se uma necessidade, face ao crescente desemprego em setores tradicionais da economia, como a agricultura.

Todavia, esses mesmos teóricos defendem duas condições indispensáveis para que essa modalidade de desenvolvimento do turismo, pensada para o local, aconteça: a participação da comunidade local e a presença do Estado. Agora, voltemos ao conceito de desenvolvimento sugerido pela Comissão Brundtland que, como disse Sousa (1994 *apud* ARAÚJO, T., 2000) requer uma noção de solidariedade para que este desenvolvimento beneficie as populações de forma mais justa. Na percepção de Coriolano (2001, p. 40),

Para atender a essa nova visão teria que se desassociar da noção de que todos os povos estão caminhando na mesma direção e pela mesma estrada para atingir algum tipo de maturidade cujo modelo é o das nações que “correm à frente”; teria que fugir dos modelos postos e criar modelos localizados. A homogeneização, a padronização e a ocidentalização do mundo anularam a diversidade e certamente não poderiam ser diretrizes para o desenvolvimento humano e para o desenvolvimento local.

E ainda

Para que o desenvolvimento concretize-se não basta crescer a economia, a produção de riqueza ou o PIB, pois se faz necessário, sobretudo, que essa riqueza seja para todos [...] Quando a economia cresce e fica concentrada, sem distribuição justa, ocorre apenas o crescimento econômico concentrado.

O desenvolvimento só ocorre quando todas as pessoas são beneficiadas, ou seja, quando atinge a escala humana.

E para que esse desenvolvimento mais solidário e justo ocorra, o Estado deve fazer-se presente na formatação de políticas voltadas à redução dos impactos negativos, causados pelo turismo. Ora, faz parte do conhecimento coletivo que o fluxo de pessoas, provenientes do turismo, pode causar danos ao meio ambiente, ao patrimônio histórico-cultural de uma localidade e impactos no modo de viver das comunidades. Caberá então ao Estado adotar medidas que reduzam esses riscos, permitindo que a comunidade local participe, efetivamente, na discussão e elaboração de projetos turísticos e da tomada de decisões.

Novamente Beni (2006) defende a presença do Estado desde o processo de planejamento até a execução e manutenção de projetos turísticos. Para esse autor, o Estado tem poderes e o setor público capacidade de intervir na realidade social, corrigindo problemas básicos em setores da infraestrutura, meio ambiente e educação, além de defender a cultura e patrimônios da localidade. O mesmo Beni (2006) afirma que, para a intervenção do Estado ser decisiva, e alcançar êxito, é imprescindível a participação da comunidade.

Essa presença do Estado faz-se necessária para que sejam evitados problemas futuros, como destaca De Stefani (2006 *apud* ULTRAMARI; DUARTE, 2009) que, caso inexista um planejamento bem estruturado, o turismo pode gerar efeitos negativos e impossibilitar ganhos econômicos, com o agravante de enfraquecer a cultura local e/ou degradar o meio ambiente.

É por isso que Swarbrooke (2000) considera adequada a presença do Estado no processo de planejamento e gestão do turismo. Primeiramente porque, segundo o autor, o Estado deve representar a população e não apenas grupos ou interesses particulares; esse mesmo Estado deve ser imparcial, sem interesses a serem protegidos. Por sua vez, é oferecida ainda ao setor público a capacidade de promover legislações e regulamentações, como ainda planejar o uso adequado do solo e as normas da construção civil.

Sobre a participação da comunidade local no processo turístico, a OMT (2003) ressalta que é por meio desse envolvimento que a comunidade entenderá o turismo e, possivelmente, o apoiará. Outra vantagem apontada pela OMT é que a comunidade é quem, de fato, deve conhecer o local e suas reais potencialidades. Isso permitirá que o desenvolvimento de um projeto turístico promova benefícios para todos, desde a geração de emprego e renda para os residentes até melhorias na infraestrutura da localidade e nos serviços públicos oferecidos à comunidade.

Porém, faz-se necessário mostrar à comunidade os riscos e benefícios do turismo. A OMT (2003) lembra ser importante promover ações educativas para a comunidade, estímulo à promoção da cultura local, monitoramento e assistência contínua a empresários que decidam investir em empreendimentos turísticos. Em resumo, fazer o turismo ideal é fazer um turismo em benefício da comunidade local, utilizando, como base, a produção e mão de obra local.

As críticas relacionadas à visão desses teóricos podem ser resumidas numa visão de Ouriques (2005) sobre os riscos em acreditar que o Estado será planejador e financiador das políticas de planejamento turístico. Para este autor, soluções semelhantes com vistas ao desenvolvimento ocorreram, sem sucesso, em outros momentos. “As críticas ao Estado, nessa concepção, dirigem-se à falta ou ineficiência de planejamento” (OURIQUES, 2005, p. 77). No caso brasileiro, outros riscos apontados pelos críticos estão relacionados às mudanças ocorridas nos encaminhamentos da política local, comuns em muitas mudanças de governo.

2.5.1 Turismo e Desenvolvimento Local Sustentável: ilusão?

Acredita-se ser complexa a possibilidade de o turismo promover o desenvolvimento sustentável de uma localidade. Vale ressaltar que, conforme a OMT (2003) a participação da comunidade é necessária, mas, para que ocorra a implantação de um plano turístico sustentável, é necessário apoio político, compromisso do Estado e dos setores público e privado. Como ressalta Dias (2003) para obter essa sustentabilidade no turismo é essencial ainda um planejamento adequado à realidade local e o monitoramento constante para diminuir possíveis efeitos negativos que alguns projetos turísticos podem causar.

Para Coriolano (1998), é importante destacar que esse incentivo ao turismo nas comunidades locais não significa torná-lo atividade única. Pelo contrário. É, por meio da prática de um turismo efetivamente sustentável que se podem fortalecer outras atividades econômicas já existentes numa localidade, como a agricultura, o artesanato e a caprinocultura, entre outras. Dessa forma, o turismo será “mais uma opção econômica” (CORIOLANO, 1998). É nesse ponto que o desenvolvimento local se contrapõe ao global, a partir do momento em que o turismo possibilita que atividades até então “esquecidas” seja retomadas.

Acrescenta-se, ainda, que o desenvolvimento local, por meio do turismo, assim como outras propostas voltadas ao tema desenvolvimento, não ocorre como numa fórmula em que basta reunir os mesmos ingredientes para obtenção de resultados semelhantes. Há que serem avaliadas as situações. Afinal, um projeto turístico que é sucesso numa localidade não

significa dizer que alcançará o mesmo êxito noutras, mesmo que estas tenham o potencial turístico.

Pode-se tomar como referência o que disse Rivero (2002) quando teóricos, especialistas e políticos se convenceram que o desenvolvimento econômico e social poderia ser conquistado por todos, bastando apenas usar os métodos corretos para que os países pobres se igualassem às nações mais ricas economicamente.

O desenvolvimento tem sido um dos mitos mais persistentes da segunda metade do século XX [...] durante meio século, mais de 150 países têm experimentado ideologias e sistemas econômicos e sociais, buscando o desenvolvimento como se fosse o Eldorado, mas o desenvolvimento tem se mostrado tão esquivo quanto esta quimera dos conquistadores (ESTEVA, 2002, p. 124).

O próprio Krippendorf (2009) ousa, ao afirmar ser pessimista à entrada do turismo, em se tratando de regiões rurais. O autor destaca que, diferente das cidades maiores, nessas regiões as condições financeiras da população são mais baixas, assim como é menor o grau de educação da maioria da população. Então, as promessas feitas pelos que defendem o desenvolvimento por meio do turismo fazem a população aceitar praticamente todas as condições impostas, na crença de que “agora surgiu a oportunidade de mudar suas vidas”. (KRIPPENDORF, 2009, p. 71),

[...] ninguém fala das eventuais repercussões negativas, apenas do lucro, do trabalho e da melhor qualidade de vida. E quando o turismo houver invadido a região e os autóctones tiverem tomado conhecimento da verdade, às suas próprias custas, a euforia inicial dará lugar à desilusão e à visão mais realista das coisas [...]

Mesmo se referindo às regiões rurais, essa mesma posição de Krippendorf (2009) pode ser aplicada também às regiões periféricas em geral ou cidades de menor porte, onde a interação urbano-rural é mais forte. Em se tratando de Brasil outro fator apontado como negativo é o fato de que, apesar das mudanças ocorridas após a Constituição de 1988, quando os municípios passaram a ter maior autonomia em alguns setores, percebe-se em muitas localidades o mesmo quadro de continuísmo, ou seja, predomínio de famílias ou grupos de poder à frente das administrações públicas. Um quadro que contribui à submissão da população perante as lideranças presentes.

Refletindo sobre esses aspectos, tem-se como propósito verificar, nesta dissertação, as repercussões, na economia e cultura do município de Cabaceiras, após a implantação do projeto THCCP. Para isso, serão considerados (além das falas dos sujeitos envolvidos no processo), a manutenção de uma infraestrutura turística adequada tanto para turistas quanto para o benefício da população local, o desenvolvimento da cadeia produtiva do turismo e como foi operacionalizado o estímulo à valorização do patrimônio histórico-cultural.

2.5.1.1 Cadeia produtiva do turismo

A OMT (2003) diz que um dos efeitos positivos do turismo está na possibilidade de gerar empregos diretos em hotéis, pousadas, restaurantes, empresas de viagens e passeios e no comércio de varejo. Outra vantagem está no estímulo ao empresariado local por meio de ações destinadas ao estabelecimento de empreendimentos turísticos capazes de gerar renda para seus proprietários. Também são beneficiados outros setores da economia, como o primário, pertinente à agricultura e pecuária.

A organização destaca ainda ser o turismo capaz de contribuir com os rendimentos do governo em todos os níveis, incluindo o nível local, caso haja impostos locais relacionados ao turismo (OMT, 2003). Esses rendimentos poderão ser investidos em obras para melhoria da infraestrutura local e nos serviços oferecidos aos turistas e à comunidade residente.

Entre os impactos socioeconômicos negativos do turismo, a OMT (2003) lembra que estes podem surgir quando há perda de benefícios locais, o que ocorre quando, por exemplo, as pessoas do local não recebem empregos no turismo ou quando a renda, proveniente dessa atividade, não circula na cidade, permanecendo em poder de alguns.

Beni (2006) sugere linhas de ação que podem beneficiar a valorização de iniciativas locais, otimizando o empresariado local e permitindo a diversificação de atividades em benefício do turismo. Outra possibilidade é ampliar as receitas públicas por meio da cobrança de taxas extras pela segunda moradia (quando existir) ou uso de áreas e serviços públicos, além, claro, de incentivar o emprego da mão de obra local. Para esse autor, o compromisso com o trabalho e a renda deve, sempre, resultar num “modelo estável e incluyente”.

2.5.1.2 Infraestrutura

Com relação à infraestrutura, vê-se a necessidade de ampliação e melhorias constantes que sirvam ao turismo e também às comunidades locais. Afinal, para se ter um

desenvolvimento sustentável, é necessário pensá-lo, também, na escala humana, ou seja, ao atendimento das demandas da comunidade local.

Aliada a essa infraestrutura, existe ainda a infraestrutura turística, que considera os serviços e equipamentos oferecidos aos turistas, como hospedagem, recepção, vias de acesso, meios de transporte e até mesmo a sinalização turística.

Portanto, investir em infraestrutura para o turismo é investir numa infraestrutura capaz de atender a todos, adicionando a isto a necessidade de permanente expansão da mesma, especialmente nos serviços básicos que também servem à população (abastecimento de água; esgotamento sanitário; coleta e destino do lixo, serviços médicos e de urgência). A manutenção desses serviços é essencial à saúde e bem estar das populações.

Ruschmann (2008) defende que a infraestrutura geral de qualquer destino turístico é a base para um fornecimento adequado de serviços, tanto para turistas quanto à população local. Os investimentos na manutenção e ampliação desta infraestrutura devem existir, evitando que a mesma fique estagnada ou obsoleta.

2.5.1.3 Patrimônio histórico-cultural para gerações atuais e futuras

A vitalidade do setor turístico deve ser mantida e a preservação da História e cultura de um lugar é condição indispensável para atingir esse objetivo. A OMT (2003) diz ser importante institucionalizar essa consciência turística, incorporando-a ao currículo escolar. Essa proposta da OMT (2003) visa despertar a consciência da comunidade em relação à proteção ambiental de áreas naturais, conservação dos sítios arqueológicos e históricos, manutenção da cultura, das artes e dos artesanatos tradicionais e melhoria da qualidade ambiental.

Para a OMT (2003), a educação para o turismo pode ser inserida no sistema escolar local, como parte das disciplinas da área social, sendo a melhor forma de promover essa conscientização e a exposição dos mais jovens ao turismo, permitindo-lhes não apenas trabalhar no setor, mas fazer com que se transformem em cidadãos críticos a essa temática e sabedores da necessidade de valorizar e preservar os patrimônios materiais e imateriais do local.

Alguns autores alertam que são frequentes os municípios turísticos em que as comunidades têm uma consciência ou entendimento “limitado do turismo”. Fonseca Filho (2007) defende que os conteúdos escolares devem ser construídos, considerando a realidade

de cada comunidade turística. A partir de então, são tratados temas como impactos do turismo sobre o meio ambiente natural, sócio cultural e na economia.

Pensar no que se denomina desenvolvimento sustentável do turismo é pensar em incluir a educação turística, não apenas na formação técnica ou superior, mas também na educação básica dos municípios turísticos ou potencialmente turísticos. Isso permitirá transformar jovens alunos em cidadãos mais conscientes sobre a história, cultura e patrimônio de suas comunidades, contribuindo assim com o turismo praticado nas suas cidades.

Por meio da educação para o turismo, é possível ainda garantir a sustentabilidade de uma região, à medida que o cidadão se tornar mais responsável por seus atos, não se deixando influenciar por culturas, modismos ou características alheias à sua realidade. É também por meio dessa educação que se pode assegurar a manutenção de uma cultura através de gerações. Como diz Trigo (2003) uma educação turística de qualidade permite ao aluno pensar, aumentando sua aptidão para tomar decisões mais adequadas ao meio em que vive.

Beni (2006) confirma essa possibilidade, uma vez que defende a educação turística como base para o desenvolvimento e, por isso, sua inclusão nas escolas locais, em especial, as públicas, contribuindo assim com o conteúdo didático e as práticas vivenciadas no dia a dia dos que residem em áreas turísticas. Essa relação turismo e escola deve ser recíproca, de um lado valorizando a atividade e do outro permitindo uma visão de futuro, visto que da escola sairão os futuros pensadores, gestores, executores, trabalhadores e clientes do turismo.

Também se faz necessária uma política adequada de planejamento voltada à promoção do lugar a ser visitado. Sabe-se que as ações de marketing, que costumam vender lugares da mesma forma como mercadorias são vendidas, aliadas à informação jornalística que se faz diariamente presente na mídia, normalmente apresentam como resultados o incremento no número de turistas para determinadas regiões.

Portanto, é imprescindível fortalecer, nessas comunidades, a valorização do meio ambiente, das culturas e tradições. Do contrário, não raro poderá ocorrer uma descaracterização deste lugar, promovendo, a médio ou longo prazos, a perda do interesse turístico.

2.5.1.4 Meio ambiente

Para Ruschmann (2008), é incontestável a relação entre turismo e meio ambiente, já que este último é matéria-prima da atividade turística, e seu estudo se faz necessário especialmente às regiões ou comunidades onde essa relação do turismo com o meio rural é

mais forte. Entretanto, essa junção nem sempre foi positiva. Prova disso são os danos causados ao meio ambiente em áreas não preservadas ou adequadamente controladas.

Essa preocupação com meio ambiente foi intensificada a partir dos anos de 1980, após a percepção de que o homem passou a procurar, cada vez mais, o contato com a natureza. Ruschmann (2008) diz que, se a atividade turística não for planejada, em equilíbrio com o meio ambiente, a sobrevivência de ambos estará comprometida.

Novamente Beni (2006) defende a presença do Estado, desde o processo de planejamento até a execução e manutenção de projetos turísticos. Para esse autor, o Estado tem poderes e o setor público capacidade de intervir na realidade social, corrigindo problemas básicos em áreas como infraestrutura, meio ambiente e educação, entre outros. No entanto, Beni (2006) defende que, para a intervenção do Estado ser decisiva e obter êxito, é imprescindível a participação da comunidade.

2.6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE DESENVOLVIMENTO E CULTURA

Uma vez encontrei uma secretária de um município paraibano que conhecia o nosso trabalho do artesanato lá em Ribeira de Cabaceiras. Ela me perguntou: me diga uma coisa, por que com vocês deu certo e com a gente lá não deu? Daí respondi: simplesmente porque em nós já existia essa cultura (do curtimento da pele caprina) antes mesmo da nossa cooperativa existir. E vocês queriam criar essa cultura. Ai é diferente [...] essa cultura vem do meu tataravô, que já fazia esse trabalho. Minha bisavó contava que o pai dela já fazia o curtimento da pele caprina. É uma cultura centenária.

(José Carlos de Castro – presidente da Arteza)

Encontra-se na declaração de Castro (2011)¹³ um conceito simples e objetivo do que seja cultura. Assim como em Johnson (1997), quando este autor destaca que cultura é toda uma reunião ou acúmulo de ideias, símbolos e até mesmo produtos materiais associados a um sistema social, seja este sistema social uma sociedade inteira ou mesmo uma família.

Ainda Johnson (1997) faz uma distinção sobre os aspectos materiais e não-materiais da cultura. No caso do primeiro, o autor destaca tudo aquilo que é fabricado, feito, modelado ou transformado como parte da vida social coletiva, indo da preparação do alimento à produção de aço e dos computadores (JOHNSON, 1997, p. 59). E com relação à cultura não-material, o mesmo autor inclui os símbolos (desde as palavras até as notações musicais) e as ideias, apontando as atitudes, crenças, valores e normas como sendo as mais importantes. Para

¹³ José Carlos de Castro é presidente da Arteza – Cooperativa dos Artesãos em Couro do distrito de Cabaceiras. O trecho apresentado faz parte de uma entrevista, concedida a esta pesquisadora no município de Cabaceiras, em 02 de agosto de 2011.

ele, são essas ideias que informam e dão forma à vida das pessoas, contribuindo nas suas relações de reciprocidade e participação nos sistemas sociais.

Em Ferreira (2010, p. 213), o conceito de cultura está definido como sendo todo um conjunto dos padrões de comportamento, das crenças, das manifestações artísticas e intelectuais, entre outros, que são característicos de uma sociedade e transmitidos coletivamente. Noutra definição, Ferreira aponta a cultura como um conjunto de conhecimentos adquiridos em determinado campo.

Corroborando com os pensamentos anteriores, percebe-se que a cultura é capaz de reunir todas as formas de expressão do homem: o sentir, o agir, o pensar e o fazer, assim como suas relações entre os seres humanos e destes com o meio ambiente (BRASIL, 2010). Analisar a cultura, é se debruçar sobre algo muito amplo, não resumido (como muitos assim o fazem) ao conceito mais simplista de que cultura é arte.

Mas, afinal, por que motivos fazer uma associação entre cultura e desenvolvimento? Sim, como defende Hermet (2002) cultura e desenvolvimento estão intrinsecamente relacionados, sim. Mas não relacionados ao ponto de, como fazem alguns estudiosos, predestinar homens, sociedades ou mesmo uma nação inteira à pobreza ou riqueza. Para estes, os bons ou maus resultados do desenvolvimento, estes avaliados somente “pelas cifras da economia”, são devidos à passividade ou dinamismo de uma população, gerados por seu universo cultural ou mental (HERMET, 2002, p. 10).

Ainda Hermet (2010) declara ser inadmissível pensar, como alguns teóricos defensores do desenvolvimento econômico, que certas comunidades se mantêm em estado de miséria por não conseguirem se adaptar às mudanças culturais, estas capazes de tirá-las desta condição. Para Hermet (2010, p. 11),

[...] em matéria de desenvolvimento como em qualquer outra matéria ninguém, já ninguém, ou quase ninguém, compartilharia a opinião que o filósofo inglês John Stuart Mill emitiu, há quase um século e meio, quando escreveu que semelhantes aos orientais pela cobiça e pela inanição são certos habitantes do sul da Europa.

O mesmo autor declara que, felizmente, muitos têm demonstrado, ao longo de décadas, que suas culturas não são obstáculos para esse desenvolvimento pensado pelo lado econômico. O que existe, ainda, é a dificuldade de mobilizar ações conforme as circunstâncias de cada sociedade e aproveitar os recursos existentes em cada localidade. Em *O Mito do Desenvolvimento Econômico* (1981), o próprio Furtado demonstra sua preocupação com a

preservação da identidade cultural em face às mudanças, provocadas pela economia. Seu temor era que a busca incessante pelo desenvolvimento, “visto pelos padrões de vida alheios aos da maioria”, provocasse mudanças na cultura de determinadas populações que buscavam escapar da condição, (segundo Furtado uma condição historicamente criada) de subdesenvolvidas.

Para Furtado (1981) no sistema capitalista, essa busca geraria o que o mesmo denominou de “mimetismo cultural”, ou seja, a reprodução de formas de vida e de consumo dos países cêntricos (FURTADO, 1981, p. 45). São os chamados, por Furtado (1981), de *desdobramentos culturais*, criados na vã tentativa de superação do subdesenvolvimento.

Mais adiante, o mesmo Furtado (2009) nos lembra que a Teoria do Desenvolvimento, da forma como costuma ser trabalhada nos centros universitários ocidentais, aponta para a existência de variáveis “não econômicas” capazes de determinar taxas de crescimento da produção de uma economia (FURTADO, 2009, p. 147).

Como exposto anteriormente, nesta dissertação, essa visão economicista insiste em desprezar o fato que o desenvolvimento econômico, da forma como está posto, possui uma nítida dimensão histórica (FURTADO, 2009, p. 147). Para avaliar o verdadeiro desenvolvimento, é necessário, antes, considerar as diversidades existentes, seja numa pequena comunidade ou grande nação.

Felizmente, nas últimas décadas, esse pensamento furtadiano vem recebendo mais adeptos. Estudiosos e críticos à teoria clássica do desenvolvimento defendem, e principalmente acreditam, que uma nação pode ser desenvolvida pelo que já possui, com a manutenção de sua cultura, hábitos, tradições e fazeres. São os que acreditam que a cultura é diversa, entre seus bens materiais e imateriais, ao invés de estereotipada como muitos assim a desejam.

E foi a manutenção de muitas dessas diferenças culturais que atraiu a atenção do turismo. Em contraste àqueles teóricos que associavam pobreza à manutenção de determinadas culturas, denominadas por eles como “atrasadas”, a preservação de hábitos, tradições, símbolos e pensamentos das diferentes sociedades em todo o mundo atraiu o fenômeno turístico.

Em 2001, durante o Seminário sobre competitividade do turismo e luta contra a pobreza, realizado em Natal, Rio Grande do Norte, o então presidente do Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur), Caio Luiz de Carvalho, enfatizou que, por meio do turismo, a cultura

de um povo poderia ser transformada em riqueza¹⁴. Porém, para isso ocorrer acertadamente, fazem-se necessários planejamentos voltados à preservação da identidade cultural do lugar, visto que o turismo é, também, uma interação entre visitantes e população autóctone, numa experiência permissível à troca de hábitos e costumes.

Apesar de muitos associarem a relação entre turismo e cultura ao *grand tour* europeu¹⁵, os estudos específicos sobre o tema em questão começaram apenas na década de 1960 por iniciativa de antropólogos. Nesse mesmo período, o turismo cultural já era apontado como alternativa para as nações que buscavam o desenvolvimento (BRASIL, 2006).

Para muitos, o turismo cultural foi motivado pela curiosidade daqueles que buscam informações novas, novas crenças e valores diferentes, pelo conhecimento a novos lugares, pessoas, tradições e normas diferentes ou mesmo pela curiosidade em vivenciar novos costumes ou particularidades de cada sociedade. É o interesse em ver como outras pessoas fazem algo ou como elas vivem. É a curiosidade do turista por vivenciar experiências alheias ao seu cotidiano.

Não raro, esse algo novo ou diferente do usual pode estar bem nítido mesmo que a distância entre duas localidades esteja a alguns poucos quilômetros ou inseridos numa mesma região. Em se tratando de Brasil, o turismo cultural foi responsável, ainda, por valorizar algumas culturas que estavam esquecidas em diferentes recantos do interior do país.

2.6.1 O Turismo Cultural e sua Contribuição ao Local

Essa valorização por diferentes culturas e o interesse em conhecer o patrimônio de muitas localidades pode contribuir ainda, desde que adequadamente planejado, à geração de empregos naquelas regiões mais distantes dos grandes centros urbanos. Para muitos, a associação entre turismo e cultura, especificamente à valorização da cultura no interior do Brasil, se transformou numa alternativa interessante, face às dificuldades de sobrevivência e empregabilidade nos grandes centros urbanos, agravadas nos últimos anos pelo fenômeno da globalização.

Nessa perspectiva de análise sob a ótica da globalização, Rivero (2002) argumenta que “a tecnologia empregada no processo globalizador cria uma exclusão social, visto que o

¹⁴ Informação extraída do artigo *Cultura e Turismo: interação ou dominação*, de Ana Lúcia Hazin, Cleide Galiza de Oliveira e Rejane Pinto de Medeiros. Fundação Joaquim Nabuco, 2001. Encontrado em <<http://www.fundaj.gov.br/tpd/121.html>>. Acesso em 30.08.2011.

¹⁵ O *Grand Tour*, assim como as viagens para estudos, surgiu quando aristocratas, e depois a burguesia, passaram a viajar para conhecer monumentos, obras de arte, culturas e, por fim, o modo de vida de povos considerados, à época, diferentes.

software e a automação são capazes de descartar o trabalho humano”. O mesmo autor vai além, destacando que, “no final do século XX, 30% da população ativa do mundo está desempregada, visto que as fábricas repletas de chaminés e rodeadas de grandes populações proletárias começariam a ser eliminadas por novas tecnologias”. Para Rivero (2002, p. 14-15),

Esta situação é mais facilmente administrada em muitos países industrializados porque sua população não cresce e o setor de serviços, em muitos casos, consegue absorver a mão de obra desempregada pelas manufaturas. Mas, nos países subdesenvolvidos, onde a explosão demográfica aumenta a oferta de mão de obra pouco capacitada, será muito difícil que novas tecnologias criem empregos suficientes. Com isso, a revolução tecnológica começa a entrar em rota de colisão com a explosão demográfica nas sociedades pobres. A nova perversidade da economia global passa a ser o crescimento do PIB com desemprego ou emprego temporário mal remunerado.

Esse debate levanta discussões sobre outro tipo de desenvolvimento: o local. Porém, autores como Mior (2006 *apud* KAGEYAMA, 2008, p. 67) lembram que, apesar da valorização do local, este não poderá ser, sozinho, “portador das qualidades necessárias para o desenvolvimento”. Daí a necessidade, já citada por outros autores nesta dissertação, de reunir elementos locais e não locais na promoção do desenvolvimento.

Em outras palavras, a valorização do local seria a valorização do chamado desenvolvimento endógeno (desenvolvimento de dentro para fora), com a atuação de instituições e organizações regionais-locais. É diferente do modelo exógeno (fora para dentro), cujas ações de desenvolvimento costumam ser pautadas em modelos vindos de fora. Esse olhar para atores e potencialidades locais (desenvolvimento endógeno), poderia abrir passagem para a associação do desenvolvimento econômico com o social. O primeiro associado à geração de empregos, melhoria da renda e aumento da estabilidade econômica. O segundo à conquista de melhorias na qualidade de vida das populações.

Entretanto, autores como Beni fazem um alerta aos que conduzem o turismo cultural em função dos benefícios econômicos. Para o mesmo, fatores como a especulação desenfreada, planejamento inadequado ou inexistente são capazes de destruir uma paisagem, a cultura ou mesmo a identidade cultural das populações de uma comunidade. Afinal, o impacto do turismo sobre a cultura local está constatado em todos os destinos turísticos (BENI, 2006, p. 111).

Beni (2006) assevera que, conforme o planejamento adequado e gestão da localidade, é possível garantir a preservação da história, cultura e patrimônio, resultando ainda em

benefícios como emprego, renda e melhoria de vida da população residente. Caso contrário, poderá dar-se início a um processo de alteração ou degradação da cultura local e do ambiente, prejudicando moradores e diminuindo o interesse dos turistas. Enfim, deve-se atentar para que seja evitada a má utilização ou a depreciação desse potencial que é permanente.

É por isso que o mesmo autor defende que o planejamento turístico deve ser comandado pelo Poder Público Municipal, mas com a participação constante da comunidade que, neste caso, deve conhecer ou reconhecer o valor de seus bens, proporcionando dessa forma um controle democrático sobre a atividade turística. Além de Beni (2006) outros autores asseguram que, antes de potencializar o turismo histórico, patrimonial e cultural de uma determinada região ou lugar, deve-se, antes, resgatar nos moradores aquele sentimento de orgulho pelo seu lugar. Do contrário, nenhum projeto poderá ser bem-sucedido.

Defensora deste mesmo pensamento é Barreto (2003), que afirma ser imprescindível a qualquer população o entendimento sobre o que, de fato, seja cultura. Segundo a autora, a partir dessa compreensão os impactos negativos do turismo poderão ser minimizados, permitindo dessa forma que os impactos positivos sejam potencializados. Com um poder público atuante e uma comunidade fortalecida e defensora de seus bens materiais e imateriais, é possível evitar descaracterizações dos potenciais culturais locais, o que, por vezes, ocorre após a inserção de agentes externos.

Entre as propostas de Beni (2006), para garantir a sustentabilidade cultural e êxito da atividade turística, estão o suporte público à conservação dos elementos característicos e capazes de identificar as comunidades, além de investir na educação da população local, fortalecendo a identidade local e permitindo sua transmissão aos visitantes. Com relação ao patrimônio histórico, o mesmo autor aponta-o como sendo um dos atrativos mais utilizados pelo turismo.

Beni (2006) destaca a manutenção da autenticidade cultural, em que faz uma crítica à banalização da cultura local, muitas vezes provocada, favorecida ou influenciada por processos externos ou interesses econômicos. “A oferta cultural original se transforma em subprodutos que, finalmente, têm pouco ou nada a ver com a realidade cultural e histórica de um destino” (BENI, 2006, p. 114). Uma das linhas de ação defendidas para que se evite essa descaracterização da cultura local é a sensibilização da população sobre a importância, inclusive para o turismo, em se manter a autenticidade cultural.

Em *Turismo Cultural: orientações básicas* (BRASIL, 2010) são considerados como patrimônio histórico/cultural e eventos culturais todos os bens de natureza material e imaterial que possam representar a identidade e memória de uma comunidade. Além de edificações e

sítios arqueológicos, esses bens estão presentes também na música, gastronomia, artes visuais e cênicas, artesanato, festas e celebrações. Já os eventos culturais são caracterizados por serem manifestações temporárias, porém, de grande importância na consolidação da imagem cultural de um destino. Basta lembrar que, normalmente, os eventos culturais sempre costumam atrair um público significativo, em especial para as cidades de menor porte.

Outras formas de expressar a cultura e patrimônio de uma região podem ser vistas por meio da religiosidade. É o chamado turismo religioso. Porém, para sua preservação, há que existir a valorização tanto da população quanto dos gestores culturais e dos empreendedores locais, no sentido de respeitar e promover as formas de expressão da religiosidade de um lugar.

Numa outra ponta, surge o turismo cinematográfico, alicerçado pelos meios audiovisuais, que pode assegurar a visibilidade do local ao mundo, com a possibilidade de gerar emprego (mesmo que temporário) e renda para a comunidade selecionada à produção audiovisual.

Além de movimentar toda uma cadeia produtiva, que envolve desde empreendimentos hoteleiros, alimentação e bebidas, pessoas para figuração e até na área de serviços gerais, o turismo cinematográfico promoverá a imagem do lugar utilizado nas suas locações. Por isso, uma de suas características reside no deslocamento de turistas para os locais que tiveram aparições no cinema ou TV. É o interesse de conhecer pessoalmente o que já fora visto por meio do “olho grande das telas de cinema ou TV”.

Para os locais utilizados nestas filmagens, deve-se aproveitar o momento para mostrar sua história e cultura nos ambientes de gravações. “Clássicos do cinema mundial possibilitaram que locações de filmagens fossem reconhecidas mundialmente, suscitando o desejo de expectadores a viverem as emoções e se deslocarem para os cenários retratados nas produções cinematográficas” (BRASIL, 2010, p. 22). Na Escócia, por exemplo, a realização de filmes, como “Coração Valente”, possibilitou um incremento de 300% no número de visitantes (BRASIL, 2010).

Já em “Contatos Imediatos do Terceiro Grau”, duas décadas depois, o clássico de Steven Spielberg ainda é a motivação de 20% dos visitantes ao *Devils Tower, Wyoming* – EUA. E, em menos de um mês, o filme “Um Lugar Chamado *Notting Hill*” trouxe 10% a mais de pessoas a *Kenwood House*” (BRASIL, 2010, p. 22).

Há que se considerar ainda o turismo gastronômico, um segmento ainda emergente, mas com capacidade de consolidar destinos turísticos nos mais distintos recantos do País. Além da degustação, o turismo gastronômico pode ser proposto, ainda, a fazer com que os

turistas visualizem o preparo desses alimentos ou, quem sabe, experimentem o gosto pela produção dos mesmos.

Além dos roteiros gastronômicos, outros incluem o artesanato, também com oficinas do tipo ver fazendo, que contribuem para que os turistas façam uma espécie de imersão no trabalho dos artesãos ou até mesmo que eles contribuam, de alguma maneira, no processo produtivo.

Em algumas comunidades, o artesanato é também um dos símbolos materiais da cultura, se constituindo num representante legítimo da memória cultural de uma localidade. Essas peças artesanais, produzidas manualmente, e, uma a uma, têm a capacidade de sintetizar os aspectos culturais de uma determinada localidade. É a capacidade manual de simbolizar toda uma cultura numa peça única, singular. É diferente do produto conhecido como souvenir, cuja produção acontece em escala industrial sem àquela preocupação em retratar aspectos de uma localidade.

Não raro, o produto artesanal pode incorporar alguma renovação no formato de suas peças, permitindo-se adequar às normas do mercado. Entretanto, devem-se manter características originais de produção, não permitindo-se perder sua autenticidade. Havendo isto, num município, pode-se ter mais um atrativo como potencial turístico.

Como destacado em Brasil (2010), o produto artesanal é um atrativo não somente pela possibilidade de comercialização, mas principalmente pelo seu processo de produção.

A produção artesanal integra o contexto cultural de um destino e de seus produtos culturais. Ao visitante podem ser oferecidas possibilidades de contato com o artesanato local, seja em termos dos processos produtivos, das técnicas, matéria prima e da identidade (BRASIL, 2010, p. 75).

Para o turismo, esse contato com o processo de produção artesanal é mais uma forma de promover o relacionamento entre turistas e o meio ambiente natural e cultural das regiões nas quais eles interagem. Percebe-se, então, que podem ser variadas as formas utilizadas para expressar a cultura de uma região. Como já apresentadas, essas possibilidades vão desde a gastronomia até a religião, passando pelas atividades culturais e até as formas de uma comunidade se expressar ou utilizar suas áreas para o lazer ou práticas esportivas. Como, no município em estudo, são promovidas atividades fora do espaço urbano, decidiu-se fazer, nesta dissertação, algumas considerações sobre o ecoturismo.

2.6.2 O Ecoturismo

Pensar o ecoturismo é pensar num tipo de turismo em oposição ao turismo de massa. À medida que aumentam as discussões apontando o turismo massivo como agressor do meio ambiente e da cultura, cresce o número de defensores do ecoturismo. Este é apresentado como alternativa capaz de oferecer um turismo contemplativo e defensor da preservação da natureza, das paisagens naturais e da busca por lugares que prezam pela conservação de seus patrimônios e valorização dos povos e culturas locais.

Novamente aqui adotou-se o conceito da OMT, que diz ser o ecoturismo uma forma de turismo de natureza na qual se dá a máxima consideração à conservação do meio ambiente, incluindo a diversidade biológica, os sistemas de vida selvagem e ecológicos. Enfatiza-se ainda a educação dos turistas quanto ao meio ambiente e o modo de conservá-lo (OMT, 2003).

É ainda a OMT que defende ter o ecoturismo potencial para promover o desenvolvimento de áreas que oferecem ambientes naturais interessantes, exóticos e, normalmente, inseridos em lugares mais tradicionais, distante dos grandes centros urbanos. Conforme Costa (2002) o Brasil é conhecido mundialmente por suas belezas naturais, atraindo demandas internas e externas, especialmente para regiões pouco habitadas.

A Embratur (2008) lembra que o termo ecoturismo foi introduzido no Brasil no final dos anos 80, seguindo a tendência mundial de valorização do meio ambiente. Entretanto, foi somente em 1992, mais precisamente no evento Rio 92, que esse tipo de turismo ganhou visibilidade e impulsionou um mercado em franco crescimento.

Em números, esse tem sido o setor da economia turística que mais se desenvolve (ANDRADE, 2010). Segundo Fernandes (2002 *apud* ANDRADE, 2010) a fatia do ecoturismo no mercado global crescerá de 12% em 1995 para 35% em 2020. No entanto, Cabalos (2006 *apud* ANDRADE, 2010) ressalta que, como componente essencial para promoção de um turismo sustentável, o ecoturismo requer uma abordagem multidisciplinar e planejamento cuidadoso, além de rígidas diretrizes e regulamentos, para que seja garantido um funcionamento estável.

Em 1994, com a publicação das Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo, pela mesma Embratur e Ministério do Meio Ambiente, esse segmento foi conceituado como uma atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações (Embratur, 2008).

Para a Embratur, “é possível incorporar recursos naturais ao mercado turístico, ampliando oportunidades de gerar empregos, receitas, impostos e inclusão social e, acima de tudo, promover a proteção desse imensurável patrimônio natural” (Embratur, 2008, p. 13-14). A OMT (2003) defende alguns princípios de planejamento norteadores de atividades neste setor, como o estabelecimento de padrões de carga para evitar o desenvolvimento abusivo de instalações turísticas ou exploração excessiva do meio ambiente pelos turistas.

Em se tratando de sustentabilidade, que defende a prática de um turismo ecologicamente suportável a longo prazo, economicamente viável, assim como ética e socialmente equitativo para as comunidades locais (Embratur, 2008), a OMT (2003) adota ainda como princípio de planejamento a integração das comunidades locais à atividade turística, oferecendo-lhes emprego e renda, e também educando residentes e turistas em relação às culturas locais.

Na visão de Silveira (2001) o turismo pode sim, exercer um importante papel no combate a problemas como o desemprego e a carência de alternativas na geração de renda para uma população, podendo se constituir numa valiosa ferramenta para ajudar no desenvolvimento regional e local, entretanto “qualquer plano de desenvolvimento, antes de ser realizado, deve ser bem pensado e planejado para não provocar a destruição do meio ambiente e não ser desviado dos reais interesses e necessidades da populações envolvidas” (SILVEIRA, 2001 p.134).

Devem ser considerados alguns aspectos, como a sobrecarga das estruturas no caso de número elevado de turistas; problemas como a degradação ambiental, cultural, social e paisagística. Mesmo assim, é uma atividade que, ironicamente, vem crescendo no mundo globalizado. Na tentativa de fuga do estresse diário, muitos buscam os atrativos existentes no campo: alimentos, artesanato, manifestações folclóricas (música, dança), tradições religiosas, atividades recreativas, ecoturismo, esportes de aventura, caminhadas.

Na Paraíba, esse turismo, distanciado das regiões litorâneas, ganhou destaque na década de 1990. Conforme Seabra (2003 *apud* TULIK, 2003), o turismo realizado longe das grandes cidades é uma forma de lazer fundamentada na contemplação de paisagens naturais, no patrimônio cultural e no desenvolvimento social das regiões interioranas do Brasil. Para Seabra (2003 *apud* TULIK, 2003), é uma forma de turismo em que se percebe o exótico, a defesa da valorização da cultura local e almejam-se melhorias na qualidade de vida das comunidades locais.

Enfim, o potencial existente no meio rural é, na verdade, uma cadeia extensa que pode ser percebida em toda a Paraíba. É uma atividade, fora do meio urbano, que pode ser

desenvolvida sem a necessidade de depredações ou modificações em um lugar. Basta apenas ter consciência sobre a importância em manter as tradições, melhorar o que já existe da infraestrutura e não copiar o que os outros têm.

Em se tratando de Cabaceiras, o potencial é confirmado também por pesquisas realizadas por outras instituições renomadas, como a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP). De acordo com o *Mapa de Oportunidades do Estado da Paraíba* (FIEP, 2009), que apresenta um panorama das áreas potenciais de investimento nos municípios paraibanos, além da agricultura e caprinocultura, Cabaceiras possui áreas com potenciais para o turismo cultural, ecológico e de aventura, além de sítios arqueológicos e pinturas rupestres.

Portanto, não nos impressiona o interesse de instituições de apoio e prestação de serviços, como o Sebrae, de atuar neste município com ações voltadas ao desenvolvimento da cadeia produtiva do turismo e cultura.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Iniciou-se esta pesquisa revisitando o referencial teórico, pertinente ao estudo do desenvolvimento e do turismo, objetivando embasar teórica e historicamente a análise das informações levantadas. Como dito anteriormente, o trabalho caracterizou-se como uma Pesquisa Descritiva, por meio do Estudo de Caso único, indicado para compreensão de um fenômeno, e que, entre outras características, traz uma abordagem qualitativa dos fatos.

Conforme Gil (2002, p. 42), as pesquisas descritivas têm como principal objetivo estudar as características de um grupo, de determinada população ou fenômeno,

São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população [...] as pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática.

Com relação ao Estudo de Caso, esta pesquisa ampara-se no que está posto por Yin (2005) que o apresenta como estratégia mais procurada por pesquisadores quando, dentro das suas perspectivas de análises, se encontram fenômenos contemporâneos, inseridos em algum contexto da vida real. No estudo, aqui proposto, tem-se o projeto THCCP, no período 2006-2008 (fenômeno contemporâneo), e a análise da sua inserção no município de Cabaceiras (contexto da vida real).

O Estudo de Caso é, ainda, o método mais adequado para responder às questões do tipo “como” e “por que” ou quando o investigador pretende compreender com maior profundidade a dinâmica do fenômeno, do programa ou do processo. Outra característica do estudo de caso é a possibilidade de utilizar múltiplas fontes de evidência, permitindo-se que os resultados da pesquisa sejam embasados na convergência ou divergência de dados.

Para Yin (2005), um estudo de caso que faz uso de variadas fontes de evidências será muito mais convincente para o leitor, que terá em mãos dados convergentes sobre o fenômeno analisado. Na visão desse mesmo autor, a apresentação de variadas fontes de evidências contribui para que o próprio leitor também faça o seu julgamento. E para que isso ocorra, deverão ser apresentadas tanto as evidências de sustentação quanto as de contestação.

Entre essas distintas fontes de evidências constam, especialmente, duas que não são frequentemente utilizadas noutros meios de pesquisa (YIN, 2005, p. 26-27),

Observação direta dos acontecimentos que estão sendo estudados e entrevistas das pessoas neles envolvidas [...] o poder diferenciador do estudo de caso é sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações - além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional.

Por sua vez, Gil (2002) aponta esse procedimento (busca por variadas fontes de evidências) como sendo fundamental para garantir a qualidade dos resultados obtidos. Para organizar o processo de coleta dos dados, decidiu-se fazer uma divisão da pesquisa em duas fases, denominadas etapas do trabalho de campo. Ambas estão descritas a seguir:

3.1 PRIMEIRA ETAPA

Nesta etapa fez-se uma análise documental. Essa análise foi do próprio Projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano, elaborado pela equipe do Sebrae e parceiros, e disponibilizado pelo Sebrae Campina Grande. Parte desse projeto foi anexada a esta dissertação. Simultaneamente à análise do projeto, realizaram-se dois tipos de entrevistas como instrumento para coleta de dados: estruturadas e semi-estruturadas.

Por meio destas, estabeleceu-se maior aproximação com os sujeitos da pesquisa, possibilitando, dessa forma, o esclarecimento de dúvidas sobre o projeto em questão e os procedimentos adotados para sua execução. Permitiram-se, ainda, conhecer opiniões e avaliações dos participantes sobre as repercussões, do projeto, na economia, cultura e infraestrutura do município.

Para as entrevistas estruturadas, selecionou-se um grupo, formado por 22 pessoas, sendo 17 condutores locais de turismo e cinco guias de turismo. O grupo respondeu a um roteiro de questões predefinidas, sem alterações na formulação das perguntas. As entrevistas aconteceram em Cabaceiras, nos meses de maio e junho de 2011. Os participantes responderam às perguntas, colocadas no questionário (Apêndice E), cujas respostas foram anotadas pela pesquisadora.

Por meio deste procedimento, obtiveram-se dados relacionados à formação e experiência profissional dos guias/condutores; mercado de trabalho; situação trabalhista; suas trajetórias no campo do trabalho e estudos; conhecimento dos mesmos sobre os processos de implantação e execução do projeto THCCP e como foram suas participações nas reuniões promovidas pelo Sebrae em Cabaceiras.

Como não se pretendia trabalhar com esse número de profissionais na entrevista semi-estruturada, decidiu-se, então, pela seleção de dois participantes, deste grupo maior, para a fase seguinte (entrevistas semi-estruturadas). Entre os critérios para esta seleção, considerou-se: ter conhecimento do projeto THCCP; haver participado dos processos de implantação, desenvolvimento ou execução do projeto em Cabaceiras; ter participado dos cursos promovidos durante a vigência do referido projeto; ter conhecimento sobre a economia e cultura local; trabalhar ou já haver trabalhado no segmento turístico de Cabaceiras.

Para as entrevistas semi-estruturadas selecionaram-se 18 pessoas, sendo 17 conhecedoras do projeto THCCP. Os critérios para seleção destas 17 pessoas exigiam, além de conhecer o projeto, haver participado das reuniões ocorridas nos momentos de introdução, desenvolvimento ou execução do mesmo em Cabaceiras.

Outro critério foi selecionar pessoas que fossem referências para tratar de assuntos relacionados ao patrimônio histórico-cultural, realidade sócio-econômica ou infraestrutura do lugar da pesquisa.

Uma exceção foi o representante da empresa de transportes Rio Doce, responsável pelo trajeto rodoviário Campina Grande/Cabaceiras/Campina Grande. Mesmo não sendo conhecedor do projeto, nem da realidade econômica e sócio-cultural do município, este disponibilizou dados sobre a infraestrutura da rodovia PB 160, utilizada no referido trajeto.

Os 18 entrevistados, identificados como sujeitos desta pesquisa, foram os seguintes: dois representantes do Sebrae Paraíba; três empresários de hotelaria de Cabaceiras; dois guias de turismo/condutores de turismo; duas pessoas representantes da comunidade; dois agentes culturais; um representante da Arteza (artesanato); um representante da empresa Rio Doce; e cinco representantes da Prefeitura Municipal de Cabaceiras.

Com relação às entrevistas semi-estruturadas, Triviños (1987 *apud* ARAÚJO, A., 2001) assegura que, mesmo utilizando um roteiro básico de questões, essa técnica permite ao(s) informante(s) contribuir com novas visões e/ou questionamentos, podendo até mesmo provocar a reformulação do problema da pesquisa. Ainda Triviños (1987 *apud* ARAÚJO, A., 2001) defende que, neste tipo de entrevista, os questionamentos podem estar apoiados em hipóteses que interessam à pesquisa.

Para Queiroz (1988 *apud* DUARTE, 2002, p. 147), a entrevista semi-estruturada é uma forma de coletar dados que supõe uma conversação continuada, entre informante e pesquisador, e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos.

As duas entrevistas com os representantes do Sebrae Paraíba foram realizadas em dezembro de 2010, após agendamento prévio, feito por telefone. A primeira com um

integrante da equipe gestora em Turismo e a segunda com um membro da Diretoria Executiva. Por meio do roteiro de perguntas (Apêndice A), buscou-se compreender não apenas como ocorreram os processos de inserção do Sebrae Paraíba no turismo do Cariri, mas também a implantação do projeto THCCP no município de Cabaceiras. Por se tratar de conteúdos mais apropriados à parte referencial e histórica, fez-se a opção por sintetizar as entrevistas e colocá-las ao longo do quarto capítulo.

As outras 16 entrevistas semi-estruturadas seguiram os roteiros que estão nos Apêndices (B, C, D, F, G, H e J) e foram realizadas nos meses de janeiro, fevereiro, junho e agosto de 2011, pela própria pesquisadora. Também se fez o agendamento prévio, por telefone. Em seguida, os encontros aconteceram nos municípios de Cabaceiras, Campina Grande e João Pessoa. Os dados resultantes do total de 18 entrevistas estão descritos, sendo que algumas declarações dos sujeitos participantes da pesquisa foram colocadas, na íntegra, no capítulo 5 desta dissertação.

As entrevistas seguiram um roteiro que envolvia os seguintes pontos: a) conhecimento do projeto THCCP e sua implantação em Cabaceiras; b) atuação dos gestores do projeto; c) reações da comunidade e dos empreendedores do turismo à inserção do projeto em Cabaceiras; d) benefício do projeto quanto à geração de emprego e renda em turismo; e) benefícios do projeto quanto à revitalização da cultura e valorização do patrimônio local; f) benefícios do projeto para a infraestrutura turística e g) comentários e sugestões a respeito de como o projeto poderia ter sido mais bem desenvolvido em Cabaceiras.

Das 18 entrevistas semi-estruturadas, 16 foram gravadas com equipamento digital, após a permissão dos entrevistados, e tiveram duração média de cinquenta minutos. Posteriormente, fez-se a transcrição das gravações, eliminando algumas repetições e introduzindo pontuações conforme falas e pausas dos entrevistados.

Com relação às outras duas entrevistas, uma delas, por motivos particulares, foi respondida por e-mail. Na segunda, realizada com um dos representantes da Prefeitura de Cabaceiras, utilizou-se um questionário com perguntas sobre a economia do município, cujas respostas foram anotadas pela pesquisadora.

Nas entrevistas, a identidade dos sujeitos foi preservada. Para facilitar o processo de identificação, dos participantes desta etapa da pesquisa, foi elaborada a seguinte tabela:

Tabela 1 – Siglas dos Entrevistados

Sebrae – Diretoria	Sebrae1
Sebrae – Gestão em Turismo	Sebrae2
Representante da Arteza	Arteza
Agente Cultural 1	AC1
Agente Cultural 2	AC2
Representante 1 da Prefeitura de Cabaceiras	R1PC
Representante 2 da Prefeitura de Cabaceiras	R2PC
Representante 3 da Prefeitura de Cabaceiras	R3PC
Representante 4 da Prefeitura de Cabaceiras	R4PC
Representante 5 da Prefeitura de Cabaceiras	R5PC
Representante da Empresa Rio Doce	Empresa Rio Doce
Representante 1 da Comunidade	R1C
Representante 2 da Comunidade	R2C
Guia/Condutor de Turismo 1	Guia/Condutor1
Guia/Condutor de Turismo 2	Guia/Condutor2
Empresário de Hotelaria 1	E1
Empresário de Hotelaria 2	E2
Empresário de Hotelaria 3	E3

3.2 SEGUNDA ETAPA

Outro recurso complementar utilizado foi o diário de campo, no qual registraram-se observações e impressões percebidas no momento da inserção no campo empírico. Três notas de campo estão disponíveis no Apêndice M. Nestas notas de campo, constam observações de três das viagens feitas a Cabaceiras, com o objetivo de verificar a infraestrutura turística, além das condições das estradas, nos trechos da rodovia estadual, por onde é feito o trajeto Campina Grande – Cabaceiras e naquelas que ligam a parte urbana do município à zona rural (onde estão pontos turísticos, como o Lajedo de Pai Mateus e o Saca de Lã) e ao Distrito de Ribeira (onde está a Arteza).

Fez-se, ainda, um levantamento com intuito de buscar dados relacionados à infraestrutura turística; empregos; renda e comércio. As fontes utilizadas foram: Jucep, PBTur e Prefeitura de Cabaceiras, por meio da Secretaria de Administração e Finanças e dos Departamentos de Obras e de Turismo.

O objetivo desse levantamento de informações era verificar como ou de que forma a atividade turística estaria contribuindo para o desenvolvimento da cadeia produtiva do turismo, desde o fortalecimento da economia, incentivos ao empreendedorismo, empregos e formação de mão de obra. Dessa forma, foi possível confrontar dados, desse levantamento, com algumas informações obtidas nas entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa.

No Departamento de Obras da Prefeitura coletaram-se dados, de 2010 e 2011, relacionados ao abastecimento de água, esgotamento sanitário, manejo e destino do lixo (Apêndice I). Em seguida, se buscou o Departamento de Turismo, onde o levantamento forneceu dados sobre infraestrutura turística: estradas de acesso até Cabaceiras e desta para pontos turísticos, localizados no meio rural; meios de transporte; sinalização turística; hospedagem; receptivo e lazer (Apêndice L).

Nesse mesmo Departamento, obtiveram-se informações sobre emprego, renda, capacitação e situação trabalhista dos condutores locais de turismo. Sobre a rodovia estadual, que liga Cabaceiras até Campina Grande, os dados foram coletados na Prefeitura de Cabaceiras (Departamento de Turismo) e na entrevista semi-estruturada com um representante da empresa de transporte Rio Doce, cuja sede está localizada na cidade de Campina Grande.

Nesta segunda etapa utilizou-se, como referência, parte dos questionários da Pesquisa de Indicadores de Gestão e Desenvolvimento do Turismo, desenvolvida por Tomazzoni (2009) que reúne, ao mesmo tempo, indicadores de economia, infraestrutura municipal, turística e de serviços gerais, sendo que alguns questionamentos foram adaptados para a pesquisa em Cabaceiras.

Para verificar se houve crescimento no comércio de Cabaceiras (abertura formal de novas unidades) ou dos índices da arrecadação do ISS sobre as atividades turísticas, levantaram-se informações junto à Secretaria de Administração e Finanças (Apêndice K), considerando o marco temporal proposto nesta pesquisa (2004-2010), permitindo-se fazer uma análise, considerando dois anos antes e dois anos após a inserção do projeto em Cabaceiras.

Como os dados fornecidos pela Prefeitura, pertinentes ao comércio local, não estavam consolidados, decidiu-se procurar a Jucep para obter números precisos sobre a evolução da atividade comercial cabaceirense naquele mesmo período. Os dados estão postos em tabelas e quadros, seguidos de suas respectivas descrições e análises.

Como destaca Godoy (1995), apesar das técnicas fundamentais do estudo de caso serem a entrevista e a observação, as demais informações necessárias podem ser coletadas em diferentes momentos e por meio de variadas fontes. Concordando com Godoy, está Minayo (1994, p. 57-58 *apud* ARAÚJO, A., 2001) para quem,

Através desse procedimento podemos obter dados objetivos e subjetivos. Os objetivos podem ser também obtidos através de fontes secundárias: censos,

estatísticos e outras formas de registros. Em contrapartida, os dados subjetivos se relacionam aos valores, atitudes e opiniões dos sujeitos entrevistados.

Com estes dados levantados e entrevistas, estruturamos nossas categorias de análise, objetivando analisar as repercussões do projeto THCCP em Cabaceiras. As categorias trabalhadas foram: O Projeto THCCP (Implantação, Execução e Avaliação) e O Turismo em Cabaceiras (Economia do Lugar, Emprego e Renda em Turismo e Infraestrutura Turística).

A análise dos dados ocorreu conforme o proposto por Yin (2005, p. 177) para quem esse procedimento, nos estudos de caso, pode ser feito por meio do uso de uma narrativa simples (cujas informações podem ser realçadas com tabelas, gráficos ou mesmo imagens), com capacidade para descrever e analisar o caso.

Concordando com Yin, apresenta-se Gil (2002) que afirma ser natural aos relatórios de estudo de caso manter um grau de formalidade menor que o requerido em relação a outras pesquisas. Por isto, sua elaboração sob a forma de uma narrativa é a mais usual, especialmente para os estudos constituídos de um único caso.

Tomando como base o proposto pelos autores, fez-se uma análise descritiva das opiniões e avaliações dos sujeitos participantes das entrevistas, selecionados a participar deste estudo. Os dados coletados na pesquisa foram descritos e alguns resultados das entrevistas estão apresentados em narrativas, sendo que algumas declarações dos sujeitos foram colocadas, na íntegra, objetivando apresentar a visão dos mesmos sobre o processo em estudo.

CAPÍTULO 4

CABACEIRAS: o despertar do lugar para o turismo

4.1 UM MUNICÍPIO E SEUS DIFERENTES POTENCIAIS TURÍSTICOS

A Paraíba tem-se revelado como um promissor destino turístico da região Nordeste, sendo que, nas últimas décadas, os investimentos no segmento da economia se voltaram também para os destinos além-mar. A promoção do turismo de sol e praias ainda é forte, mas a presença de um interior com belezas inigualáveis e rica cultura e patrimônio histórico contribuíram para intensificar a prática de novas modalidades do turismo: cultural, patrimonial, ecoturismo, eventos e de aventuras, entre outros. É nesse contexto que se destaca o município de Cabaceiras, no Cariri paraibano, que, com suas raras belezas naturais e cultura valorosa, vem sendo apreciado, há quase duas décadas, por turistas do Brasil e exterior.

O município de Cabaceiras, que ficou nacionalmente conhecido por ser registrado no local o menor índice pluviométrico do Brasil, com clima de características desérticas, foi “despertado” para o turismo na década de 1990, quando Eduardo Bagnoli, geólogo e empresário de turismo, com atuação no Rio Grande do Norte, esteve no lajedo de Pai Mateus (zona rural de Cabaceiras, distante 25 quilômetros da zona urbana) para fazer uma avaliação em uma mineradora.

À época, o lajedo, localizado dentro de uma fazenda, funcionava como área de extração e beneficiamento de minério (granito). Entretanto, ao chegar ao local, Bagnoli se deparou com o que considerou de beleza inigualável e atrativa para o turismo, logo sugerindo ao proprietário da área, empresários e autoridades locais que o município se tornasse destino turístico para apreciadores do ecoturismo, turismo científico, cultural e de aventuras.

O que Bagnoli viu, pela primeira vez, foram blocos de granito arredondados em formato de conchas. O Lajedo de Pai Mateus ocupa uma área com aproximadamente 1,5 km² e, neste local, estão mais de 100 imensos blocos arredondados de granito. A região é uma das poucas do mundo com características geológicas semelhantes (*Devil's Marbles no Outback Australiano*, *Erongo Mountains* na Namíbia e a região do *Hoggar* na Argélia)¹⁶. Segundo estudiosos, cada uma dessas pedras gigantescas pesa, em média, 45 toneladas, e estão no local há milhares de anos, possivelmente tendo origem vulcânica.

¹⁶ Fonte: <http://www.paimateus.com.br/informacoes/inf.html>



Fotografia 1 - Lajedo de Pai Mateus e Cruzeiro (Crédito: Antônio Ronaldo)



Fotografia 2 - Turistas em visita ao Lajedo (Crédito: Ana Papes)



Fotografia 3 - Lajedo
(Crédito: Antônio Ronaldo)



Fotografia 4 - Turistas em visita ao lajedo
(Crédito: Ana Papes)



Fotografia 5 - Vista do alto do Lajedo (Crédito: Ana Papes)

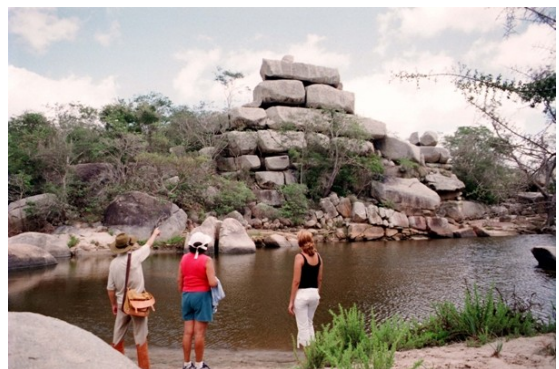
Histórias e lendas contam que o Lajedo teria sido um centro cerimonial ou local sagrado para os povos indígenas pré-históricos que habitaram aquela região. Isso o faz ser considerado, por muitos, como um lugar místico. Já o nome Pai Mateus, contam os guias de turismo e moradores do local, existe para homenagear um curandeiro ermitão, chamado Mateus, que habitou o Lajedo no século XVIII e se recusava a praticar os costumes das pessoas da cidade. Outros contam que Mateus era um fugitivo de senhores nos tempos da escravidão no Brasil.

Após conhecer o Lajedo, ouvir histórias sobre o local e participar de conversas com moradores, Bagnoli convenceu os proprietários da área a mudar de atividade, transformando o local num espaço de exploração não degradável. A insistência de Eduardo Bagnoli, que afirmava ser o Lajedo uma das poucas regiões do mundo com aquelas características, aliada a uma visão futura dos próprios donos da fazenda, que compreenderam a importância de mudar de atividade, possibilitaram os investimentos na construção do Hotel Fazenda Pai Mateus, localizado numa das áreas rurais mais visitadas na Paraíba (o Lajedo de Pai Mateus).

Logo depois, ocorreu a divulgação do lugar, facilitada por meio de uma parceria entre o Hotel Fazenda Pai Mateus e uma empresa de turismo do Rio Grande do Norte, atraindo a curiosidade de turistas nacionais e estrangeiros (a maioria vindos da Escandinávia). O Lajedo de Pai Mateus é também uma Área de Preservação Ambiental (APA), destinada à proteção das riquezas naturais, manutenção da diversidade biológica e preservação dos ecossistemas.



Fotografia 6 - Monumento Saca de Lã
(Crédito: Antônio Ronaldo)



Fotografia 7 - Turistas em visita ao Saca de Lã
(Crédito: Antônio Ronaldo)

Outra área que muito impressiona os visitantes também está na zona rural de Cabaceiras. É chamada de Saca de Lã, também uma formação rochosa natural, composta por rochas sobrepostas que, numa primeira visualização, lembra sacas de lã empilhadas. Esse monumento natural possui mais de 50 metros de altura e está localizado às margens do Rio Boa Vista. As paisagens naturais são ainda compostas por pequenos lagos e plantas nativas da

vegetação típica da caatinga: mandacarus, facheiros e xiquexiques. A visita normalmente faz parte do roteiro dos mesmos turistas e visitantes que vão conhecer o Lajedo de Pai Mateus.

A primeira empresa parceira do Hotel Fazenda Pai Mateus foi a *Manary Ecotours*, do Rio Grande do Norte, especializada em ecoturismo e turismo ecológico. A partir do ano 2000, grupos de turistas europeus, a maioria da Escandinávia, começaram a chegar ao local. A parceria foi mantida até meados de 2005. Hoje o lajedo ainda é visitado por grupos europeus, porém a recepção de turistas brasileiros tem crescido a cada ano.

De acordo com um condutor local de turismo, durante a parceria com a empresa do Rio Grande do Norte, normalmente agendavam-se duas visitas por semana (terças e sextas-feiras), reunindo grupos que variavam entre 30 e 40 turistas (por visita). Os grupos também pernoitavam no Hotel Fazenda Pai Mateus.

Ainda recebemos muitos turistas estrangeiros, mas hoje esse número está bastante reduzido. Muito diferente do que era visto há alguns anos. Hoje acredito que 90% dos turistas que visitam o Lajedo são trazidos pela mídia. Os outros 10% são pesquisadores e professores que visitam para conhecer e estudar o lugar. (Condutor Local de Turismo. Entrevista concedida no Lajedo de Pai Mateus em 29/11/2010)

De fato, o Lajedo de Pai Mateus já foi divulgado em revistas e sites, alguns especializados em turismo. As últimas reportagens nacionais sobre Cabaceiras e o Lajedo de Pai Mateus foram divulgadas ainda este ano. Em 15 de março, pelo site de notícias *Universo Online* (UOL)¹⁷, e outras em junho de 2011, por empresas de TV que estavam na Paraíba no período dos festejos juninos. As mais recentes aconteceram em agosto de 2011, quando confirmado que Cabaceiras e o Lajedo de Pai Mateus seriam cenários naturais de uma telenovela brasileira¹⁸.

Mas Cabaceiras não é rica apenas em belezas naturais. Possui um casario muito bem conservado. Há construções que datam dos séculos XVIII e XIX. Algumas casas são preservadas pelos atuais moradores, que decidiram manter as fachadas praticamente sem reformas. As casas e sobrados podem ser vistos em pequenas ruas e ladeiras da cidade. Campos (2005) destaca a beleza da arquitetura neoclássica do município com referências aos

¹⁷ A matéria divulgada pelo site de notícias UOL, com título “Cabaceiras, no interior da Paraíba, é a roliúde brasileira e terra de outros cenários cinematográficos. Disponível em: <<http://viagem.uol.com.br/ultnot/2011/03/15/cabaceiras-no-interior-da-paraiba-e-a-roliu-de-brasileira-e-terra-de-outros-cenarios-cinematograficos.jhtm>>.

¹⁸ A telenovela citada tem como título *Aquele Beijo*, cuja estréia aconteceu em outubro de 2011, sendo exibida pela Rede Globo de Televisão.

edifícios da Prefeitura Municipal, Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e Igreja do Rosário.



Fotografia 8 - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Crédito: Antônio Ronaldo)



Fotografia 9 - Igreja do Rosário e pavilhão em Cabaceiras (Crédito: Ana Papes)



Fotografia 10 - Prefeitura de Cabaceiras (Crédito: Antônio Ronaldo)



Fotografia 11 - Construção de 1893 (Crédito: Antônio Ronaldo)

Os turistas também costumam conhecer o centro da cidade, onde está instalado, num antigo imóvel, o Museu Histórico e Cultural do Cariri Paraibano, cujo acervo é composto por utensílios utilizados pelos índios cariris, fósseis encontrados na região e objetos doados pela população de Cabaceiras. Também na região central está o Ponto de Cultura, que funciona na antiga cadeia de Cabaceiras (onde, segundo historiadores, o cangaceiro Antônio Silvino¹⁹ ficou preso).

Há ainda o Memorial Cinematográfico, uma espécie de museu do cinema de Cabaceiras, onde estão expostos cartazes, fotografias, reportagens e documentos sobre os

¹⁹ Antônio Silvino – No livro *Antônio Silvino: O Cangaceiro, O Homem, O Mito*. Autoria de Sérgio Augusto de Souza Dantas, Cartgraf, Natal/RN, 2006, o cangaceiro Antônio Silvino é apontado como o mais famoso antecessor de Virgolino Ferreira, o Lampião, nas guerras da caatinga, no alvorecer do Século XX. O período de atuação de Silvino, cujo nome de batismo é Manoel Baptista de Moraes, vai de 1897 a 1914, quando é ferido em combate com a Polícia e, posteriormente, preso. Morre anos depois, em 28 de julho de 1944. Fonte: <<http://www.marcoslacerdapb.hpg.ig.com.br/romero/ro47.htm>>; acesso em 25/03/2011.

filmes rodados em Cabaceiras. Este Memorial foi fundado após o município ganhar fama nacional por suas produções. E não poderia deixar de ser citado o letreiro “*Roliúde Nordestina*”, que fica logo na entrada da cidade e pode ser visto, a distância, por quem vai chegando ao município. O letreiro mede 70 metros de comprimento por três de altura²⁰.

4.2 TERRA ONDE O BODE É REI VIRA CENÁRIO PARA FILMES

Todo esse lugar reservado no Cariri da Paraíba possibilitou a abertura da cidade para o turismo. Como dizem os mais estudiosos e apreciadores da cultura e do turismo, a exemplo do presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Cariri Paraibano, Daniel Duarte Pereira, Cabaceiras já possuía potencial turístico.

Dados da Prefeitura de Cabaceiras estimam que 4 mil pessoas visitam a cidade a cada ano, sendo que o maior atrativo da cidade, para turistas e visitantes (nacionais e estrangeiros), é o Lajedo de Pai Mateus.

No entanto, conforme o Departamento de Turismo da Prefeitura, o município recebe mais de 30 mil visitantes em apenas um único evento, a Festa do Bode Rei, realizada todos os anos e com duração de três dias. O *Bode Rei* acontece da primeira sexta-feira ao primeiro domingo de junho, mês em que acontecem os festejos juninos na Paraíba.



Fotografia 12 - Festa do Bode Rei 2009
(Crédito: Antônio Ronaldo)



Fotografia 13 - Imagem do Bode Rei
(Crédito: Antônio Ronaldo)

²⁰ Fonte: <http://festadoboderei.com/cidade/atracoes-turisticas>. Acesso em julho 2011.



Fotografia 14 - Shows na Festa do Bode Rei (Crédito: Antônio Ronaldo)

Durante a Festa do Bode Rei, Cabaceiras é decorada com réplicas de castelos e muradas reais. As praças são decoradas para receber a residência do “Bode Rei”. O exotismo da festa motiva as reportagens feitas por emissoras nacionais de TV e revistas de turismo. Conforme a Prefeitura de Cabaceiras (2010) a cidade se surpreende a cada ano com o aumento no número de turistas que buscam a festa para descontração. Vale salientar que, diferente do turismo praticado no Lajedo de Pai Mateus, a maior parte dos visitantes e turistas da popular Festa do Bode Rei é do próprio estado da Paraíba.

Outro atrativo turístico, criado para Cabaceiras, foi o letreiro *Roliúde Nordestina*, em 2007. O idealizador do projeto, jornalista paraibano Willis Leal, disse, em discurso apresentado em maio de 2007, que a referência feita à *Hollywood* foi apenas uma estratégia de marketing para transformar Cabaceiras numa espécie de “Pólo Cinematográfico do Nordeste, um cenário ao natural com capacidade para atrair novos investimentos cinematográficos”²¹.

Em Cabaceiras foram realizadas cerca de vinte produções cinematográficas, sendo as mais conhecidas “Cinema, Aspirinas e Urubus”, de Marcelo Gomes; “O Auto da Compadecida”, baseada na obra de Ariano Suassuna e “Romance”, ambas dirigidas por Guel Arraes. Também foram filmados “Canta Maria” e “Eu Sou o Servo”. Mas, foi em 1924 que a cidade recebeu sua primeira equipe cinematográfica. O filme era “A Ferração dos Bodes”.

²¹ Citação extraída da dissertação *Cinema em Cabaceiras: um lugar de produção e a produção de um lugar. Relatos de experiências educativas*, de autoria de Vivian Galdino de Andrade - João Pessoa: UFPB, 2008.



Fotografia 15 - Letreiro *Roliúde Nordestina* – Instalado na entrada do município de Cabaceiras
(Crédito: Ana Papes)

A cidade é ainda considerada privilegiada pelo excesso de luz (luminosidade), e suas características ambientais fazem do local uma cidade cenográfica ao natural. Críticos ao projeto de Willis Leal não aceitam essa referência feita ao município. Eles alegam que não há, de fato, produções cinematográficas em Cabaceiras, como acontece em Hollywood, mas sim a locação do município para filmagens e a utilização de mão de obra local, para atuação como figurante, com pagamentos inferiores aos praticados em outras regiões do País.

4.3 RELIGIOSIDADE E GASTRONOMIA EXÓTICA

A Cabaceiras que é popularmente festeira em junho cede, anualmente, lugar à religiosidade entre os dias finais de julho e primeiro de agosto. Trata-se da Festa de São Bento, seguramente a mais tradicional e antiga do município, realizada há 118 anos. Para saber os motivos da comemoração desta festa religiosa é necessário buscar antigas histórias contadas pelos Cabaceirenses. Segundo Guimarães (2011)²², São Bento é co-padroeiro de Cabaceiras. Contam os mais antigos que, em 1893, um senhor, chamado José Antônio dos Santos, morador do estado de Pernambuco decidiu se estabelecer em Cabaceiras, onde comprou uma pequena propriedade num terreno localizado no encontro dos Rios Paraíba e Taperoá.

Reza a lenda que, quando este senhor começou a preparar a terra para o plantio do feijão, milho e batata (agricultura de subsistência familiar) encontrou e matou, num único dia,

²² A informação é do coordenador do Departamento de Cultura da Prefeitura de Cabaceiras, Paulo Sérgio Guimarães de Aguiar Campos.

cinco cascavéis. Impressionado com o acontecimento, ele foi à sede da então Vila de Cabaceiras, entrou em contato com o vigário da época, Joaquim Enéias Cavalcanti, com quem conversou e, deste encontro, surgiu a ideia dos mesmos fazerem uma promessa: caso as cobras desaparecessem para sempre da região, e da propriedade, seria celebrada uma missa e realizada uma procissão em honra e glória a São Bento. Isto aconteceria sempre na primeira segunda-feira do mês de agosto, por coincidência, a feira do município é realizada sempre às segundas-feiras, o que ajudou a atrair ainda mais a atenção de moradores e visitantes.

A referência à São Bento possui suas razões. São Bento foi um monge italiano (nasceu no ano 480 em Norcia, Itália, e morreu em 547), fundador da Ordem dos Beneditinos, uma das maiores ordens monásticas do mundo. Foi abade de um mosteiro, no norte da Itália e, por exigir dos monges uma vida de muitas rezas e trabalhos, alguns tentaram envenená-lo, colocando veneno de cobra numa taça de vinho. A segunda tentativa, também não exitosa, foi com pão umedecido com veneno de cascavéis²³.



Fotografia 16 - Imagem de São Bento
(Crédito: Antônio Ronaldo)



Fotografia 17 - Cruzeiro ao lado de Igreja – símbolos da religiosidade
(Crédito: Antônio Ronaldo)

Cabaceiras é ainda conhecida como a “Terra dos Cruzeiros”, dos quais os mais importantes são os Cruzeiros da Pedra, do Rosário, do Século, das Missões e da Menina. Os Cruzeiros (grandes cruzes) são símbolos da religiosidade do cabaceirense e a maioria deles está erguida em frente a capelas e igrejas do município.

²³ Contam alguns religiosos, referindo-se ao momento em que tentaram envenenar São Bento com um cálice de vinho, que, quando o mesmo abençoava a refeição, saiu da taça uma serpente e o cálice se fez em pedaços. Na segunda vez, em outra tentativa, São Bento foi presenteado com um pão envenenado, e o mesmo aconteceu, quando um corvo levou, no momento da bênção, o pão envenenado para um lugar distante, onde ninguém poderia encontrá-lo. Fonte: <<http://obrademariabrasilia.com/?p=7212>>. Acesso em: 19/08/2011.

Já a tradição da gastronomia de Cabaceiras, que tem por base a carne caprina, é bem mais recente. Mas sempre chama a atenção dos visitantes pelo sabor e exotismo. Um dos alimentos mais divulgados é a ‘bodioca’, inventada e preparada por uma moradora de Cabaceiras. A especiaria é uma tapioca (alimento típico da culinária nordestina), porém recheada com a carne caprina. Mas há também a pizza de bode, entre outros pratos. Os que preferem um prato mais tradicional, podem se deliciar com a carne de bode, simplesmente cozida ou assada. Para aqueles que preferem uma boa bebida foi produzida, em Cabaceiras, uma com nome bem característico: trata-se do “*Xixi de Cabrita*”, uma espécie de licor, composto por leite de cabra, cachaça, limão e baunilha. A bebida é vendida no comércio da cidade. Outra especiaria é o *Bode no Buraco*, prato típico da região, que pode ser encontrado em restaurantes do município ou no Hotel Fazenda Pai Mateus.

4.4 BREVE HISTÓRICO DE CABACEIRAS

O nome Cabaceiras originou-se de uma planta do mesmo nome, muito abundante na região. A planta cabaceira é rasteira, de folhas grandes e produz o cabaço, um fruto de forma oblonga. Quando seca, serra-se a parte superior do fruto, em forma de gargalo, transformando-o em um recipiente de água, muito utilizado como utensílio doméstico e popularmente chamado de cuia.

De acordo com o IBGE (2010), acredita-se que o primeiro a penetrar no território, onde hoje se localiza Cabaceiras, tenha sido o Capitão-Mor Teodósio de Oliveira Lêdo, em meados do século XVII. Porém, é também indicado o bandeirante baiano Antônio de Oliveira, como o primeiro desbravador do território, que teria dado, em 1670, início a um povoamento em Boqueirão. Este serviria de base à bandeira que se destinava a combater os índios bodopitás e cariris, primitivos habitantes da região.

De uma pequena aldeia, onde havia uma capela dedicada a Nossa Senhora das Cabaças, surgiu o município. Conta-se que Antônio Ferreira Guimarães e Domingos de Farias Castro (apontados como fundadores de Cabaceiras), partindo de pontos opostos, combinaram erguer uma capela no mesmo lugar em que se encontrassem. Nesse lugar se localiza, hoje, a Matriz de Cabaceiras; acredita-se ser este o local onde os dois aventureiros se encontraram e, posteriormente, ergueram a igreja (IBGE 2010).

Segundo Campos (2005), no livro *Ramificações Genealógicas do Cariri Paraibano*, editado em 1989 pela Cegraf, Brasília, de autoria dos irmãos Tarcízio e Martinho Dinoá Medeiros, consta que, em 1735, no testamento de Izabel Rodrigues de Oliveira, mulher do

capitão-mor Domingos de Farias Castro, essa senhora pediu à testamenteira para ser sepultada “nesta capela de Nossa Senhora da Conceição de Cabaceiras”, mais adiante, apontando ainda possuir “bens de raiz, a metade deste sítio de Cabaceiras”. Campos (2005) defende que o fato de o testamento datar o ano de 1735, mostra que o nome Cabaceiras já era reconhecido desde o século XVIII.

O mesmo Campos (2005) nos conta ainda uma história romântica, que, segundo ele, se transformou numa lenda, envolvendo o município de Cabaceiras. Os protagonistas são o capitão Pascácio de Oliveira Lêdo, mulato e sobrinho bastardo de Antônio de Oliveira Lêdo e uma jovem, nascida em uma tradicional família do interior da Bahia. Assim como muitas histórias de amor, contadas pelos séculos XVII e XVIII, a família da moça não concordava com o amor e casamento dos jovens.

Os apaixonados, então, decidiram fugir, sendo incansavelmente perseguidos pela família baiana. Na terceira noite da fuga, chegaram ao Rio São Francisco. Pascácio decidiu então que ambos atravessariam o São Francisco, montados num cavalo e carregando um tição aceso, objetivando chegar ao estado de Pernambuco e, depois, estarem a salvo em terras paraibanas.

Reza a lenda que esse tição aceso caiu no Rio São Francisco (outros contam que Pascácio o deixou cair, de propósito) e assim muitos acreditaram que o casal havia morrido, afogado nas águas do Velho Chico. Entretanto, os dois estavam bem vivos. Atravessaram a Serra da Borborema, chegaram ao município de Boqueirão e, depois, se estabeleceram em terras cabaceirenses. Quando a família da moça soube da verdadeira história, decidiu por “não fazer justiça”, como era comum naquela época. Isto provavelmente porque os Oliveira Lêdo eram grandes latifundiários na Paraíba, portanto, bastante ricos (CAMPOS, 2005, p. 4). Definitivamente livres, o casal teve muitos descendentes que se espalharam pela região e ajudaram a colonizar o interior da Paraíba.

4.5 O LOCAL DA PESQUISA: alguns aspectos geográficos

Os primeiros dados do Censo 2010 revelaram que a população de Cabaceiras ainda é maioria na zona rural. Dos 5.035 habitantes (IBGE, 2010), quase 56% são moradores da zona rural, enquanto 44% estão localizados na zona urbana. O município está numa área territorial com aproximadamente 453 km². De acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD, o município está na microrregião do Cariri Oriental, mesorregião da Borborema, com altitude de 388 m e distante cerca de 166 quilômetros de João Pessoa, capital

da Paraíba. São municípios limítrofes Campina Grande (Norte); Barra de São Miguel e São Domingos do Cariri (Sul); Boqueirão (Leste) e São João do Cariri (Oeste).



Figura 1 - Mapa do Cariri Paraibano – destaque para o município de Cabaceiras

A vegetação é composta de caatinga arbustiva, típica das regiões mais áridas do Nordeste, com cactos, arbustos e vegetação típicos como xiquexique, coroa-de-frade, juazeiro, umbuzeiro e jurema, entre outras.

O município está incluído na área geográfica de abrangência do semiárido brasileiro, definida pelo Ministério da Integração Nacional em 2005. Esta delimitação tem como critérios o índice pluviométrico, o índice de aridez e o risco de seca. As chuvas nessa região são irregulares e esparsas e a temperatura média é da ordem dos 30°. Com menos de 234mm de chuva durante todo o ano, as precipitações ocorrem durante dois ou três meses, sendo possível ocorrer estiagens com duração de até dez meses nos períodos mais secos. Esses números conferiram a Cabaceiras o destaque de município onde menos chove no país.

Em 2008, o Produto Interno Bruto (PIB), per capita a preços correntes chegou a R\$ 4.175,25 e as estatísticas do Cadastro Central de Empresas (IBGE 2009) identificaram 73 unidades estando 316 pessoas formalmente ocupadas. Neste Cadastro Central, estão inseridas tanto empresas da iniciativa privada como da administração pública (escolas, por exemplo).

Com relação ao ensino, os dados oficiais mais recentes mostraram 850 matrículas no Ensino Fundamental e 156 no Ensino Médio. Com relação aos docentes, 60 pertencem ao Ensino Fundamental e 24 ao Ensino Médio (IBGE, 2010). O município possui ainda 3 estabelecimentos ligados aos serviços de saúde (IBGE, 2010).

Mas, para analisarmos com precisão o local da pesquisa, é necessário aprofundarmos nossas impressões sobre Cabaceiras. Essas impressões vão além de números ou informações geográficas, pois se encontram inseridas na cultura local, história e vivência das pessoas,

nascidas ou moradoras em uma das cidades mais antiga da Paraíba, elevada à categoria de Vila, com a designação de Vila Federal de Cabaceiras, pela resolução do Conselho do Governo, de 21 de julho de 1834, confirmada por Lei Provincial nº 11, de junho de 1835, tendo sido instalada no dia 31 de agosto do mesmo ano²⁴.

4.6 O SEBRAE E O INTERESSE PELO TURISMO DO CARIRI

Retornamos, aqui, a focalizar as discussões do processo de desenvolvimento por meio do turismo, um dos setores da economia que, nas últimas décadas, vem, indiscutivelmente, apresentando um dos maiores índices de crescimento. Para isso, especificamos, agora, a forma como o Sebrae se inseriu na economia da região do Cariri e, conseqüentemente, em Cabaceiras.

Para dar início ao modo como o Sebrae penetrou em terras caririzeiras, foi preciso voltar no tempo, nos anos 1999/2000, época em que a diretoria do Sebrae ampliou sua visão acerca do empreendedorismo e decidiu analisar em quais outras regiões da Paraíba poderia ser executado, de forma integrada, um projeto de desenvolvimento sustentável, capaz de ampliar as ações para esse fim, gerar novos negócios e lucros às populações carentes.

Ao entrevistar um dos membros do Sebrae Paraíba (identificado como Sebrae1), instituição responsável pela implantação do projeto THCCP, nos foram explicitados os fundamentos do projeto. Foi confirmado ainda que, inicialmente, a instituição mantinha uma visão mais ampla, não focada exclusivamente no turismo do Cariri Paraibano.

Os primeiros estudos do Sebrae sobre o Cariri analisaram sua geografia; população economicamente ativa; PIB; taxa de analfabetismo; principais culturas; economia produzida na região. Conforme o representante da diretoria do Sebrae, que aqui chamaremos de Sebrae1,

Analisando os dados estatísticos, encontramos, na época, o Cariri paraibano, que era a região (vamos dizer assim) mais desafortunada da Paraíba, ou seja, aquela com os piores indicadores da Paraíba. Tanto que (sic) em nossas discussões com algumas entidades e representantes do Governo do Estado, e outras organizações, encontramos, assim, algumas falas em que as pessoas diziam: por que querer fazer um trabalho na região do Cariri? Aquela é a região mais problemática que tem aqui na Paraíba. Tudo que é feito por lá nunca dá certo. Na época, a diretoria daqui do Sebrae, respaldada pelo seu Conselho, disse: se é a mais problemática, talvez seja essa a região que a gente tenha que atuar mesmo... olhar para ela, porque se fizermos algo nessa região e esse negócio for bem sucedido,

²⁴ Fonte: Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup). <<http://www.famup.com.br/portal/index.php?run=historia>>. Acesso em 21 de maio de 2011.

com certeza também será paradigma, ou referência, para outras regiões também seguirem esse caminho. (Sebrae1)

E ainda,

[...] tiramos um pouco de lado as estatísticas e fomos ver o que essa região tinha de potencialidade que, se bem trabalhado, e se as pessoas caminharem nessa direção, ou seja, poderia fazer alguma diferença nela em termos de mudança da paisagem econômica e social dela. E começamos a fazer alguns seminários na região [...] isso foi o ano de 2000, quase todo foi de seminários, de reuniões na região, chamando as pessoas da comunidade, fazendo uma leitura com elas. No início muito difícil, porque as pessoas sempre viam com uma certa desconfiança, né [...] Havia muita descrença, porque na região já havia tido algumas iniciativas (sic) que foram frustradas. E aí pessoas também ficavam receosas de achar que aquilo era mais uma ação de ordem política, né (sic), do que algo para mudar a região. Mas, isso serviu até, de certo modo, de combustível (sic), o desafio ficou maior. E ficou maior também a vontade de tentar mudar... (Sebrae1)

Portanto, com o propósito de atrair a comunidade, e por se tratar de um projeto que propunha o desenvolvimento sustentável, a equipe do Sebrae Paraíba decidiu fazer um convite à população do Cariri. Nesse ínterim, algumas determinações foram convencionadas: não discutir políticas ou ações de governo atual, apenas possibilidades e/ou sugestões voltadas ao desenvolvimento daquela região e jamais excluir o setor primário da economia, independente das “segundas vocações” econômicas da região ou do modelo de projeto a ser executado. A presença de líderes políticos locais existiu, à época, mas, segundo Sebrae1, não era força maior, visto que a meta da instituição era:

Mostrar às pessoas que, para construir mudanças, num processo de desenvolvimento, era preciso o compromisso de todos de uma comunidade, e não o compromisso apenas de alguns [...] é necessário fazer nossa parte, e dizíamos também ao pessoal que tudo que eles podiam fazer ou mudar estava do lado de lá (da comunidade) e não do lado de cá (fora da comunidade). O papel nosso é muito mais um papel de apoiar, de ajudá-los a construir e não de construir algo para entregar e que também que o compromisso nosso era do tamanho do compromisso deles [...] e, nessa caminhada começamos a puxar (sic) com eles o que poderia ser feito. Nosso olhar e olhar de outras instituições também, não apenas o Sebrae. Fomos identificando com eles e listamos itens, que eles julgavam importantes, e, principalmente itens econômicos (não queríamos saber de obras/de fazer escolas...). Era investir em foco no lado econômico, tá certo? (sic) que pudesse gerar alguma riqueza [...] surgiu caprinocultura, surgiu o turismo histórico cultural porque se tinha uma cultura importante [...] e outra as festividades na região, então se tinha lá um arcabouço desse negócio. (Sebrae1)

Entre esses itens (voltados à inclusão social e que serviram de base para a elaboração de projetos específicos para a região) estavam a caprinocultura, diversificação da base agrícola, desenvolvimento de pequenas empresas, capacitação das comunidades, modernização da gestão, gestão ambiental, artesanato e turismo. Com a decisão de não excluir o setor primário, logo a caprinocultura se tornou o grande eixo estruturante, uma vez que a mesma estava muito presente na região do Cariri.

Por meio da caprinocultura outras ações foram desencadeadas: desenvolvimento do artesanato e investimento nas festividades, como a festa do Bode Rei (Cabaceiras) e do Bode na Rua (Gurjão), além de outras. A proposta, segundo Sebrae¹, seria incorporar algo que pudesse alcançar grande parte da população, cotidianamente, mas tendo como alvo o campo econômico, a geração de riqueza. Por isso a ideia de trabalhar com o setor caprino, um produto já conhecido do caririzeiro.

Foi dentro desse contexto que se trabalhou, inicialmente, o *Pacto Novo Cariri*, um compromisso verbal do povo caririzeiro cujo objetivo era fazer uma gestão compartilhada das ações e promover o desenvolvimento sustentável daquela região. O Pacto Novo Cariri (criado antes do projeto THCCP), foi também organizado pelo Sebrae Paraíba, em parceria com representantes de prefeituras e outras organizações, com a proposta de identificar vocações e promover a capacidade criativa de moradores daquela região, estabelecendo formas de trabalho que considerassem a estiagem e o clima seco característicos.

Por meio do Pacto Novo Cariri foi então formado um grupo, denominado Kiriry²⁵, cuja missão seria pensar o desenvolvimento cultural daquele território, cabendo então às prefeituras caririzeiras, e respectivos moradores, fazer o mesmo trabalho com vistas ao desenvolvimento dos seus municípios. O grupo Kiriry, que existe até hoje, reunindo pessoas ligadas à cultura, mantinha representantes para atuação em áreas específicas: música, teatro, danças, literatura e poesia, patrimônio histórico, cinema e educação, entre outras.

Com o passar dos anos, o Pacto Novo Cariri rendeu novos frutos à região, além de outros projetos específicos e destinados àquele território (nas áreas da caprinocultura, artesanato, turismo e cultural), sempre elaborados numa parceria entre o Sebrae, lideranças locais e a comunidade. Entre estes projetos estava o Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano, pensado para resgatar, revitalizar e apoiar a cultura dos municípios pertencentes ao *Pacto*, promovendo, dessa forma, o turismo nessas 31 localidades caririzeiras participantes.

Uma dessas localidades foi Cabaceiras. Para Sebrae¹, Cabaceiras já apresentava um potencial turístico próprio, desde os anos de 1990, atraindo turistas do Brasil e exterior,

²⁵ Kiriry, grafia na língua Tupi. Kiriry significa Cariri, elemento quieto; taciturno.

principalmente pela existência do Lajedo de Pai Mateus. Havia ainda no local a exitosa Festa do Bode Rei e a produção artesanal da Arteza, mantida desde 1998, produzindo peças feitas a partir de peles de caprino, comercializadas no Brasil e exterior.

A festa do Bode rei trouxe, inclusive, Cabaceiras para o cenário nacional. Porque, a partir dela, num dado momento, ela foi mídia nacional em todas as redes de televisão do Brasil inteiro. Uma coisa original; uma coisa diferente, que até hoje tá lá (sic). Para o município foi algo muito importante. Depois veio o Auto da Compadecida, o filme de Guel Arraes, que foi outro que deu (sic) à Cabaceiras uma visibilidade muito grande [...] A população entendeu isso. E ajudou a população. (Sebrae1)

Para outro técnico do Sebrae (aqui identificado como Sebrae2), o que Eduardo Bagnoli descobriu em Cabaceiras, na década de 1990 (Lajedo de Pai Mateus), foi “apenas um equipamento turístico”. Para Sebrae2, a “gêneses” (sic) do turismo em Cabaceiras começou antes mesmo da Festa do Bode Rei, com um trabalho que vinha sendo realizado no segmento da caprinocultura: seus alimentos produzidos com a carne caprina, o leite de cabra e também do artesanato feito com couro caprino, que é centenário naquele município.

Aliado a isso, destacou Sebrae2, está um trabalho de mídia, o que faz Cabaceiras, ainda hoje, ser conhecida como a Cidade do Bode Rei. Somente depois (2007) surgiu a Roliúde Nordestina. Para este entrevistado, a Festa do Bode Rei, a Roliúde Nordestina, associadas à qualidade do equipamento turístico do Hotel Fazenda Pai Mateus (que já recebia turistas nacionais e estrangeiros), a topografia e o *ar bucólico do município* fizeram com que Cabaceiras fosse a referência para o projeto THCCP,

Isso tudo deu visibilidade a Cabaceiras. E (penso) que quando nós chegamos com o projeto de turismo, na verdade, nós não estávamos querendo desenvolver turismo em Cabaceiras. A partir da possibilidade...e aí eu sou muito...é...não é nem questão de humildade, é de reconhecimento, Cabaceiras, na verdade, no início do nosso projeto, era das cidades do Cariri a única que tinha visibilidade turística...faltava a questão de que, a partir de Cabaceiras [...] a ideia era um pouco essa também [...] dar essa mesma visibilidade as demais cidades do Cariri. (Sebrae2)

E, mesmo destacando outros potenciais turísticos, existentes em Cabaceiras, no decorrer da entrevista, Sebrae2 volta a citar o Lajedo de Pai Mateus, apontando-o como principal atrativo turístico da região:

O projeto veio para, a partir de Cabaceiras, e inclusive usando um pouco essa coisa de Cabaceiras, que ainda hoje o nosso maior símbolo turístico da região é o Lajedo de Pai Mateus, então, a partir de Cabaceiras, este

município vem, na nossa visão, ser a base para o desenvolvimento do roteiro. Eu não consigo ver o roteiro Cariri sem a inclusão da cidade de Cabaceiras. (Sebrae2)

Ainda segundo Sebrae2, à época da implantação do projeto THCCP, Cabaceiras era, das cidades do Cariri, a única já detentora dessa visibilidade e credibilidade turística, além de possuir projeção nacional:

Nós quando viemos para cá, para trabalhar o turismo no Cariri, a cidade que foi o espelho para o desenvolvimento e para formação da roteirização, foi Cabaceiras. Ela já tinha (sic) tudo [...]. já tinha projeção, já tinha o exercício da possibilidade e tinha a credibilidade. (Sebrae2)

Conforme o Sistema de Informação de Planejamento (SIPLAN, 2008), entre as prioridades estratégicas do Sistema Sebrae para o projeto THCCP, estavam articular políticas públicas voltadas para o desenvolvimento das micro e pequenas empresas (MPEs), promover a educação empreendedora e a cultura da cooperação, consolidar e aprimorar a Gestão Estratégica Orientada para Resultados (GEOR) e promover o acesso a mercados interno e externo.

A GEOR visa apoiar as decisões estratégicas de cada projeto, por meio do gerenciamento e monitoramento, feitos pelo Sebrae e instituições parceiras. O sistema permite que beneficiários de projetos, como também a comunidade, façam o acompanhamento de todas as ações desenvolvidas e resultados alcançados, contribuindo com a qualidade e transparência dos projetos desenvolvidos (SEBRAE, 2011).

Para a diretoria do Sebrae Paraíba (2010), o olhar sobre o Turismo em Cabaceiras surgiu desses potenciais, porém, sempre evitando envolver qualquer proposta de desenvolvimento com a política da região. Sebrae1 destacou que qualquer projeto de desenvolvimento sustentável deve ser estudado, analisado e gerenciado pela própria comunidade, evitando, dessa forma, que mudanças na situação política do município enfraqueçam projetos já implantados. No caso da implantação do projeto THCCP, Sebrae1 confirmou que, na época de sua estruturação, a presença da equipe do Sebrae era uma constante, sendo posteriormente mais pontual. *Mas tudo continua crescendo bem. (Sebrae1)*

O modelo de desenvolvimento, proposto pelo Sebrae, envolvendo a participação de todos e a presença da comunidade local, vai ao encontro do que é sugerido pela OMT, que acredita na prosperidade e sustentabilidade do turismo, partindo da presença e cooperação de

todos em ações que vão do planejamento à execução e gerenciamento de planos de desenvolvimento.

Para a OMT (2003, p. 97-98), o envolvimento das comunidades é essencial em todo processo de desenvolvimento turístico, pois, somente dessa forma haverá entendimento entre as partes envolvidas e maiores condições de se conquistar benefícios. Outra vantagem é que ninguém melhor que a própria comunidade para conhecer sua área, sendo imprescindível sua participação no momento de sugestões e análises voltadas à formulação de projetos.

Ainda a OMT (2003, p. 33-34) defende que, em áreas onde o desenvolvimento do turismo ainda é recente, o poder público ou autoridades locais é que deverão assumir o principal papel como articuladores na busca dessa cooperação. A OMT (2003, p. 86) destaca ser essencial no processo de planejamento e implementação do desenvolvimento turístico manter uma coordenação e cooperação entre os setores público e privado, permitindo que as ações sejam direcionadas ao alcance de objetivos comuns.

Com mais ênfase, a OMT destaca que, no processo de planejamento e desenvolvimento turístico, é papel do poder público o investimento em programas de educação e treinamento, assim como a colocação de funcionários públicos, do governo, nas funções de gerenciamento turístico, incluindo as áreas de planejamento, desenvolvimento e pesquisa estatística (OMT, 2003, p. 95).

Em se tratando de desenvolvimento, temática maior desta pesquisa, a diretoria do Sebrae Paraíba entende que este é um processo integrado, que requer um olhar sobre o território em todas as suas dimensões, não apenas geográfica ou física, mas também humana, ou seja, um olhar para perceber como as pessoas agem sem perder sua identidade. Sebrae1 encerrou sua ideia assegurando que, desenvolvimento e sustentabilidade não ocorrem quando se olha apenas por um viés (seja o econômico, meio ambiente ou cultural), ou por outros fatores isolados. Para Sebrae1,

Desenvolvimento e sustentabilidade ocorrem quando se olha para um conjunto de coisas [...] como o investimento na qualidade de vida [...] é preciso executar obras no sentido do ser humano, na mudança que possa causar nele e nos outros, e uma preexistência de que todos da comunidade entendam sua importância. Fazer também com que a comunidade possa ser o grande sujeito da oração e não apenas objeto (sic), que é o que normalmente acontece. Para nós é isso. É resgatar nessas comunidades o que há de potencial e o que se pode fazer de melhor. O Cariri, que não tava (sic) no mapa turístico entrou no mapa turístico do Estado [...] Em apenas dez anos a situação mudou e hoje tudo é diferente. (Sebrae1)

4.7 O PROJETO TURISMO HISTÓRICO CULTURAL NO CARIRI PARAIBANO

É dentro desse município, com rica cultura histórica, patrimonial e natural, portanto, com potenciais turísticos já existentes, que surge o Sebrae com a proposta de implantação do Projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano, discutido com prefeitos da região do Cariri, empresariado local, Organizações Não-Governamentais e instituições financeiras, como o Banco do Nordeste. Depois, o projeto foi apresentado e discutido com comunidades locais. A gestão do projeto seria coordenada pelo Sebrae.

Antes, ainda em 2001, os resultados de pesquisa da empresa ARC Consultoria, contratada pelo Sebrae, revelaram que a região do Cariri dispunha de diversidade cultural e potenciais que permitiam o desenvolvimento do turismo. Além das belezas naturais destacavam-se os sítios arqueológicos e a gastronomia da região. Sebrae salienta que essa pesquisa revelou, ainda, potenciais econômicos nas áreas de artesanato, agricultura, e caprinocultura, verificando-se ainda o turismo nos setores de eventos e em atividades voltadas ao meio ambiente.



Fotografia 18 - Peças da Arteza fabricadas com couro caprino (Crédito: Antônio Ronaldo)

A implantação do Projeto THCCP ocorreu no ano 2006, em 31 municípios do Cariri Paraibano (Alcantil, Cabaceiras, Caraúbas, São Domingos, Barra de São Miguel, Boa Vista, Riacho de Santo Antônio, Santa Cecília, Caturité, Barra de Santana, Sumé, Boqueirão, Taperoá, Assunção, Monteiro, Serra Branca, Camalaú, Amparo, Ouro Velho, Prata, Zabelê, São Sebastião do Umbuzeiro, São João do Tigre, Congo, Coxixola, São João do Cariri, São José dos Cordeiros, Santo André, Livramento, Parari e Gurjão).

Entretanto, apesar do nome proposto (*Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano*) dar indícios de um trabalho voltado à formação sobre a cultura e/ou patrimônio da região, com algumas ações voltadas para este propósito, verificou-se, na análise do Projeto do Sebrae, que seu objetivo geral estava em desenvolver a cadeia produtiva do turismo e cultura

no Cariri paraibano. De fato, como apontado anteriormente por Sebrae1, o foco principal estava nos negócios, na geração de riquezas.

Ainda no projeto, constavam oito diretrizes estratégicas do Sebrae Paraíba, entre as quais destacamos a que previa atuação, local e setorial, em arranjos e cadeias produtivas nos territórios, com potencial para geração de emprego, renda e inclusão social.

Outras diretrizes seriam promover aumentos da competitividade e dos resultados das micro e pequenas empresas, por meio do acesso à inovação, tecnologia, mercado, serviços financeiros, informação e educação empreendedora, com ênfase na implementação da Lei Geral; fortalecer parcerias com instituições públicas, privadas e do terceiro setor, objetivando estimular conhecimentos e recursos à implementação de ações de apoio às micro e pequenas empresas.

O público alvo do projeto eram empreendedores que atuavam nos segmentos do turismo e cultura, com foco em atividades voltadas aos setores de eventos, hospedagem, alimentos e bebidas, transportes, produção artística e gestão de processos culturais. O foco estratégico do projeto estava em melhorar a governança do território na condução do turismo; minimizar a degradação do patrimônio histórico, cultural e ambiental; ampliar a oferta turística; promover a interface entre cultura, produção artesanal e turismo e, por fim, melhorar a infraestrutura turística. Por meio dessas estratégias, se buscavam os seguintes resultados:

- 1) Aumentar o número dos eventos culturais territoriais de 11 para 15, até dezembro de 2006; de 15 para 19, até dezembro de 2007 e de 19 para 22, até dezembro de 2008;
- 2) Aumentar em 5% o número de pessoas ocupadas na hotelaria dentro do território do Cariri, até dezembro de 2006; 7% até dezembro de 2007 e 9% até dezembro de 2008;
- 3) Aumentar o fluxo turístico em 10% no ano de 2006; 10% no ano de 2007 e em 10% em 2008;
- 4) Implantar 03 novos produtos culturais, no ano de 2006; 03 no ano de 2007 e 03 novos produtos culturais, no ano de 2008.

Entre as ações tomadas para chegar a esses resultados, estavam a realização de cursos, palestras, seminários e capacitações nas áreas de gestão do turismo e preservação do patrimônio histórico e cultural; consultoria tecnológica para gestão de empreendimentos turísticos culturais; gestão, monitoramento e avaliação do projeto, que seria a mobilização do

público-alvo e de parceiros, visando o envolvimento e comprometimento no projeto; acesso ao mercado, por meio da participação em feiras, workshops e divulgação da região em eventos de turismo e rodadas de negócios; e, por fim, a mensuração dos resultados.

Cerca de 30 ações estavam relacionadas ao projeto, algumas voltadas à área educacional. Entre as executadas, constam a realização do Festival de Teatro do Cariri; levantamento de atrativos no ambiente natural e rural do Cariri; Seminário de fundação da Associação de Turismo Rural do Cariri; Oficinas de Artes dentro do território do Cariri; cadastro dos sanfoneiros do Cariri; Festival de Cinema do Cariri Paraibano; participação em feiras de turismo.

Numa avaliação informal, realizada em 2009, pela Gerência do Turismo do Sebrae Paraíba – unidade Campina Grande – cinco municípios se destacaram no período de atuação do projeto THCCP. Foram os municípios de Boqueirão, Taperoá, Monteiro, Boa Vista e Cabaceiras. No caso de Cabaceiras, destacou Sebrae2, a repercussão positiva era esperada em função do município já ser reconhecido como potencial turístico.

Por meio do Projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano, Cabaceiras recebeu cursos e oficinas de capacitação turística, entre outras ações. Foram ainda promovidos encontros com a população, no intuito de sensibilizá-la sobre os potenciais turísticos da cidade e promover a capacidade empreendedora no segmento turístico. A Cabaceiras, como cidade turística, foi ainda divulgada, nacionalmente, pelo Sebrae, por meio dos salões de turismo realizados em todo o Brasil.

Enfim, os potenciais turísticos estavam comprovados e a oportunidade em ampliar a cadeia produtiva do turismo e cultura estava lançada. Mas, como o município, seus moradores, empreendedores e trabalhadores foram beneficiados? Os resultados previstos com a implantação do projeto foram alcançados, proporcionalmente, no município em questão? Por meio das análises, postas a seguir, será possível fazer algumas considerações.

AS REPERCUSSÕES DO PROJETO TURISMO HISTÓRICO CULTURAL NO CARIRI PARAIBANO NO MUNICÍPIO DE CABACEIRAS

Como mencionamos anteriormente, esta pesquisa não se propõe a questionar as potencialidades ou viabilidades turísticas de Cabaceiras. Estas podem ser comprovadas por especialistas e empreendedores do turismo, ou simplesmente por viajantes e apreciadores de uma natureza exótica, cultura e patrimônio únicos e característicos de uma região. Resta-nos, agora, compreender, embasados no entendimento, opiniões e avaliações dos sujeitos participantes dessa pesquisa quais foram as repercussões verificadas, na economia e cultura de Cabaceiras, após a implantação do Projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano.

Este capítulo está estruturado em dois momentos. No primeiro, consta a descrição e análise do caso a partir das informações recolhidas junto aos sujeitos desta pesquisa: agentes do lugar e protagonistas que apresentaram suas impressões sobre a inserção do projeto THCCP em Cabaceiras. No segundo momento, constam novas descrições, embasadas nos dados levantados junto às instituições oficiais e observações também realizadas ao longo da pesquisa no campo empírico.

5.1 SOBRE A INSERÇÃO DO SEBRAE E SUA METODOLOGIA DE TRABALHO

5.1.1 O Entusiasmo Inicial

Mesmo não constando entre os objetivos deste estudo, decidiu-se por apresentar uma visão dos sujeitos desta pesquisa sobre a inserção do Sebrae em Cabaceiras e da metodologia de trabalho utilizada na aplicação do projeto. Os que, desde o início, acompanharam a introdução do referido projeto no município, destacaram ter sido grande a expectativa da população, visto que Cabaceiras já era bastante conhecida e visitada, mas, principalmente, em função do Lajedo de Pai Mateus (propriedade particular). A proposta do Sebrae possibilitaria fazer com que, a partir de então, todo o lugar fosse, igualmente, beneficiado com o turismo.

E essa possibilidade de ampliação dos potenciais turísticos gerava, ainda, perspectivas de crescimento na oferta de empregos e aumento da renda, como ainda a oportunidade para que novos empreendimentos, pertinentes à atividade, fossem criados. Essa expectativa foi ampliada a partir dos discursos implantados anteriormente à inserção do projeto.

O discurso institucional do Sebrae, acompanhando o da Prefeitura de Cabaceiras, entre outras instituições parceiras, conseguiu ir ao encontro do que a população cabaceirense tanto ansiava: gerar novas oportunidades de emprego e renda por meio do turismo.

Essa fase, que apontava o turismo como salvador da economia Cabaceirense, nos lembra Krippendorf (2009) cuja visão era negativa quanto à inserção desta atividade em regiões de menor poder aquisitivo. Para este autor, a defesa do turismo como redentor da economia faz com que populações de lugares, financeiramente carentes, aceitem, quase que incondicionalmente, propostas colocadas por terceiros, sem posicionar um olhar crítico.

O que está ressaltado pelo referido autor pode ser percebido em muitos planos de governo, sejam estaduais ou municipais, que inserem propostas de desenvolvimento por meio do turismo sem análises anteriores, criando expectativas que, nem sempre, são alcançadas.

Um dos agentes culturais entrevistados (identificado como AC1), e participante de quase todas as reuniões, relacionadas ao projeto THCCP, lembrou que, por se tratar de uma instituição renomada, foram geradas muitas expectativas por parte da população ainda nos primeiros encontros com a equipe do Sebrae. Para os moradores, a inserção do projeto representava perspectivas de melhorias significativas para o município e seus moradores. Expectativa, essa, inicialmente concretizada quando, por intermédio do Sebrae, Cabaceiras passou a integrar o roteiro turístico da Paraíba,

Recordo que, no momento, foi feito um mapeamento histórico, cultural e turístico de Cabaceiras, que não havia sido feito, ainda, uma catalogação desse tipo. E foi quando o município entrou no roteiro turístico do estado da Paraíba e a fazer parte do calendário de eventos do Estado (AC1).

O Sebrae e seus gestores já eram conhecidos no Cariri, como também do município, em função de ações desenvolvidas anteriormente à inserção do projeto THCCP. Ações estas, que garantiram a estes gestores ampla receptividade em Cabaceiras, como ainda a garantia de que o proposto (no projeto THCCP) otimizaria a atividade turística local.

O segundo agente cultural entrevistado (AC2) recordou que, entre as ações executadas no Cariri, anteriores à implantação do projeto e que contaram com o apoio e parceria do Sebrae, estavam a criação do Instituto Histórico e Geográfico do Cariri²⁶, incentivo e fortalecimento do turismo, início do processo de tombamento de alguns prédios existentes na região, além de trabalhar para que igrejas e casarões não fossem reformados ou demolidos.

²⁶ O Instituto foi fundado em dezembro de 2005, no município paraibano de São João do Cariri.

Conforme os dois agentes culturais, das reuniões participavam representantes da Prefeitura e da iniciativa privada (comerciantes locais, profissionais e empreendedores do segmento turístico), da Igreja, alguns moradores do município e integrantes de movimentos culturais. A base dos encontros centrava-se em discussões sobre o fortalecimento da cadeia produtiva do turismo, aspectos da história e cultura locais, ações que poderiam ser promovidas em benefício do turismo, além da apresentação de propostas que poderiam ser implementadas ao projeto.

Segundo um dos representantes da comunidade (R1C), como em Cabaceiras a atividade turística era realizada desde 1990, existiu nas reuniões uma espécie de troca de informações e relatos de experiências dos moradores e profissionais que já atuavam na cadeia produtiva do turismo.

A expectativa sobre geração de empregos e melhoria da renda da população, por meio de investimentos no turismo, atraiu também o público jovem, com interesse em trabalhar com o turismo e, por meio deste, conquistar uma renda mensal.

Muitos desses jovens decidiram participar dos cursos de capacitação, oferecidos à época. O curso de Condutor Local de Turismo foi o mais procurado por esse público. Também empolgados com a presença do Sebrae, empreendedores locais procuraram aumentar o investimento em seus negócios. O segundo agente cultural (AC2) lembrou que,

Houve uma evolução das reuniões, com vários cursos de capacitação. Algumas pessoas se entusiasmaram, outras melhoraram suas hospedagens, outras melhoraram restaurantes [...] houve incentivo e o fortalecimento do turismo e de hotéis [...] além do mapeamento foi iniciado o processo de tombamento de alguns prédios existentes em todo território do Cariri (AC2).

Cursos de capacitação nas áreas de turismo, negócios, comércio, artesanato, gastronomia, recepção e de condutores de turismo foram realizados paralelamente às reuniões, mantidas entre o grupo do Sebrae, parceiros e participantes da comunidade. Outros foram mantidos ao longo da vigência do projeto THCCP (2006/2008), sendo que alguns cursos costumavam acontecer em períodos específicos, como na realização da Festa do Bode Rei.

Alguns entrevistados relataram que a maioria dos cursos mantinha um direcionamento mais voltado à parte técnica e profissionalizante. Já as discussões pertinentes à cultura e ao patrimônio local eram ministradas, normalmente, por membros do Grupo Kiriry²⁷.

²⁷ Como dito no capítulo 4, o grupo Kiriry foi criado anteriormente ao Projeto THCCP, ainda no Pacto Novo Cariri, e reuniu pessoas que já trabalhavam com a cultura do Cariri. O grupo Kiriry, segundo AC2, fomentou novas ações no âmbito cultural caririzeiro, como também reforçou as que já existiam.

Além do repasse de conhecimentos e treinamentos, outro benefício, apontado nesta fase inicial, foi a presença de Cabaceiras em eventos e congressos regionais e nacionais de turismo. Como exposto na fala de um dos integrantes da Prefeitura de Cabaceiras (R5PC), essa presença em eventos contribuiu para aumentar a divulgação do potencial turístico do município e a fortalecer as relações do Sebrae com a população e empreendedores do setor,

Eram cursos muito interessantes. Eram muitas instruções, muito repasse de conhecimentos. Participamos também de muitos eventos de turismo, muitos congressos de turismo. Isso nos ajudava a divulgar nosso potencial turístico. (R5PC)

Dessa maneira, manteve-se, nos encontros, uma visão sempre positiva do turismo, prática comum, e utilizada até esta década, que aponta a atividade como aporte à geração de empregos e riquezas. Entretanto, como enfatiza Dias (2003), esse discurso, defendido por planejadores de negócios turísticos, vem sendo contestado, desde a década de 1970, por estudiosos do fenômeno do turismo.

Conforme foi apontado por alguns dos entrevistados, passada a fase eufórica, nos meses seguintes foi sendo reduzida a participação da comunidade cabaceirense nas reuniões e demais encontros realizados. Alguns sujeitos associaram esse desinteresse à falta de motivação, por parte do Sebrae, que direcionou suas ações aos participantes mais atuantes no setor turístico, a exemplo dos trabalhadores ou empresários.

Na opinião do agente cultural (AC1) e de um representante da comunidade (R1C), partindo de suas experiências no processo, essa desmotivação ocorreu porque, em muitos encontros, a metodologia de trabalho costumava ser basicamente a mesma: dar continuidade às discussões iniciadas anteriormente e planejar novos cursos de capacitação, mostrar o que era o turismo e como desenvolver a cadeia produtiva desse segmento da economia.

Para ambos, a continuidade dessa metodologia de trabalho e dos discursos proferidos por integrantes do Sebrae, acabaram por transformar as reuniões em encontros repetitivos, em que, praticamente, não havia mais lugar para o novo, para o estímulo e a garantia de retorno dos participantes. Percebemos uma união de discursos nas falas seguintes:

Era a questão deles apresentar (sic) o projeto e nós apresentávamos o que existia no município, a atuação de cada ator. E as secretárias municipais como estavam envolvidas. Havia os potenciais mostrados por eles e o que a gente mostrava aqui e o que ia sendo descoberto aos poucos, afinal era um estudo que fazíamos a todo momento. As reuniões eram sempre nessa mesma dinâmica. (R1C)

Depois, nas reuniões, se discutia sempre a questão da importância do turismo, coisas como fazer turismo, como empreender, como pequenos comerciantes e poder público poderiam trabalhar a questão turística, um blá, blá, blá (sic) de sempre, e muitas pessoas até se recusavam a participar porque acabava sendo tudo muito repetitivo [...] a participação do Sebrae se dava no contexto de indicar, esclarecer caminhos, mas parava nisso [...] Também não sei se houve, de certa forma, pouca vontade política que as coisas acontecessem de forma diferente. (AC1)

De fato, a presença nas reuniões foi mantida por parte de alguns empresários de hotelaria, integrantes do segmento cultural, jovens participantes dos cursos de condutor local de turismo (muitos dos quais já começavam a atuar no setor turístico local), e de representantes da Prefeitura. No caso dos representantes da administração municipal, a intenção era contribuir para que o projeto THCCP atingisse seu objetivo: desenvolver a cadeia produtiva do turismo e cultura.

A proposta de atrair a atenção da população foi lançada. Porém, as discussões, involuntariamente, ou não, caminhavam mais na direção dos já atuantes no segmento. Daí, houve certo desinteresse por parte daqueles que não se enquadravam na categoria de empresário, nem nas de representantes da Prefeitura ou de trabalhadores (reais ou potenciais) para o setor turístico.

Para alguns sujeitos da pesquisa, possivelmente o projeto THCCP não conquistou maior repercussão porque o segmento educacional, em que, normalmente, está a população mais jovem da cidade, não chegou a ser contemplado. Ora, é sabido que uma educação de qualidade deve considerar as especificidades e potencialidades do lugar, permitindo que, desde cedo, a população seja conscientizada da sua responsabilidade na tomada de decisões.

O integrante da Prefeitura de Cabaceiras (R5PC) disse que o projeto do Sebrae era tão rico que parte do mesmo previa desenvolver a conscientização da comunidade escolar para o turismo. A proposta, segundo o mesmo, chegou a ser apreciada pelas diretoras de estabelecimentos educacionais, que pretendiam envolver a temática do turismo por meio da interdisciplinaridade. Mas, segundo o mesmo, a proposta não saiu do papel. Um dos agentes culturais considerou essa ausência como uma falha,

Isso aí é uma das falhas. Falha até pela questão que, na época não se pensou como chegar. Se bem que houve. Eu me lembro que teve alguns cursos do Sebrae, no início, tinha uns cursos de turismo voltados exclusivamente para a questão com professores. [...] foi uma falha porque esse produto não chegou nas escolas. Houve até alguns cursos de turismo, na época do Pacto Novo Cariri, mas voltados a professores de escolas públicas. Era preciso que isso fosse discutido o ano todo nas escolas [...]

mas é um problema porque, se você não começa a estimular o jovem com relação a isso aí (cultura e turismo), então essa geração tá perdida. [...] onde está essa memória, tem que estar neles (estudantes) e não nos livros. É verdade...essa é uma das lacunas. (AC2)

Para um dos representantes da comunidade cabaceirense, além das escolas o Sebrae poderia ter firmado uma parceria com as universidades, públicas ou privadas, possibilitando que mais pesquisas científicas fossem realizadas em Cabaceiras, com a vantagem de unir o município à instituições de ensino superior,

O Sebrae poderia ter ampliado a parceria com as universidades, não ficando preso apenas à Prefeitura. Inovar também na questão da pesquisa junto às universidades. Ampliar a parceria com o setor de ensino e outros interessados na questão do desenvolvimento regional sustentável, trabalhando mais essa questão da dinâmica do turismo e desenvolvimento. Fazendo esse elo, porque, se o turismo for bem trabalhado, poderão ser trabalhadas questões da economia, da história, cultura, social e tudo mais para se trabalhar. (RIC)

Conforme a OMT (2003), a presença da comunidade, com todas as suas representações, é essencial para o desenvolvimento de qualquer plano turístico, visto que a mesma é a melhor conhecedora da área turística e da própria sociedade. A mesma OMT (2003) ressalta a responsabilidade de conscientizar a população a respeito da sua importância como defensora do patrimônio local (cultura, meio ambiente, história) o que pode ser conquistado por meio da educação. A instituição acredita que essa conscientização sobre o turismo pode ser institucionalizada, a partir da incorporação desse debate ao currículo escolar.

Deve-se, ainda, esclarecer às comunidades envolvidas os reais benefícios e problemas que o turismo pode causar, possibilitando um planejamento mais partilhado e adequado à realidade e interesses dos residentes.

Com relação à educação, Krippendorf (2009) defende-a como importante meio promotor dessa conscientização. Para o autor (2009, p. 198) seria desejável que as regiões de origem e as receptoras dos turistas colaborassem na criação desses meios de informação. Entretanto, o mesmo afirma que esse *ainda é um campo pouco explorado pela pedagogia*.

A exceção está no ensino profissionalizante em turismo (crescente a cada ano, como mostrado no capítulo 2), porém, mais voltado à capacitação técnica que para a formação intelectual da população. Ao turismo, uma criação do mundo capitalista, costuma dar-se mais ênfase à formação técnica/profissionalizante que ao pensamento crítico sobre esse fenômeno.

Como nos lembra Rejowski (2002), desde a década de 1990, o Sebrae já promovia, em todo o País, ações de orientação e capacitação à empresários e, posteriormente, a trabalhadores de negócios turísticos. A importância era dada mais ao turismo como negócio que à análise do fenômeno. Também raras são as reflexões sobre a repercussão desse turismo frente à cultura.

5.1.2 O Sentimento de Orgulho pelo Lugar

Tomando como base o nome do projeto *Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano*, decidiu-se questionar, junto aos sujeitos, como a equipe gestora do projeto THCCP havia trabalhado com a população e representantes da cadeia produtiva do turismo, o (re)conhecimento e valorização dos potenciais culturais e históricos do município, promovendo nestas pessoas o chamado “resgate do orgulho pelo lugar”. O propósito era analisar as repercussões ocorridas na cultura do lugar, tendo como fundamento as falas dos sujeitos da pesquisa.

Como a atividade turística em Cabaceiras era exercida desde os anos de 1990²⁸, em função dos potenciais naturais e, depois, pela repercussão nacional do filme *O Auto da Compadecida*²⁹, com maioria das cenas gravadas em Cabaceiras e participação de moradores locais atuando como figurantes, criou-se a expectativa de que outros potenciais turísticos do lugar seriam potencializados a partir da inserção do projeto THCCP. Entre esses potenciais pode-se citar o casario do século XVIII; a gastronomia trabalhada a partir da carne caprina; festas religiosas e regionais, a exemplo da Festa de São Bento e do Bode Rei e o artesanato.

Os sujeitos da pesquisa relataram que houve, do Sebrae, interesse em preservar e valorizar o patrimônio histórico-cultural, sendo muitas dessas discussões apresentadas em palestras, reuniões e cursos. Porém, segundo depoimentos, em meio às falas dos gestores do Sebrae a temática principal, normalmente, se voltava à questão dos negócios e empreendedorismo no campo turístico, sendo reduzidas as intervenções direcionadas à cultura.

Encontraram-se falas favoráveis, outras nem tanto, ao trabalho desenvolvido pelo Sebrae ao longo dos três anos de execução do projeto. Alguns sujeitos, em suas falas, chegaram a associar a promoção do trabalho com a cultura ao Grupo Kiriry, e não à

²⁸ À época, o turismo foi iniciado com foco nas belezas naturais da região e existência do Lajedo de Pai Mateus. A década também foi marcada pela expansão mundial do turismo, com inserção de novos destinos e novas formas de fazer turismo. Destacam-se o turismo de aventuras, ecoturismo, de negócios e eventos, entre outros.

²⁹ Relembrando que o Projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano teve início em 2006 e foi concluído em 2008, em 31 municípios localizados naquela região.

instituição gestora do projeto THCCP, conforme se pode verificar na fala de um dos agentes culturais,

O grande avanço foi mesmo o resgate da História. O que é ser caririzeiro, entender o Cariri. Hoje percebo que as reuniões têm maior presença das pessoas. Então o pessoal está mais organizado. Antes, nas reuniões, participavam cinco, dez pessoas. Hoje há reuniões com até 70 pessoas. Hoje há mais apego quando a discussão é o território do Cariri. O grande produto desse projeto é o Caririzeiro. (AC2)

Mais adiante,

Sim...Esse projeto, gerado a partir do grupo Kiriry, ele já aconteceu um pouco depois disso que falei. Era como se houvesse uma lacuna, havia o filme, o cenário, o gestor a cidade³⁰, mas faltava o envolvimento maior da população e dos gestores. E daí o grupo Kiriry conseguiu fazer isso. Surgiram pessoas interessantes, da própria Cabaceiras, que estavam meio que esquecidas e passaram a ser lideranças que foram surgidas desse período. (AC2)

Ora, mesmo AC2 ressaltando que foi positiva a passagem do Sebrae por Cabaceiras, justificando que, após esse ocorrido, os moradores passaram a ter posições mais críticas quanto à gestão da cultura e patrimônio locais, o mesmo nomeia o grupo Kiriry como *o que conseguiu fazer isso*. Permite-se, com isso, avaliar que o projeto serviu mais como mobilizador de pessoas que promotor desse resgate cultural. A fala aponta para o Kiriry como revelador desse sentimento de orgulho, possivelmente por seus integrantes serem da própria região do Cariri e já manterem uma atuação com a cultura deste território.

Para outros sujeitos, a conquista desse sentimento de orgulho pelo lugar não chegou a ser concretizada em função da brevidade com que as ações foram tratadas pelos gestores do projeto THCCP. Essa brevidade não permitiu que a população, e alguns representantes da cadeia produtiva do turismo, absorvessem, por completo, entendimentos mais aprofundados sobre cultura e patrimônio local. Para R5PC, essa descontinuidade enfraqueceu algumas ações voltadas à revitalização da cultura local, e discussões que poderiam ser ampliadas foram, aos poucos, sendo reduzidas,

O projeto do Sebrae foi bom para iniciar, mas não para dar continuidade. O projeto ajudou nisso “orgulho”, sim o projeto ajudou, sim. O projeto iniciou bem, mas é aquele negócio...não deu continuidade e com essa falta

³⁰ Nesse momento, o representante cultural se refere ao filme *O Auto da Compadecida*, a arquitetura de Cabaceiras e ao prefeito que administrava o município quando o projeto do Sebrae foi implantado.

de continuidade, conseqüentemente, não permaneceu como era para permanecer. Porque, dentro de um projeto, assim como tudo em nossa vida, a gente inicia, tem uma perspectiva que dê continuidade e, nessa continuidade, vá crescendo aos poucos. E isso não aconteceu no projeto do Sebrae. O projeto começou, iniciou, teve seu momento de auge, mas nesse momento era para cada vez mais ir se ampliando. E isso não aconteceu e, em determinados momentos, era como se ele (o projeto) nem existisse (R5PC).

As colocações anteriores foram acompanhadas na fala de outro agente cultural (AC1), para quem, essa presença do Sebrae começou a ser pontual e ocorrida em momentos estratégicos,

Isso foi observado pelos participantes, que a passagem do Sebrae dava-se mais em períodos festivos, quando vinha se trazer a marca Sebrae. Especialmente isso era visto na Festa do Bode Rei. Além disso, alguns trabalhos feitos por meio de simpósios, fóruns, reuniões com poder público municipal, representações do comércio local, mas tudo de forma breve, passageira. (AC1)

Em outras observações, AC1 aponta que essa brevidade permitiu um *tratamento superficial* às discussões pertinentes à cultura e patrimônio do lugar. Este destacou que, mesmo após a passagem do Sebrae, ocorreram algumas modificações e pequenas reformas em construções históricas de Cabaceiras, como Igrejas e residências. Essas ocorrências, na avaliação de AC1, demonstram ser questionável a intensidade das ações pertinentes à cultura,

[...] então essa conscientização não ficou muito forte na população. Não houve uma preocupação maior, nesse sentido, acredito que por parte de muitas instituições governamentais. (AC1)

Sobre a preocupação em promover o resgate do orgulho pelo lugar, o mesmo entrevistado apresentou um discurso ainda mais crítico,

Veja bem...há essa preocupação no discurso. Eu sempre senti isso no discurso. É porque eles têm uma obrigatoriedade de dizerem tal coisa. No que diz respeito à questão do processo de valorização, isso tudo sempre esteve presente no discurso, até porque faz parte do projeto e do processo. E é do interesse deles que o patrimônio se mantenha preservado, até porque a cultura terá material para vender ao turismo, para entregar para o turismo para que o turismo venda. (AC1)

Sabe-se que, numa comunidade, a promoção de mudanças e reordenação de ações carecem de investimentos na sua população. Não financeiros, mas de conscientização, capazes de modificar estruturas organizacionais, na maioria das vezes já solidificadas. Não há como promover desenvolvimento sem um “envolvimento” com a cultura do lugar, respeitando, claro, as diversidades. E esse envolvimento requer ações, não apenas discursos.

No entender de Araújo, T. (2000), também é impraticável promover mudanças em prazos mais curtos. Para a mesma autora, a promoção do desenvolvimento, em especial o desenvolvimento sustentável, pode ser alcançada a médio e longo prazos, visto que, para atingir essa meta, são necessárias reformulações na base estrutural das sociedades, tarefa jamais executada num prazo mais curto.

Na fala de outro representante da Prefeitura de Cabaceiras (RIPC), perceberam-se contradições nas colocações. Estas se iniciaram em defesa do projeto do Sebrae mas, momentos depois, apontaram para algumas necessidades pertinentes às questões culturais.

De início, RIPC disse que o projeto contribuiu para o surgimento desse orgulho pelo lugar. Contudo, após uma pausa na fala, declarou que esse sentimento de orgulho deveria ter sido trabalhado não somente para eventos populares, que atraem atenção da imprensa local e nacional, mas também para eventos locais, como as festas de São João e São Bento. Vejamos:

Acredito que sim. Primeiro porque algumas pessoas tinham até vergonha de ser cabaceirenses. Isso porque Cabaceiras não tinha quase nada. Hoje muitas pessoas têm orgulho de dizer que são Cabaceirenses. Tudo isso, fruto de projetos do Sebrae, Prefeitura e do Ministério da Cultura. Parceiros que viram que a cidade merecia isso. (RIPC)

A contradição, no segundo momento da fala,

... Mas, culturalmente falando, temos muita cultura, mas precisamos ainda de uma força maior nessa parte cultural. Acho que até o próprio Sebrae pode nos ajudar nessa parte. A gente precisa de dar (sic) mais uma ênfase à cultura local porque não queremos deixar morrer nossa cultura, nossa tradição [...] por exemplo, a festa do Bode Rei cresceu muito, numa proporção tão grande que o nosso São João, que é tradição, já deu uma diminuída, caiu muito [...] e precisamos resgatar o São João [...] conversei com outras pessoas e disse: o que vamos fazer pra melhorar, pra resgatar o nosso São João que é tradição na região e no município? Precisamos pedir socorro a alguém. E vamos procurar o Sebrae para isso. É o que a gente está tentando fazer, resgatar o São João tradicional mesmo, com brincadeiras típicas, comidas típicas, quadrilhas que dá (sic) alegria ao povo e forró pé de serra. (RIPC).

Discursos divergentes, inseridos na fala de um mesmo sujeito. Fala que remete a uma constatação preocupante: apesar da inserção do projeto, cujo título remete à ideia de valorização da história e cultura, aspectos característicos do lugar da pesquisa foram pouco trabalhados. Estudiosos do fenômeno turístico, como Beni (2006), ressaltam que um planejamento turístico inadequado pode extinguir a identidade cultural de uma comunidade. Para o autor, é necessário evitar a má utilização ou depreciação de potenciais que são permanentes.

Na fala do segundo representante da Prefeitura (R2PC), percebe-se um discurso defensor da atual gestão municipal. O mesmo aponta o Sebrae como importante à capacitação da mão de obra e parceiro em ações técnicas. A Prefeitura, por sua vez, é apresentada como promotora de ações destinadas à valorização e preservação da cultura do lugar da pesquisa.

O discurso de R2PC é, normalmente, posto na primeira pessoa do plural (nós ou a gente), em que reúne a ele próprio, comunidade e Prefeitura de Cabaceiras. Em sua fala, percebe-se, ainda, a associação do resgate do orgulho pelo lugar à presença de Cabaceiras no cinema e na mídia nacional, promovendo o que chamou de novo olhar à cidade:

Cabaceiras não ficou mais conhecida através do projeto. Mas, assim, antigamente as pessoas tinham Cabaceiras como a questão de ter vergonha porque era a cidade que menos chovia. Hoje em dia, em Cabaceiras, há um orgulho da cidade. Isso porque, desde que Cabaceiras foi vista na mídia pela questão do cinema e de se aproveitar e de mostrar o lado bom da cidade, como a cidade onde a luminosidade é melhor, boa para fotografar, boa para filmar. Então esse outro lado, de aproveitar o cabaceirense para inserir sua população nos filmes e nas participações, deu-se um novo olhar para Cabaceiras. Então mudou a partir desse novo olhar, de ver do potencial positivo da cidade, porque antes se falava muito das coisas ruins. Mas a Rede Globo conseguiu colocar as coisas boas. Então mudou a visão. Hoje em dia as pessoas têm orgulho de ser de Cabaceiras e de se defender.
(R2PC)

Segundo R2PC, o trabalho de conscientização sobre a riqueza cultural e patrimonial fez com que a Prefeitura de Cabaceiras fosse reconhecida e premiada. Vejamos:

Cabaceiras, desde antigamente, já é reconhecida pela sua própria história, arquitetura, os prédios históricos e a conservação. É uma das cidades mais antigas da Paraíba. E pelo apoio local do prefeito, então aconteceu o desenvolvimento das atividades. O município de Cabaceiras já ganhou três vezes a questão do prêmio Prefeito Empreendedor por ações que valorizam a cultura, turismo e o empreendedor e por ações de desenvolvimento do município diretamente [...] Tinha os pontos fortes da cultura [...] viu-se que Cabaceiras, que já estava bem encaminhada e desenvolvida, e a proposta

do Sebrae veio para poder desenvolver, fortalecer e divulgar esses pontos mais fortes, além de oferecer cursos. (R2PC)

E para enfatizar a presença da Prefeitura Municipal como fortalecedora da cultura e o Sebrae como instituição capacitadora de mão de obra, continua...

Então, a partir disso, em 2005, a gente queria deixar de ser figurante para sermos protagonistas destas ações. Então, foi quando buscamos parcerias com o próprio IPHAM, Banco do Nordeste, Sebrae e Governo Federal e a gente começou (sic) a investir e o próprio Sebrae a investir no fortalecimento da mão de obra local. Começamos a qualificar em cursos de teatro, dança, produção de audiovisual, fotografia [...] Esse sentimento de pertencimento e de orgulho pela cidade começou com o cinema. O Sebrae ajudou nas capacitações, em profissionalizar as pessoas. (R2PC)

O dito por R2PC pode ser somado à fala de outro integrante da Prefeitura (R5PC) que apontou o projeto THCCP como incentivador às capacitações técnicas, destinadas à profissionalização dos trabalhadores em turismo. Já as discussões sobre cultura e patrimônio foram atribuídas a um subgrupo³¹, existente antes da implantação do projeto, e citado anteriormente por AC2 como um importante promotor da cultura caririzeira. Vejamos:

Pelo menos assim, do que lembro foi a questão da capacitação. Teve também uma preocupação na questão de valorizar mais o negócio da caprinocultura, da feira de bode, do leite caprino. Mas, especificamente, o projeto do Sebrae deu maior ênfase na área de cursos. De capacitação. Com relação à questão da cultura e patrimônio, bem, no projeto existiam vários subgrupos e cada subgrupo ficava com um responsável por uma área, por exemplo, tinha o grupo da educação, da história, da cultura e o Daniel Duarte que ficava à frente com a questão do patrimônio e história. (R5PC)

Julga-se, por meio destes depoimentos, que houve do projeto maior interesse em contribuir na formação técnica/profissional que propriamente intelectual. É por isso que Beni (2006) defende que o planejamento turístico tenha, no comando, o poder municipal. Porém, a comunidade deve estar, sempre, presente. Mas, para que este planejar obtenha, de fato, êxito, é imprescindível, a todos, o reconhecimento sobre o valor de seus bens.

Todavia, esse reconhecimento de todos parece não ser, ainda, uma realidade, conforme as palavras do segundo representante da comunidade (R2C). Para este, que por ser educador

³¹ O subgrupo citado é o Kiriry, existente desde a criação do Pacto Novo Cariri, citado anteriormente, no capítulo 4 desta dissertação.

trabalha, diariamente, com dezenas de pessoas, a população cabaceirense ainda é carente de esclarecimentos e de discussões mais profundas, relacionadas à história e cultura do lugar,

O projeto do Sebrae trouxe benefícios. Mas, acho que ainda tem muito a se fazer, mas, de qualquer forma, o primeiro pontapé já foi dado. Acho que falta às próprias pessoas do lugar se envolver mais. Isso é até questão de ainda não acreditar. Falta de consciência com relação à sua história. Mas, acho que ainda pode melhorar. Falta ainda esse sentimento de pertencimento, de valorização, por parte da população. (R2C)

Depois, ressaltou que, se existisse em Cabaceiras uma formação cultural mais intensa, as tradições e hábitos, passados de geração para geração, não sofreriam abalos por modelos ou padrões apresentados pela mídia,

Acho que ainda valorizamos ainda mais o que está fora do que o que temos aqui [...] Acho que se deve procurar mais, tem que se envolver mais com a história e com sua identidade. Para criar uma identidade própria. Que a gente tem essa identidade, mas que tá lá (sic) guardadinha lá num canto [...] a gente tem também muita concorrência, que é a mídia, que mostra que isso está em outro lugar e a gente acha que lá está bom, mas às vezes nem está tão bom assim. Às vezes aqui está bem melhor. É aquela coisa, que santo de casa não faz milagre, às vezes até milagre tem, mas as pessoas não acreditam e acham que o do outro está melhor. (R2C)

Para conquistar essa compreensão, apresentada na fala de R2C, faz-se necessário concordar com o proposto por Beni (2006), que defende a inclusão da educação turística nas escolas, especialmente as públicas, para que a todos seja oferecida a oportunidade de estudar a cultura e os potenciais de onde residem. Essa prática pode reduzir os riscos de descaracterização de um lugar, visto que, é da escola que saem os futuros gestores.

É ainda por meio da educação que poderão ser afloradas visões críticas a determinadas ações de marketing que, associadas a algumas informações jornalísticas, apresentam lugares como se estes fossem meros produtos vendáveis. E, nesta condição de vendáveis, apresentam-se sem riscos aparentes, sendo tratados como “casos de sucesso”. Como defende Furtado (1981), ciência e educação, reunidas, podem transformar pessoas em cidadãos mais críticos.

Possivelmente, por manter essa visão crítica, um dos agentes culturais declarou que existiu, do Sebrae, uma apresentação apenas superficial dos potenciais culturais e patrimoniais, sendo apontada a necessidade de preservá-los e valorizá-los em benefício do turismo:

Até acompanhei isso em todo Cariri e observei o seguinte: eles mostraram alguns caminhos, deixaram claro quais seriam as metas e pontos a serem

trabalhados. Mas, não vi um maior empenho na questão prática em sentido algum. Eles vieram aqui, explanaram, mostraram todos os potenciais através de palestras sobre o que o Cariri e o que Cabaceiras tem; como trabalhar com tudo aquilo, mas, em contrapartida, não vi o Sebrae investir nesse sentido e trabalhar isto. Eles lançaram o projeto mas, em contrapartida, não vi bem o papel do Sebrae nessa questão cultural. Falta muito incentivo para dar visibilidade a tudo isso. (AC1)

Com base no exposto, acredita-se, portanto, ser indispensável educar culturalmente uma população, o que permitiria reforçar a identidade do lugar e transmiti-la às gerações futuras. Essa compreensão deveria ser considerada (e executada) nos projetos e políticas públicas, privadas ou alternativas, destinadas ao turismo. Aparentemente, essa atenção foi pouco expressiva por parte do projeto THCCP, visto que, muitos sujeitos associaram o trabalhar a *formação cultural da população* com *divulgar a cultura do lugar*, esta última voltada às ações de mídia e marketing³².

Contudo, não se estranha essa associação, uma vez que, alguns gestores do Sebrae, referências em se tratando do projeto THCCP, costumam fazer a mesma associação, conforme pôde ser visto no capítulo quarto desta dissertação, cujos trechos estão reproduzidos a seguir:

A festa do Bode rei trouxe, inclusive, Cabaceiras para o cenário nacional. A partir dela foi mídia nacional, num dado momento, em rede nacional de televisão [...] depois veio o Auto da Compadecida [...] que também deu a Cabaceiras uma visibilidade muito grande. A população passou a entender isso. E ajudou a população. (Sebrae1)

Outras falas, expostas no capítulo 4, destacaram ainda o trabalho de mídia que faz Cabaceiras, ainda hoje, ser conhecida como a Cidade do Bode Rei. Por conta dessas colocações, decidiu-se elaborar um subitem para descrever e analisar as associações entre o investir na formação cultural com o investir em ações de marketing.

5.1.3 Formação Cultural ou Promoção Midiática?

Para alguns sujeitos da pesquisa, a valorização do patrimônio cabaceirense foi fortalecida porque o Sebrae, durante a execução do projeto, intensificou a divulgação dos atrativos de Cabaceiras na mídia, em eventos regionais e nacionais de turismo. Nas falas, esse

³² Adotou-se, aqui, como conceito de mídia, os meios e canais de comunicação: jornal, revista, rádio, televisão, sites de notícias, *outdoor*. Neste contexto, seriam as informações jornalísticas (*não pagas*), veiculadas nesses meios. Por marketing entendem-se as ações voltadas ao desenvolvimento, apreçamento, distribuição e promoção (*paga*, grifos da pesquisadora) de produtos e serviços, e que visa à adequação destes ao mercado. (Ferreira, 2010).

(des)entendimento é evidente. Para R1PC, a iniciativa foi louvável. Porém, exercendo sua função de representante oficial do município, defendeu também as iniciativas da Prefeitura Municipal, a qual, segundo o mesmo, *já trabalhava a valorização da cultura local*. Vejamos:

O turismo cresceu porque o Sebrae fez um trabalho de divulgação do município porque todos os eventos que o Sebrae ia, levava os roteiros para serem divulgados. Ajudou muito, contribuiu muito. Apesar da gente já ter uma certa valorização pelo turismo local, era algo que já vinha sendo trabalhado. Então o Sebrae melhorou isso, aperfeiçoou isso. (R1PC)

Nas falas seguintes de R1PC, é perceptível seu “encantamento” com o Sebrae, não apenas por seu envolvimento com a instituição, mas também porque a mesma possui recursos financeiros e *know-how* que facilitaram a presença de Cabaceiras em eventos de porte nacional,

Quando fazemos divulgação, as pessoas sempre demonstram interesse em conhecer. Até em São Paulo, em salões do artesanato, as pessoas ficam com interesse em nos conhecer. É que, além da nossa cultura, temos os nossos atrativos que chamam a atenção das pessoas E o Sebrae sempre está conosco nesses momentos. (R1PC)

Esse “encantamento” pôde ser visto em outros depoimentos de R1PC. É como se, além de defender a gestão municipal, da qual faz parte, mantivesse um cuidado especial no tratamento ao Sebrae, possivelmente temendo romper a parceria existente entre instituição e Prefeitura de Cabaceiras, que, juntas, costumam promover eventos e capacitações:

Houve sim, um trabalho do Sebrae com relação à história e cultura. Principalmente com relação à divulgação da Festa do Bode Rei. O Sebrae sempre é nosso parceiro, então, com o projeto houve mais ênfase e credibilidade e contribuiu muito para que continuasse nossa cultura e o turismo aqui na cidade. (R1PC)

No entanto, na fala de outro representante municipal, percebe-se, novamente, a defesa do trabalho realizado pela atual gestão, destacando as ações do Sebrae como contribuintes à divulgação de ações, já executadas pela Prefeitura:

A questão do Sebrae ajuda ao evento. Sebrae é parceiro na contribuição, em ações, em palestras. Mas o evento por si só já é grande e já aconteciam (sic). Eles (Sebrae) são mais um espaço para que nós possamos divulgar nossas ações. (R2PC)

Possivelmente, as associações que unem o investir ou trabalhar a cultura local com o divulgar a cultura local, têm por base a própria política do turismo, que, mesmo antes de preparar e instruir a comunidade sobre os potenciais culturais ou turísticos do lugar, enfatiza a competitividade. E as ações de mídia e de marketing são fortes instrumentos para essa finalidade.

Essa visão, que antepõe os investimentos em mídia e marketing, ao trabalho de conscientização e formação cultural dos sujeitos do lugar, pode acarretar prejuízos. Esse é um problema verificado não apenas no planejamento voltado aos municípios de menor porte, como Cabaceiras, mas, também em cidades maiores.

Coriolano (2006) apresenta como exemplo políticas públicas de turismo, implementadas no estado do Ceará, em que seus planejadores questionavam o motivo pelo qual ainda era pequena a entrada de turistas naquele estado. As respostas, dos próprios governos, voltavam-se aos investimentos, numa proporção sempre maior, em ações promocionais e de marketing. É a comunicação institucional com foco, não em qualidade, mas, na quantidade de pessoas aptas a visitar o lugar turístico.

Os efeitos negativos, causados por investimentos mal planejados em ações de marketing, já foram sentidos em Cabaceiras, como nos relatou (RIPC), numa contradição aos seus discursos anteriores, que apontavam a mídia como benéfica à promoção da cultura e patrimônio do lugar;

A mídia enfeita muito. Houve casos aqui em que turistas disseram ter visto uma coisa em casa e quando chegaram aqui acharam tudo muito diferente. Outra vez um grupo de uma escola saiu daqui chateado porque disseram a eles que havia uma cachoeira no município. Onde eu ia arrumar uma cachoeira para essas pessoas? (RIPC)

Para Ouriques (2005, p. 111), a “comercialização da cultura local” se transformou num dos produtos da indústria do turismo. Um incentivo que existe, não somente por parte da mídia informativa, mas também das ações de publicidade que, rapidamente, conseguem transformar lugares em mercadorias.

5.1.4 Potencial à Criação de Novos Eventos e Produtos Culturais

E qual repercussão, em Cabaceiras, de outros resultados previstos do projeto THCCP, como aumentar o número de eventos culturais e promover a implantação de novos produtos culturais? Mesmo sabendo que estes resultados eram previstos para os 31 municípios

participantes do projeto do Sebrae, buscou-se identificar se alguma ação, neste sentido, foi promovida no município em estudo, visto que o mesmo apresentava potenciais para ações nesse sentido.

O agente cultural (AC2), com atuação nos 31 municípios de abrangência do projeto, disse, na entrevista, não recordar se foram executadas mudanças no calendário de eventos ou introdução de novos produtos culturais em Cabaceiras, especificamente.

Por outro lado, a representante da Prefeitura (RIPC) destacou o empenho do Sebrae com relação à festa do Bode Rei, ressaltando que o evento já existia, mas melhorou muito com a vinda do Sebrae. Tomando uma posição mais crítica, outro agente cultural (AC1) confirmou esse crescimento na promoção e divulgação da Festa do Bode Rei, em detrimento de eventos mais tradicionais do município. Quando questionado sobre o surgimento de novos eventos ou produtos culturais na passagem do projeto THCCP, AC1 respondeu:

... Não. Pelo contrário. O que tô (sic) notando e observei e comentava isso com diversas pessoas, envolvidas no contexto cultural do município, é que o Bode tornou-se o foco principal, o centro da nossa cultura, uma vez que é um evento de massa. A festa de São Bento foi enfraquecida, que é a festa mais antiga e mais tradicional do município, com 118 anos de realização. Ela pode até acabar, mas, enquanto ela existir é a mais tradicional. E também com o nosso São João de Cabaceiras e o São Pedro de Ribeira. Eu costumo dizer que o Bode engoliu tudo. Eu acho que tem que ser repensado e reformulada essas situações aí (sic). Reformular esses conceitos que temos aí de cultura, da preservação histórica do município, de patrimônio histórico, dos nossos bens materiais e imateriais. E a gente tem que analisar por esse ângulo aí pra que haja um equilíbrio. Que a festa do Bode Rei é uma festa de importância sim, mas, se comparada a uma festa de 118 anos (São Bento), o Bode Rei não é nada. Porque é um evento de massa, uma festa de mídia e não é tradição cultural jamais. Não faz parte da história e das raízes de Cabaceiras. Foi uma festa trazida, imposta de certa forma e enfiada de goela abaixo. (AC1)

Conforme AC1, seu descontentamento, como apreciador e defensor da cultura caririzeira, em especial da cabaceirense, recai no fato do evento Bode Rei, criado recentemente, ainda na década de 1990, haver se sobressaído a eventos tradicionais e que retratam a história do município em estudo, como as festas de São João e de São Bento. Para este, muitas ações, executadas na vigência do projeto THCCP, deixaram de contemplar a cultura cabaceirense mais tradicional. Algumas ações até promoveram certo distanciamento de aspectos culturais mais peculiares, mais antigos, superando até mesmo potenciais revelados há pouco, como o cinema,

O projeto trouxe e valorizou mais esses eventos de massa, que é o que o turismo quer, eles querem vender. As festas tradicionais estão em baixa então não dá pra negociar com elas. O Bode Rei se sobressaiu em relação a tudo...até à questão do cinema. (ACI)

Noutras falas, percebe-se a insatisfação no desenvolvimento do projeto THCCP, que, por sua própria denominação, fora lançado e implantado na região com o propósito de desenvolver a cadeia produtiva do turismo e da cultura. Para alguns sujeitos, o entendimento sobre cultura deveria ter sido amplamente discutido, passando sim pelos eventos populares e criados recentemente (Bode Rei), porém, com ênfase nos mais tradicionais, como o São João e a Festa de São Bento. Nesse sentido, Cabaceiras seria contemplada com a valorização do seu patrimônio histórico-cultural, somando-o ao patrimônio natural, já reconhecido pelo segmento turístico. Este agente cultural resumiu sua visão acerca da atuação do Sebrae:

A bem da verdade, o Sebrae, que é uma instituição extremamente comercial, e por isso sempre se direcionou mais para a festa do Bode Rei, que é um evento de massa e de mídia. (ACI)

Na compreensão de Ouriques (2005), há muito que o turismo vem se apropriando da “cultura local” para torná-la mais um produto desse segmento a ser comercializado. Para o mesmo (2005, p. 111), “são inventadas tradições novas, especificamente para atender aos turistas”. Reforçando seu posicionamento, cita Urry (1996 *apud* OURIQUES 2005), para quem o consumo da cultura local está associado a uma “autenticidade encenada”, e ainda Canclini (1983, p. 11 *apud* OURIQUES 2005, p. 112) que dizia que “a cultura é tratada de modo semelhante à natureza: um espetáculo”. Por sua vez, Beni (2006) assevera que essa “banalização da cultura local” costuma ser incentivada em função da economia ou por elementos externos ao lugar.

Essa ênfase nos eventos mais populares, como o Bode Rei, foi confirmada por outro representante da comunidade (R1C). Em sua opinião, a popularidade do Bode Rei costuma atrair maior número de visitantes ao município, com a vantagem de chamar mais a atenção da mídia (local e nacional), o que não ocorre com os eventos tradicionais (festas de São João e São Bento), coincidentemente, os que foram menos discutidos e trabalhados pelo projeto,

Todo evento feito pela prefeitura sempre o Sebrae dava toda colaboração. Desde a questão de trazer recursos ou, senão, muitas vezes pra gente organizar a questão do projeto, tipo para onde ir, como ir, para que ir [...] o Sebrae tem cronograma e, nessa parte, tudo o que o Sebrae fazia de cronograma, Cabaceiras sempre tinha seu momento de participação [...]o

município era sempre apontado como bom exemplo. E isso ajudava a valorizar esses potenciais. E isso não apenas nos fóruns de turismo, mas em outros projetos. Em tudo há o nome de Cabaceiras. (RIC)

Num outro momento da mesma entrevista,

Mas também não deveria trabalhar apenas o turismo de eventos, mas fortalecer outros tipos de turismo, como o turismo religioso, da gastronomia, do artesanato e da história de formação da cidade, afinal Cabaceiras é uma das cidades mais antigas da Paraíba. Então, seria valorizar um pouco mais a questão da história e cultura da cidade ao invés de apenas a questão econômica e dos eventos populares. (RIC)

Percebeu-se que a preocupação de alguns sujeitos recai sobre a possibilidade da Festa do Bode Rei vir a ser a representação mais importante da cultura cabaceirense. A colocação encontra fundamento no que está posto pelo próprio Ministério do Turismo (BRASIL, 2010), segundo o qual, todos os bens materiais e imateriais (em que se inserem também as festividades, celebrações e eventos) podem representar a identidade e memória de uma comunidade.

No caso dos eventos culturais, os mesmos são apontados como manifestações temporárias, porém, contribuintes decisivos para consolidar a imagem cultural de um lugar. Essa contribuição é reforçada pelo fato de esses eventos reunirem, normalmente, um expressivo número de pessoas.

No entendimento de RIC, muitas das ações e capacitações que, à época do projeto THCCP, foram direcionadas à Festa do Bode Rei poderiam ter sido redistribuídas para outros segmentos de interesse para o turismo. Um desses segmentos, segundo RIC, seria o artesanal, mais precisamente dos materiais produzidos pela Arteza, cuja produção é reconhecida nacional e internacionalmente pela qualidade das peças e por manter características originais da região, numa herança cultural que ultrapassa um século.

Além de beneficiar a cadeia produtiva da caprinocultura, o artesanato é um elemento fortalecedor do turismo cabaceirense. O representante da Arteza disse que a visita de turistas, à área de produção, já faz parte do roteiro turístico do município. Portanto, é uma ação que antecede o projeto THCCP. O interesse dos turistas está em acompanhar o processo de curtimento do couro, que utiliza produtos de origem natural, com baixíssima necessidade de tratamento químico. O mesmo enfatizou que essa valorização da produção artesanal cabaceirense sempre foi repassada entre as gerações de artesãos e moradores do Distrito de Ribeira, num processo muito anterior à chegada do projeto THCCP,

A gente deu continuidade a uma cultura que já existia. Nos capacitamos para melhorar a qualidade da pele caprina [...] temos ainda grupos de adolescentes que fazem uma espécie de escolinha do artesanato. Mas isso é fruto do nosso trabalho [...] tivemos o incentivo, no início, porque se não fizermos parcerias não andamos como deveríamos. (Arteza)

Quando se perguntou como o projeto THCCP trabalhou essa questão da cultura do artesanato, como um produto cultural cabaceirense, o discurso da Arteza se voltou ao incentivo à realização de cursos e capacitações,

Com as capacitações, melhorando a qualidade dos produtos, mas sem fugir das características da região e através de conhecimentos, tanto na parte manual (capacitações) como também na parte cultural (de visitas, de apoio, de comunicações), toda essa área a gente sempre esteve bem dentro do projeto e da participação do dia a dia. (Arteza)

Outro representante da Prefeitura também se posicionou sobre a criação de um novo evento ou produto cultural em Cabaceiras. Sobre este tema, assegurou:

Não, diretamente pra gente não. O Ponto de Cultura, por exemplo, é projeto nosso (da Prefeitura de Cabaceiras) e o pleiteamos junto com o IPHAM, superintendência da Paraíba, instituição que percebeu o potencial de Cabaceiras [...] o projeto foi realizado em 2007 e renovado em 2009 e vamos buscar a próxima renovação. Mas isso é fruto do trabalho da Prefeitura. Mostramos o que tínhamos e batalhamos por essa implantação. Foi quando o IPHAM viu nosso compromisso da gestão em preservar seu patrimônio material e imaterial e nos deu esse voto de confiança. (R2PC)

Independente das críticas, o fato é que a Festa do Bode Rei faz parte do calendário de eventos culturais de Cabaceiras, sendo um dos principais eventos patrocinados pela Prefeitura. Entretanto, faz-se importante lembrar que a promoção de novos eventos culturais ou criação de novos produtos culturais, previstos entre os resultados do projeto THCCP, permitiriam reflexos positivos no fluxo turístico, incentivando a cadeia produtiva deste segmento.

Ora, era esperado que esse aumento no número de turistas repercutisse junto aos empreendimentos turísticos (hotéis e pousadas) de Cabaceiras, possibilitando o surgimento de novas vagas de trabalho e incremento da renda advinda do turismo. Para analisar essas repercussões na economia, do lugar da pesquisa, selecionou-se um grupo formado por empreendedores e trabalhadores em turismo.

5.1.5 Olhares dos Empreendedores e Trabalhadores do Lugar Turístico

Este subitem tem, por base, as entrevistas realizadas com os três empresários do setor hoteleiro e dois guias/condutores de turismo. Com os empresários, questionaram-se quais motivos os levaram a investir no segmento turístico de Cabaceiras. O primeiro (identificado como E1) informou acreditar no potencial turístico de Cabaceiras antes de o município ser nacionalmente conhecido. Por isso, decidiu investir no setor, construindo uma pousada.

O segundo empresário (E2) disse que a decisão foi tomada porque empreendedores do setor turístico apontaram a região como área propícia ao turismo ecológico ou ecoturismo, segmento bastante procurado por turistas nacionais e estrangeiros. O terceiro (E3) decidiu pela construção de sua pousada após a repercussão positiva do turismo em Cabaceiras, o que, segundo E3, cresceu após as filmagens e exibição do filme *O Auto da Compadecida* (1998):

No período em que estava fora ouvi muito falar que Cabaceiras tava muito boa, que tinha muito gente, que no período de festa vinha muita gente [...] e a festa era muito boa, mas deu uma caída (sic) nos últimos quatro, cinco anos. E quando eu cheguei, eu vi aquele fluxo de ônibus chegando, muitas crianças do núcleo de escolas [...] eu cheguei e vi, que aquele pessoal, chegando e não tinha aquele ponto de apoio no centro (da cidade) para chegar, tomar água, almoçar. (E3)

Apesar de o cinema ser um atrativo turístico para o setor urbano de Cabaceiras, E3 disse que a maioria dos turistas sempre busca áreas naturais e de preservação (como o Lajedo de Pai Mateus). Segundo E3, a vinda de turistas estrangeiros a Cabaceiras acontece muito em função da existência do Lajedo de Pai Mateus. O mesmo ocorre com os turistas vindos das regiões Sul e Sudeste. Muitas vezes, só após conhecerem esse atrativo, como também o monumento Saca de Lã e a natureza da região, é que os turistas decidem conhecer a cidade. Muitos desses são atraídos pelo que é divulgado sobre a *Roliúde Nordestina* e os filmes que por lá foram rodados.

Mesmo interessados em “fazer crescer” o turismo na zona urbana, valorizando os potenciais culturais, os três empresários acreditam que o Lajedo é o que, de fato, ainda atrai mais turistas a Cabaceiras. Em duas falas, perceberam-se críticas dos empresários sobre a falta de infraestrutura turística, de atrativos turísticos e de lazer na zona urbana. Essas críticas têm, por base, suas experiências no ramo da hotelaria e contatos com turistas nacionais e estrangeiros,

Há insatisfações com relação aos atrativos existentes no município de Cabaceiras. Alguns turistas mostram descontentamento porque existe uma incoerência com o que se divulga e o que se vê na cidade. Se divulga que Cabaceiras é cidade turística, histórica, com respeito ao seu centro histórico e se auto-intitulou Roliúde Nordestina, como a cidade que mais tem produções cinematográficas. Mas, na verdade, isso não acontece. Você chega em Cabaceiras e é um marasmo [...] Isso é uma propaganda enganosa. (E2)

É uma ilusão [...] quando chega aqui, muita gente se encanta porque é uma cidade limpa, bem organizada, bonita, mas que também muitas outras cidades que não são turísticas têm também [...] É pouca a frequência na cidade, mesmo havendo a questão do cinema, patrimônio de edifícios [...] quando chega aqui vão à Igreja, ao museu e depois dizem: só tem isso pra ver? Tem o que para ver? Isso acontece sempre. (E3)

Com base na fala de E3, e tomando como pressuposto o projeto do Sebrae, que previa aumentar a frequência e permanência de turistas, por meio da valorização da cultura e do patrimônio do lugar, buscou-se verificar se ocorreram modificações na rotina dos estabelecimentos do município, conforme previsto nos resultados do referido projeto.

Os empresários responderam que a implantação do projeto foi positiva porque, além da promoção dos cursos de capacitação, foi possível reunir a população que trabalhava e acreditava no turismo. Entretanto, os mesmos afirmaram não haver registro de crescimento, no fluxo de turistas, em função da implantação do projeto do Sebrae.

E1 informou que, independente da atuação do Sebrae, a média de turistas no seu estabelecimento se manteve estável, tendo recebido entre os anos 2004 e 2010³³ uma média de 200 até 300 turistas/ano. Por sua vez, E3 disse receber até 200 turistas (ano) desde que sua pousada foi construída. Ambos informaram que a permanência média dos turistas, nas respectivas pousadas, é de dois dias.

Apenas E2 declarou crescimento na média de turistas recebidos (entre 1.000 e 2.000 até 2004 e mais de 2.000 turistas a partir de 2005). Essa última média, segundo informou, manteve-se até 2010. Contudo, E2 não associou este crescimento à inserção do Sebrae no município, mas à divulgação, investimentos próprios, qualidade dos serviços e ao reconhecimento, nacional e internacional, da área onde seu hotel está instalado. Com relação à permanência dos turistas, informou que estes costumam ficar de três a cinco dias no estabelecimento. Para Guia/Condutor1, que é um dos profissionais mais antigos do município,

O Sebrae ajudou muito nos cursos, mas não a trazer turistas [...] quem descobriu a Paraíba foi Bagnoli. Quem sai da Europa ou de São Paulo não

³³ Com base no período citado, permitiu-se fazer uma avaliação tomando como base dois anos anteriores e dois posteriores à implantação do projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano.

é fruto do Sebrae. Mas tudo começou com Eduardo Bagnoli, ele que descobriu os potenciais naturais de Cabaceiras. O cinema veio depois. (Guia/Condutor 1)

Também não foram verificadas mudanças na contratação de trabalhadores para o setor de hotelaria, segundo os empresários. Chegou-se a essa conclusão quando, após questionar os três empresários sobre um possível crescimento no número de empregos formais no período 2004-2010 (o que incluiria o antes e após a inserção do Sebrae), todos responderam que esse impacto não ocorreu em seus estabelecimentos.

As justificativas foram distintas. E3 informou não dispor, até o momento da entrevista, de condições financeiras para contratar formalmente empregados. Por isso, optou por manter duas diaristas, que trabalham meio expediente, cada uma, em condições que, no período de almoço (por volta de 11h30 até às 13h30), ambas estejam no estabelecimento. À época da entrevista, ambas recebiam meio salário mínimo mensal³⁴.

Em outra parte da entrevista, E3 disse que essa situação deverá mudar em dois anos, quando for liquidado o pagamento de um empréstimo bancário, realizado para as obras de construção e melhoria do seu empreendimento. A situação é também de informalidade noutro estabelecimento. E1 informou que, na sua pousada, não existem trabalhadores formais. Isto porque, com o empresário, trabalham apenas pessoas da família (nenhuma com carteira assinada). Com relação aos rendimentos, oriundos do turismo, E1 foi taxativo: representam apenas 20% ou 30% da sua fonte de renda,

Investi na pousada mais do que recebi. Há períodos do ano, por exemplo, em que ainda faço um complemento para cobrir as despesas da pousada. É porque a gente sabe, há época de maior frequência e há época de menor frequência. Eu acredito que sempre, como a gente via ônibus, carros particulares, ônibus de estudantes, a gente continua vendo. É bom também em épocas de eventos, nos meses de junho, dezembro e janeiro, quando a pousada recebe muitos turistas e também gente daqui, que hoje trabalham e moram em outras cidades, mas voltam no tempo de férias pra visitar as famílias daqui. (E1)

Somente E2 afirmou sempre haver mantido trabalhadores formais no seu estabelecimento. No momento desta pesquisa, por exemplo, disse que oito empregados estavam formalmente contratados para o trabalho no seu hotel, número que considerou suficiente para o atendimento à sua demanda turística.

³⁴ A entrevista foi realizada em fevereiro de 2011 e o salário vigente, à época, era R\$ 510,00

Com base nestes depoimentos, constatou-se que, no momento desta pesquisa (fevereiro de 2011), apenas oito pessoas trabalhavam formalmente, com carteira de trabalho assinada, no segmento de hotéis e pousadas de Cabaceiras. Um quadro que, segundo os próprios empresários, não apresentou mudanças no período compreendido entre 2004 e 2010. Os três confirmaram que também não houve mudanças com relação às contratações informais ou temporárias, cujo número costuma ser o mesmo, sempre a depender de eventos ou outras necessidades do estabelecimento. Tem-se como trabalho informal aquele em que o empregado não possui contrato de trabalho, não existindo nenhum vínculo real ou jurídico.

Retoma-se, então, o pensamento de Krippendorf (2009), quando este autor questiona os reais benefícios que o turismo é capaz de promover numa determinada localidade receptora. Com base no exposto pelos três empresários de hotelaria do município em questão, viu-se que a implantação do projeto não atingiu os efeitos esperados. Não houve aumento no número de pessoas ocupadas em hotelaria. Quanto ao aumento no fluxo turístico, apenas um empresário sinalizou positivamente neste sentido. Mesmo assim, o mesmo afirmou que esse mérito deveu-se a esforços próprios, não aos projetos do Sebrae.

Ainda com relação às contratações formais, indagou-se, nesta pesquisa, o motivo destas não acontecerem, uma vez que o município recebe turistas com frequência. Nas falas, a alegação é que, de fato, há um bom fluxo de turistas em Cabaceiras. Porém, não houve crescimento, permanente e significativo na entrada desses turistas, que justificasse novas contratações formais. Os empresários explicaram que essa demanda ainda é sazonal. Por isso, a opção mais adequada (e menos onerosa) é a contratação temporária de empregados quando há aumento na demanda turística.

E mesmo quando surgem as vagas temporárias estas são, em geral, para funções de garçom, lavadeira, ajudante de cozinha, vigilância, atendimento e limpeza. Como defendido por alguns autores (BARRETO, 2003; OURIQUES, 2005; KRIPPENDORF, 2009), funções consideradas subalternas e associadas, apenas, à execução de serviços.

O mesmo Krippendorf (2009) vai além, ressaltando que, aliada à sazonalidade, as contratações temporárias associam-se a outros fatores negativos, como os horários irregulares e sobrecarga de trabalho, conforme a frequência de turistas ao lugar. Concorde-se, nesta situação, com o que está posto por Ouriques (2005) que defende a apuração do “senso crítico” para que sejam avaliadas não somente as (possíveis e alardeadas) benfeitorias do turismo. Faz-se necessário enxergar pontos negativos do mesmo, os quais, via de regra, recaem também sobre a classe trabalhadora.

Em Cabaceiras, praticamente todas as contratações temporárias ocorrem em períodos festivos (como o da Festa do Bode Rei) ou quando são feitas reservas para feriados prolongados ou visitas agendadas para grupos de escolas, turistas e pesquisadores, público que é visto com maior frequência no município.

Sobre o projeto THCCP e sua repercussão junto ao segmento de hotelaria, os três empresários voltaram a destacar sua importância para a realização de cursos e divulgação dos atrativos existentes em Cabaceiras. Mas, assim como os outros sujeitos participantes desta pesquisa, as falas dos empresários apontaram a brevidade das equipes do Sebrae na região e a promoção de mais reuniões que a realização de ações concretas como os principais fatores de descontentamentos com o projetos THCCP.

Em certo momento da entrevista, E1 fez uma crítica aos encaminhamentos do projeto do Sebrae. Em seguida, sua fala foi pausada, sendo depois retomada com frases que tentaram amenizar o dito antes. Neste segundo momento, destacou-se que toda nova proposta chegada ao município foi bem-vinda, bastava que a população soubesse aproveitar as oportunidades,

É, porque esse negócio do Sebrae só de reunião, reunião, o povo se cansa também disso. Sem ver uma coisa concreta [...] mas não vou falar do Sebrae. Tudo é bom para o lugar e pra gente que negocia tudo é muito bom. Quem quer aproveitar tem que aproveitar. Tudo se aproveita [...] acredito que tudo que veio para cá foi bom. (E1)

Ainda com relação aos empregos gerados em Cabaceiras, por conta do turismo, duas atividades, diretamente relacionadas ao setor, chamaram atenção no decorrer desta pesquisa: guias de turismo e condutores locais de turismo³⁵. Não se pensou, inicialmente, em incluí-los nesta pesquisa. Mas, ao longo do trabalho em campo, observou-se que essas atividades, surgidas em Cabaceiras, no final dos anos de 1990³⁶, registraram crescimento na década seguinte, atraindo, especialmente, moradores mais jovens que buscavam seu primeiro emprego no campo turístico.

Esta constatação fez a Prefeitura promover cursos para a função de Conductor Local de Turismo. Muitos realizados em parceria com instituições como o Sebrae, dentro das ações promovidas pelo projeto THCCP. Conforme o Departamento de Turismo da Prefeitura de Cabaceiras, a parceria com o Sebrae ocorria da seguinte maneira: após a capacitação

³⁵ Cabaceiras possui 07 Guias de Turismo, cadastrados pelo Ministério do Turismo, e cerca de 50 Condutores Locais de Turismo, estes qualificados pela Prefeitura Municipal em parceria com instituições, como o Sebrae Paraíba.

³⁶ Possivelmente esse crescimento foi influenciado pelo turismo já existente no Lajedo de Pai Mateus

(gratuita), os condutores locais de turismo eram selecionados por meio de uma prova de conhecimentos e ficavam durante trinta dias atuando como voluntários, no próprio município.

No momento da realização desta pesquisa, cerca de 50 condutores locais de turismo estavam qualificados pela Prefeitura de Cabaceiras (parceria com Sebrae) para trabalhar no receptivo ao turista. Apenas quatro são atuantes e cadastrados pela Prefeitura e prestam serviço no Ponto de Cultura e no Museu Histórico (repartições da Prefeitura de Cabaceiras), recebendo por mês uma quantia simbólica³⁷ (estimada em pouco mais de meio salário mínimo). Quando o município recebe um grupo de visitantes e/ou turistas, os condutores recebem uma diária (cachê com valor também simbólico) paga com o objetivo de incentivar o trabalho executado. Outros quatro foram contratados pelo Hotel Fazenda Pai Mateus. E os demais atuam como *free lancer*, em eventos ou quando há aumento na demanda de turistas.

Os Guias de Turismo somam sete (quatro em atuação), porém todos têm certificado reconhecido pelo Ministério do Turismo. Como visto, o universo de profissionais neste grupo de Guias/Condutores era o maior desta nossa pesquisa. Por isso, decidiu-se levantar mais informações sobre esta categoria para verificar: se os empregos neste setor profissional eram formalizados; se havia estabilidade no trabalho; média salarial; como ocorreu a formação profissional (e se esta era continuada); qual o conhecimento desses profissionais sobre o projeto THCCP, do Sebrae Paraíba, e o índice de satisfação deles com a atividade.

Para a coleta dessas informações, utilizou-se a técnica da entrevista estruturada, seguindo um roteiro ordenado, com perguntas fixas. Esse método foi mais adequado aos propósitos de fazer um levantamento da situação daqueles jovens que buscaram, no turismo, uma oportunidade para suprir suas carências materiais, melhorando suas vidas pessoais e rendas, com a vantagem de continuarem próximo às suas famílias.

A coleta dessas informações, obtidas após três viagens à Cabaceiras, permitiu selecionar os dois sujeitos que participaram das entrevistas semi-estruturadas. Essa seleção, que considerou o resultado desse primeiro levantamento, utilizou como critérios o conhecimento desses profissionais sobre o projeto e suas participações nas etapas de implantação ou execução do mesmo. Buscou-se saber se eles têm ou tiveram atuação na área turística; se mantinham posicionamentos críticos em relação ao turismo praticado no município; se continuaram a investir em suas formações pessoais, profissionais e nos estudos, inclusive nos de outras línguas.

Concluída a etapa das entrevistas estruturadas, verificou-se que, apesar da inserção do Sebrae e da promoção de cursos de capacitação para essa categoria, a atividade ainda é

³⁷ Termo utilizado no Departamento de Turismo de Cabaceiras

marcada pela informalidade e precariedade nas relações de trabalho, fazendo com que muitos destes profissionais busquem outras atividades para complementar suas rendas.

As entrevistas, seguidas das análises postas a seguir, mostrarão que há, em Cabaceiras, uma reserva de mão de obra constantemente disponível. O mais grave é que, mesmo não fazendo parte do setor formal de trabalho, essa mão de obra é capacitada para a função e, quando ocorre de surgir uma proposta para trabalho, esta normalmente é temporária e mal remunerada, porém com exigências semelhantes às requisitadas ao empregado formal.

5.1.6 O trabalho dos Guias e Condutores de Turismo e suas Visões do Projeto

As informações levantadas para esta parte contaram com a contribuição de 22 profissionais, sendo 17 capacitados na função de Condutor Local de Turismo e cinco Guias de Turismo. Nos depoimentos, percebeu-se que os profissionais com formação em condutor local de turismo são, na maioria, jovens, na faixa etária entre 18 e 25 anos de idade, estão cursando ou concluíram o Ensino Médio. A situação é diferente quando analisados os profissionais que são Guias de Turismo. Estes são mais adultos, com idades entre 25 e 36 anos.

Nos depoimentos, constatou-se que o grupo dos Guias de Turismo tem maior interesse em dar continuidade aos estudos. Apenas um Guia de Turismo estudou até o Ensino Médio. Dois estão fazendo curso superior e os outros dois, embora tenham concluído suas formações superiores, decidiram voltar à universidade e hoje estão cursando novas graduações.

Autores como Trigo (2003) acreditam que a baixa escolaridade pode refletir na imposição dos baixos salários. No Brasil, onde a educação pública sofre com o sucateamento desde o regime militar, o problema educacional é estrutural e nada indica que melhorará em curto prazo. Problema: faltam pessoas qualificadas e aumenta o número de desempregados ou subempregados desqualificados.

Além da baixa escolaridade ser uma referência para a maioria, principalmente para os condutores locais de turismo, foram poucos os que mostraram interesse em se aperfeiçoar na profissão. Dos 22 participantes, 16 afirmaram não participar de novos treinamentos. Os outros seis se mostraram interessados, procurando novas capacitações, pelo menos, uma vez ao ano.

Também há pouco interesse no aprendizado de outra língua. Apenas sete informaram participar de cursos de língua estrangeira, sendo um em língua espanhola e os demais em língua inglesa. Vale lembrar que, não raro, Cabaceiras recebe turistas de outros países e que o

estudo de outra língua é condição essencial para profissionais que pretendem atuar no campo do turismo.

Além da formação profissional, muitos condutores e guias participaram de cursos direcionados para eventos específicos, como a Festa do Bode Rei, promovidos em parcerias entre Sebrae e Departamento de Turismo da Prefeitura de Cabaceiras. Outros cursos foram realizados por instituições como o Serviço Nacional do Comércio (Senac), Serviço Nacional da Indústria (Senai), Ministério do Turismo, Microlins e Fundação Universa.

Nas falas dos guias/condutores de turismo percebeu-se o quanto foram importantes, para suas formações, os cursos promovidos pelo Sebrae/Prefeitura de Cabaceiras durante a vigência do projeto. As críticas, apresentadas por Guia/Condutor1, foram pertinentes, apenas, às ausências constantes dos gestores,

Nos cursos de capacitação, aprendemos sobre o patrimônio histórico e cultural de Cabaceiras. No conhecimento do mesmo e na valorização. O curso de condutor de turismo sempre teve um caráter diferenciado de todo o projeto do Sebrae. E contribuiu bem mais no processo de formação, principalmente no tocante ao patrimônio histórico e cultural. (Guia/Condutor2)

E sobre a presença do Sebrae, destaca-se a fala do Guia/Condutor1,

No início, o Sebrae ofereceu cursos profissionalizantes e de línguas que nos ajudaram bastante [...] capacitação, atendimento ao turista. Depois desses cursos, o Sebrae fugiu um pouco, não participou muito. Alguns gestores ajudaram muito. Mas, o Sebrae ainda deixa muito a desejar. Não sei como as coisas funcionam lá dentro. Eu vivo aqui e percebo isso. A gente nota que o Sebrae passa uma semana...um mês com curso. Depois passa 3 ou 4 meses sem vir por aqui [...] eu e outros poucos ainda ganhamos dinheiro com turismo, mas a maioria das pessoas não ganha nada com o turismo de Cabaceiras. Não adianta vir e ficar uns 15 dias e um mês, pôr um monte de coisa na cabeça da gente e depois ir embora. Para a maioria dos profissionais e das pessoas daqui, tudo fica na ilusão. Eles propagam que vai acontecer isso...aquilo e acho que nessa parte eles estão muito devagar. E depois as pessoas perguntam: e daí? (Guia/Condutor1)

Um dos trechos da fala de Guia/Condutor1 (*eu e outros poucos ainda ganhamos dinheiro com turismo, mas a maioria não ganha nada*) vai ao encontro das declarações obtidas na fase da entrevista estruturada desta pesquisa. A mesma revelou que, dos 22 entrevistados que trabalham ou já exerceram a profissão de Guia/Condutor no município, doze responderam que recebiam menos de um salário mínimo mensal.

Outros seis entrevistados declararam não ter renda fixa porque trabalham, apenas, em períodos festivos ou quando são chamados para atender a algum grupo de turistas. Para estes, o pagamento é feito por diárias³⁸ ou contrato mensal, cujo valor também é menor que o mínimo.

Apenas um guia de turismo, que trabalha entre três e cinco vezes por semana, disse receber até dois salários mínimos por mês. E dois informaram receber um salário mínimo por mês. Um entrevistado não declarou sua renda.

Também foi revelado nas entrevistas que somente seis profissionais trabalham durante toda a semana, sendo quatro pela Prefeitura de Cabaceiras (Museu Histórico e Ponto de Cultura), recebendo menos de um salário mínimo por mês. Os outros dois atuam no Hotel Fazenda Pai Mateus.

Três informaram não trabalhar com frequência na atividade; dois trabalham apenas uma vez por semana e apenas um disse atuar entre três a cinco vezes por semana. Essa falta de estabilidade no emprego, aliada aos baixos salários pagos à categoria, fez com que os outros dez profissionais (dos 22 entrevistados nesta fase da pesquisa) decidissem buscar, numa outra profissão, estabilidade no emprego e um salário melhor.

Dos 22 entrevistados, vinte disseram revezar o trabalho de Guia/Condutor com outra atividade, diferente da turística. As segundas ocupações mais citadas foram o trabalho com artesanato, agricultura, pecuária ou em pequenas fábricas de confecções onde atuavam como costureiras³⁹. Mas havia também os que encontraram empregos em pousada/hotel (2 pessoas), na área educacional (um entrevistado) e no serviço público (3). Para o Guia/Condutor², há explicação para essa procura por outro trabalho:

Em Cabaceiras, não tem como sobreviver com o turismo porque o fluxo do turismo na região do Cariri é insuficiente para que possa se dedicar ao mesmo. (Guia/Condutor²)

Novamente, cita-se Krippendorf (2009), para quem é incontestável o poder do turismo como gerador de emprego e renda, especialmente em lugares mais pobres, financeiramente, e onde, via de regra, há uma massa de desempregados ávidos por um lugar no mercado de trabalho. No entanto, análises mais apuradas podem fazer o entusiasmo inicial dar lugar à desilusão.

³⁸ Não há valor fixo para as diárias. Alguns disseram que o valor costuma variar entre R\$ 20,00 e R\$ 80,00.

³⁹ Cinco participantes desta pesquisa foram entrevistados em pequenas fábricas de costura. Segundo estes, parte da produção dessas fábricas vai para o estado de Pernambuco.

E quando questionados sobre a renda gerada durante a realização do mais conhecido evento festivo (Festa do Bode Rei), os guias/condutores foram críticos. Um deles alegou que o Bode Rei é mais uma festa popular, que reúne pessoas da região, além de cabaceirenses que residem em outros Estados e retornam em épocas festivas. O mesmo apontou que a festa não gera renda, nem boas oportunidades de emprego para os que trabalham com turismo. Mesmo assim, é uma festa interessante para os informais, que buscam, nestes eventos, meios para aumentar sua renda, cuja origem está na informalidade. Sobre a renda obtida por meio do Bode Rei...

Se a gente⁴⁰ fosse viver do Bode Rei, a gente ia morrer de fome. Tem gente que vai lá que são pessoas que poupam 50 reais para gastar em apenas um/dois dias de festa. A festa do Bode Rei é boa pra beber e dançar um forrozim (sic). (Guia/Condutor1).

As falas dos Guias/Condutores coincidem com as declarações apresentadas, anteriormente, na entrevista estruturada. Metade dos 22 participantes não pretende continuar trabalhando na atividade. Somente seis têm interesse em se manter na profissão, justificando que gostam do trabalho. No entanto, mesmo gostando da profissão de guia/condutor, não descartam a possibilidade de buscar outra fonte de renda para cobrir suas despesas mensais.

Entre as principais razões alegadas para mudar de atividade, estão: busca por uma profissão melhor, que lhes garanta estabilidade e melhoria financeira; falta de oportunidades de trabalho em turismo em Cabaceiras; fluxo do turismo ser, ainda, insuficiente para se dedicar apenas à profissão de Guia/Condutor; financeiramente, a profissão não é valorizada.

Com base nestas falas, percebeu-se que, em Cabaceiras, apesar dos investimentos, cursos realizados e projeto implantado, manteve-se a informalidade dos que têm atuação como guias/condutores. É correto afirmar que, em Cabaceiras, o turismo fez surgir uma nova classe de trabalhadores. Entretanto, totalmente desprovida de direitos trabalhistas. Para Tavares M. (2008), é preocupante quando propostas de trabalho residem na flexibilização ou perda de algumas leis trabalhistas.

Entre as perdas trabalhistas estão a falta do depósito do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), aviso prévio em demissões; seguro-desemprego; justificativa de faltas em casos de doação de sangue, alistamento eleitoral, morte de parente próximo e doenças comprovadas por atestado médico, entre outras situações.

⁴⁰ Na ocasião da entrevista, guia/condutor 1 estava se referindo às pessoas que trabalham, formalmente, com a atividade turística no município de Cabaceiras.

Na opinião de Guia/Condutor1, a própria categoria passou a ter consciência dessa informalidade no setor, como também dos esforços que poderiam ser feitos pela administração municipal para aperfeiçoar o turismo na região e, dessa forma, atrair mais turistas e ampliar as oportunidades de trabalho e melhoria da renda:

A Prefeitura ainda não sabe como trabalhar o turismo da cidade e muito menos os profissionais que atendem os turistas. Há muitas conversas, mas pouca coisa mais prática. Prova disso é a falta de investimentos em infraestrutura. A Prefeitura deveria investir, pelo menos, em placas de sinalização e apostar mais no turismo voltado às belezas naturais da região. Isso ajudaria o trabalho da gente. A Festa do Bode Rei é boa para quem mora aqui. Mas não atrai turista de verdade. Só gente que vive por aqui mesmo. Isso não é turismo. (Guia/Condutor1)

Ressalta-se, embasada na fala apresentada, a importância do poder público como principal gestor do turismo, independente de interesses terceiros em investir neste setor. Esse pensamento recorre em função de estarem, no poder público, representantes da população, conseqüentemente deveria haver interesse em atuar no benefício dos mesmos.

Com relação à implantação do projeto THCCP, dos 22 entrevistados, 13 informaram ter conhecimento do mesmo. Destes, sete apontaram a iniciativa como importante, porém sendo necessária uma maior duração, no município, para que os conceitos apresentados fossem mais bem compreendidos pelos moradores.

Na fala de um dos entrevistados, o reconhecimento de que os resultados previstos poderiam ter sido melhores, caso a permanência dos gestores, no município, fosse ampliada, o que possibilitaria um envolvimento maior da população. Os guias de turismo foram os que mais fizeram observações críticas ao projeto, não desmerecendo as intenções e ações dos gestores, mas acreditando que algo melhor poderia ter sido planejado e executado à época.

A população não teve acesso ao projeto. Quanto aos empreendedores, a participação foi de poucos e mesmo assim muito tímida. Quanto ao tempo de implantação do projeto, considero que o mesmo não chegou a ser implantado diante do que se propunha. (Guia/Condutor2)

Quando questionou-se das ações do projeto voltadas à valorização do patrimônio histórico e cultural, em benefício do turismo de Cabaceiras, os guias/condutores disseram que esse foi o ponto menos discutido durante a execução do projeto. As falas destes sujeitos se somaram às anteriores, também críticas a esta atuação, em específico à execução do projeto,

Se falava pouco no patrimônio histórico cultural, na maioria das vezes as reuniões tinham foco no empreendedorismo, as discussões não correspondiam com a realidade do município [...]o projeto poderia ter atuado na base, com algo mais palpável, mais condizente com a realidade local e mais atuante no tocante as suas atividades. (Guia/Condutor2)

Na verdade, o pessoal do Sebrae chegava aqui e fazia apenas um repasse de orientações e dicas para os participantes. A gente opinava, mas no final ficávamos mais como executores do que responsáveis pelo planejamento do projeto e sua implantação no Cariri. (Guia/Condutor1)

Concluindo-se as entrevistas estruturadas, perguntou-se qual ponto turístico é mais procurado pelos que visitam Cabaceiras? Mesmo não constando entre os objetivos desta pesquisa, a intenção foi verificar se, após a inserção do Sebrae e do projeto THCCP, outro ponto turístico da zona urbana de Cabaceiras estaria sendo mais procurado por turistas ou se o Lajedo de Pai Mateus continuava a ser a área mais visitada.

Considerou-se mais adequado procurar os guias/condutores de turismo, profissionais que trabalham, ou já trabalharam, diretamente com os turistas, para coletar essa informação. Para os mesmos foi permitido citar mais de um ponto turístico. A resposta *Lajedo de Pai Mateus*, como ponto turístico mais visitado, foi citada 19 vezes. As ruas, Igrejas e casas utilizadas como cenário para filmes e documentários receberam cinco indicações e o Museu Histórico três.

5.1.7 O Projeto: benefícios e falhas na visão da comunidade

No entendimento dos sujeitos desta pesquisa, a presença do Sebrae foi positiva porque permitiu aos residentes e empresários do setor conhecerem novas perspectivas sobre o mercado turístico nacional e regional. Também foram discutidas temáticas, voltadas ao trabalho e profissionalização em turismo, mostrando como ser possível potencializar os atrativos do município, realizadas capacitações com empreendedores, profissionais de hotelaria e restaurantes, além dos cursos de condutor local de turismo. Um ponto destacado foi a capacidade do Sebrae em reunir algumas lideranças, como destacou um dos agentes culturais:

No princípio, como o Sebrae está ligado à microempresa. Muitos pensavam que ele seria um fonte de dinheiro. Mas ele conseguiu fazer bem essa cadeia do turismo [...] faço uma avaliação muito positiva. Hoje você chega ao Cariri e se sente no Cariri, em especial em Cabaceiras. Ela era “ilhada” e hoje é conhecida. (AC2)

Para os empresários, a parceria entre Sebrae, empresários do turismo e Prefeitura de Cabaceiras foi positiva, porém enquanto mantida. Eles destacaram que, durante a presença do Sebrae em Cabaceiras, sempre existiu uma procura permanente por melhorias, um intercâmbio de informações e a realização de cursos de capacitação. Contudo, muitas ações sofreram pela descontinuidade,

A parceria foi maravilhosa, mas até enquanto durou. Era uma parceria saudável, onde existia uma permanente procura, tanto de nossa parte com relação aos cursos e capacitação, tanto com relação ao Sebrae e parceiros em fazer esse intercâmbio. Infelizmente depois, no decorrer desse período, o Cariri ficou praticamente esquecido. Então essa parceria quase não existia e só não acabou por teimosia e competência de alguns técnicos do Sebrae, que não deixaram que aquela semente plantada morresse [...] então muitas ações, iniciadas no início da década, elas sofreram pela descontinuidade. E essas interrupções são ruins. Antes, você podia ver, no início de 2000, existiam vários empreendimentos sendo realizados no Cariri e muitas pessoas se mobilizando para fazer seus empreendimentos. E, depois de certo tempo, essa atenção do Sebrae parou. Essa interrupção é bastante ruim. (E2)

E ainda,

Essa atenção do Sebrae é muito importante porque, visava levar qualificação, capacitação e também motivação. O principal “tesouro” do Sebrae é seu quadro técnico. E de repente as pessoas não estavam mais indo lá. Apenas um ou outro técnico que continuava indo...mas quando não se tem uma ação toda voltada para o lugar, começa a diminuir as ações. Sofremos, mas não tenhamos dúvida que a parceria com o Sebrae foi magnífica, enquanto a atenção era mais frequente. (E2)

Os empresários disseram que não havia como negar a influência positiva do Sebrae Paraíba em projetos de desenvolvimento, até porque a instituição conhece bem o trabalho dos pequenos e médios empreendedores da região do Cariri. Mas, destacaram, como fator negativo, a brevidade com que as ações do projeto THCCP foram implantadas e executadas. Essa brevidade também foi percebida por R5PC,

O projeto teve seus pontos positivos, mas assim, por diversos fatores o projeto não teve uma continuidade que era para ter sido dada. Então assim, o projeto teve sim uma participação interessante, mas poderia ter sido mais. Acho que todos falharam (órgão público, próprio projeto e até as pessoas que estavam dentro desse projeto). Não sei bem o que citar ou apontar e dizer “foi isto” [...]acredito que aquele era um projeto de continuidade, mas faltou essa continuidade. Sempre tinham alguns eventos, quando necessitava do Sebrae dentro do projeto, em algumas situações tínhamos

apoio. Mas não sei dizer o porquê, mas o projeto poderia ter sido desenvolvido mais [...] mas tinha horas que o projeto poderia ter dado um crescimento a mais, mas não crescia. Deixou a desejar em alguns aspectos. (R5PC)

Outra crítica ao projeto diz respeito ao foco de trabalho estar mais voltado aos negócios e divulgação, na mídia local e regional, dos eventos populares (Bode Rei), do que para debates mais aprofundados sobre cultura e patrimônio. De fato, o apontamento está respaldado nas colocações de um dos representantes do Sebrae, posto no capítulo 4, quando o mesmo diz que a proposta estava em trabalhar com o que existia na região *e investir, ter foco no lado econômico.*

Outra fala recorrente dos entrevistados recai sobre a curta permanência, dos gestores do projeto, em Cabaceiras, não permitindo que parte da população local compreendesse, plenamente, a importância em desenvolver um turismo de melhor qualidade, voltado à valorização e preservação de aspectos peculiares da cultura do lugar:

Sabemos que não é fácil mudar[...]também depende do próprio povo, dele aproveitar. Não é fácil mudar. Às vezes vem bem empolgado com interesse de dar curso, de fazer alguma coisa, mas o próprio povo para mudar sua percepção é mais difícil. É preciso tempo pra isso acontecer. (E1)

E ainda, na visão de outro empresário, essa descontinuidade nas ações talvez tenha sido o motivo pelo qual muitas das expectativas não foram atendidas,

Essa ação do Sebrae é importante, que é de qualificação e capacitação. Mas funciona também como ação de marketing, e uma ação de marketing deve ser contínua. Eu não vejo por que parar com essa ação. (E2)

Noutras falas, asseverou-se não ser possível consolidar um projeto e manter seu sucesso quando a permanência de seus principais apoiadores é tão breve. Para dois sujeitos, o enfoque vai além da curta permanência do quadro técnico do Sebrae no município. Para estes faltou, também, apoio pessoal e posterior à execução do projeto,

Eu já vi que é uma coisa deles de momento. Não é uma coisa frequente [...] É muito mídia. A gente, depois vendo, a história é outra [...] Falta um pouco mais de apoio. Não de dinheiro...mas até mesmo de apoio pessoal mesmo. (E3)

Tem que ver que a cidade é muito pequena e se não existe essa continuidade, pode acontecer da pessoa desacreditar e, quando a pessoa desacredita e não tem um “gancho” que possa se apoiar, até

psicologicamente, para dizer não ... você não vai desistir! Acho que esse é um dos pontos principais. Abraçar um processo como um todo, de maneira a dar continuidade, mais força. Não falo financeiramente, mas de apoio pessoal mesmo, desde o começo e na sua continuidade. Isso fortaleceria esse vínculo e o Sebrae tinha força para fazer isso. (R5PC)

Outra questão, defendida por R5PC, foi a criação de uma espécie de consultoria, possibilitando que, ao término de cursos, capacitações ou na própria ausência dos gestores do Sebrae, outros técnicos avaliassem o andamento das atividades. Essa consultoria seria mais útil às áreas da gastronomia, artesanato, hotelaria e, até mesmo, para os condutores de turismo e empreendedores individuais,

Era preciso ver o que estava faltando, oferecer apoio pessoal, de manter, por exemplo, uma consultoria que voltasse dentro de dois ou três meses. Essa consultoria deveria valer para as Prefeituras, iniciativa privada e até mesmo para a pessoa que se tornara empreendedor individual. Isso ajudaria para que eles se sentissem mais seguros de suas ações. (R5PC)

As colocações são defendidas pela OMT (2003), que diz ser importante, em qualquer planejamento, o monitoramento e a assistência contínua aos que decidem investir em empreendimentos turísticos. Essa “ausência posterior ao projeto” foi também percebida na fala de um dos representantes da Prefeitura, o mesmo que, anteriormente, procurava minimizar suas críticas ao projeto do Sebrae,

O projeto do Sebrae não foi suficiente justamente porque ele chega até um determinado ponto X e deixa que as pessoas continuem [...] o Sebrae vem, incentiva, dá o passo inicial. Mas ele não pode segurar até o final. Os órgãos governamentais, a própria prefeitura, associações e outros mais, é que têm que dar continuidade. Então a gente precisa de mais alguma coisa, de mais projetos para dar continuidade ao que a gente vem fazendo. (R1PC)

A análise das falas constatou um distanciamento entre a realidade que está colocada e o discurso predominante, que aponta o turismo como atividade indispensável àquelas localidades que buscam o desenvolvimento, ou, até mesmo, o crescimento (na visão mais economicista). A realidade turística cabaceirense, nos discursos de seus moradores, que ao mesmo tempo são trabalhadores e empreendedores do turismo, nos revela esse *outro lado do turismo*, nem sempre associado aos benefícios e lucros, mas à persistência pelos que lutam para se manter num mercado onde a concorrência é crescente.

Após décadas de turismo em Cabaceiras, esperava-se que esses trabalhadores, ou parte deles, estivessem formalmente empregados ou fossem empreendedores de seu próprio negócio. Haveria, então, contradições entre o previsto e o que está posto? Põe-se em dúvida o turismo como gerador de empregos? Parece-nos que sim. Pelo menos, dos empregos formais, conforme visto nas falas até então apresentadas.

Com relação à demanda por hospedagens, a pesquisa constatou que, no período analisado, dois estabelecimentos não registraram crescimento no número de hospedagens⁴¹. Nem mesmo o fechamento de um estabelecimento⁴² conseguiu mudar essa realidade. A instabilidade no fluxo turístico, mesmo não desejada, justifica, na fala dos proprietários, a não contratação formal de trabalhadores, contribuindo para a manutenção dos contratos temporários.

A informalidade e os baixos salários marcam, também, o cotidiano dos guias de turismo e condutores locais de turismo de Cabaceiras. Essa precariedade os faz buscar outras fontes de renda, encontradas também no setor informal. Essa demanda contribui para o crescimento da informalidade, criticado por teóricos e estudiosos da temática do trabalho, porém, irrelevante para os que lutam para sair do desemprego e da pobreza.

Fatores como a informalidade no trabalho podem ser contribuintes às flexibilizações, uma vez que estes profissionais estariam disponíveis ao trabalho tão logo fossem chamados. O que preocupa com a flexibilização é sua ponte para desregulamentar leis trabalhistas (carteira de trabalho assinada, férias e folgas remuneradas, décimo terceiro salário, aposentadoria por tempo de serviço, entre outros), além de permitir a intensificação da exploração do trabalho.

Um segundo entendimento é visto por Pollert (1988 *apud* TRIGO, 2003, p. 90), para quem a flexibilidade nada mais faz do que legitimar um conjunto de práticas políticas reacionárias e contrárias aos trabalhadores. São soluções paliativas que permitem a redução dos salários, flexibilização de contratos e, com isso, dos benefícios sociais que são de direito do trabalhador.

Com relação ao projeto THCCP, percebeu-se, nas falas, a importância do mesmo à promoção de ações de capacitação, a exemplo dos cursos de formação para Conductor Local de Turismo e dos oferecidos às áreas da gastronomia, negócios e atendimento. Benefícios voltados a empreendedores e trabalhadores. Por outro lado, as falas consideraram falho o

⁴¹ A exceção foi de apenas um, que, mesmo assim, não atribuiu sua evolução à atuação do Sebrae, mas aos investimentos próprios.

⁴² O estabelecimento citado é a Pousada Rancho da Ema, que encerrou suas atividades em dezembro de 2005.

trabalho com a comunidade, em função da brevidade, no tocante à valorização do patrimônio histórico e cultural.

Para muitos, essa sensibilização cultural foi mais informativa que educativa. Importante ressaltar ainda que, nos discursos, as críticas não desmereceram os gestores do projeto THCCP, sendo, pois, direcionadas ao teor do projeto e à metodologia de trabalho do Sebrae.

Após conhecermos as falas da comunidade, buscaram-se então, no levantamento realizado nas instituições e nas observações, novos dados que permitissem conhecer essa realidade e suas consequências sócio-econômicas para o desenvolvimento do turismo.

5.2 DA INFRAESTRUTURA TURÍSTICA

Para Ruschmann (2008), a instalação de áreas ou espaços para as atividades de lazer requer um planejamento adequado que envolve: análise sobre fluxo e circulação de pessoas; atendimento às condições básicas de visitantes e moradores (alimentação, segurança, sanitários); capacidade de proporcionar atrações (recreativas, esportivas, artísticas e culturais, entre outras) para diferentes faixas etárias de visitantes e também da população local. São benefícios que têm a capacidade de prolongar a permanência de visitantes e agradar a comunidade local, que também poderá ter, nestes espaços, oportunidades de trabalho.

A OMT (2003) faz essa mesma defesa, lembrando ainda que muitos elementos da paisagem podem servir como atrativos aos turistas, a exemplo dos lugares históricos, atrativos culturais, estilos arquitetônicos e a própria natureza. São elementos que, se bem aproveitados, são capazes de persuadir turistas e aumentar sua permanência numa localidade.

Em Cabaceiras, é notório que a infraestrutura turística ainda requer atenção especial. Mesmo visitada por turistas durante todo o ano, sendo maior a frequência em época de férias escolares, ainda há carências no receptivo e oferta de atrativos, especialmente, no período noturno. O quadro, a seguir, revela dados dos equipamentos ofertados aos turistas e algumas características do local da pesquisa, a exemplo dos principais pontos turísticos.

Os dados do Quadro 1 foram solicitados ao Departamento de Turismo. Nele constataram-se limitações em alguns dos serviços oferecidos aos turistas, principalmente com relação a transportes e lazer. Faz-se necessário salientar que, o próprio Ministério do Turismo aponta algumas condições necessárias na infraestrutura de apoio ao turista, a exemplo dos serviços de transporte, lazer e entretenimento, tão importantes quanto os de hospedagens e alimentação.

A OMT (2003) esclarece ainda que a estrutura das instalações turísticas deve considerar seu uso por portadores de algum tipo de dificuldade para locomoção, seja esta permanente ou temporária.

Quadro 1 - Serviços para atender à demanda turística e atrativos turísticos

Hotéis	Hotel Fazenda Pai Mateus
Pousadas	Pousada Rancho da Ema (fechada); Pousada Cariri; Pousada Berro do Bode
Número de leitos nas pousadas Hotel Fazenda Pai Mateus	Aproximadamente 130 30 apartamentos
Restaurantes	3
Lanchonetes e cafês	3
Horário de fechamento desses estabelecimentos	23h – ampliado em períodos de eventos
Transportadoras	Não
Agência(s) receptiva(s)	Não
Lazer noturno – danceterias, boates e bares	Não
Locadora de veículos	Não
Outros	Não
Locais para visitação	Lajedo de Pai Mateus, Saca de Lã Casarios, Igrejas, Praças, Museu Histórico, Memorial Cinematográfico Ponto de Cultura, Cruzeiros, Letreiro Roliúde Nordestina, ruas do centro histórico que serviram de cenário para a gravação de filmes
Postos de informações turísticas	Sim. Museu Histórico, onde atuam os condutores de turismo
Espaços públicos com infraestrutura adequada para eventos de médio e grande porte	Sim. Para realização de festas
Capacidade	Entre 400 a 2.000 pessoas

Fonte: Departamento de Turismo de Cabaceiras (2011)

Sobre o número de leitos, oferecidos à época da pesquisa (fevereiro/março 2011), foi comunicado, pelo Departamento de Turismo, ser suficiente para a demanda de turistas que visita a cidade na maior parte do ano. Ainda, conforme o Departamento, um visitante gasta, em média, R\$ 60,00/dia com hospedagem em pousada mais refeições. No Hotel Fazenda, são cobrados valores a partir de R\$ 180,00/diária.⁴³

No tocante à demanda turística, o Departamento de Turismo revela que, conforme registros, aproximadamente 4 mil pessoas visitam o município a cada ano. O número é maior quando são promovidos eventos como a Festa do Bode Rei, realizada em junho e com duração de três dias, que reúne cerca de 30 mil visitantes (dados do Departamento de Turismo). Entretanto, a maioria dos participantes são pessoas da própria região (Cariri).

Já o Memorial Cinematográfico do Município dispõe de um livro de presença, aberto em 2008. Em novembro de 2010, constavam 3.069 assinaturas de visitantes brasileiros e do exterior. Apesar dos dados acerca da demanda turística serem fornecidos por órgãos da

⁴³ Os dados citados são referentes ao ano de 2010

Prefeitura de Cabaceiras (Departamento de Turismo e Memorial), não há registros oficiais, sobre o número de turistas/visitantes que o município recebe a cada ano. A PBTur – Empresa Paraibana de Turismo, também não dispõe de dados estatísticos sobre o turismo em Cabaceiras.

Com relação aos espaços públicos para realização de eventos de médio e grande porte, o Departamento se refere também às praças, localizadas no centro da cidade. Nelas são realizados eventos, como a tradicional Festa do Bode Rei. Destaca-se que alguns desses serviços foram criados e outros melhorados, após a implantação do projeto THCCP.

A ampliação no setor fez surgir a oferta de empregos no segmento turístico. Entretanto, nos dados fornecidos pelo Departamento de Turismo, destacados no quadro seguinte (2), verifica-se o predomínio da informalidade e precariedade nas relações de trabalho, não sendo promovidas mudanças no sentido da formalização desses empregos, mesmo após a inserção do projeto THCCP, em 2006. São dados oficiais, que confirmam o que estava posto nas falas dos sujeitos da pesquisa.

Quadro 2 - Trabalhadores em turismo

Empregos Formais no setor de hotelaria: <i>Não informado</i>
Empregos Informais no setor de hotelaria: <i>Em media 35 empregos</i>
Corresponde a (aproximadamente) qual percentual de trabalhadores formais da cidade: <i>Não informado</i>
Média salarial dos funcionários da hotelaria (últimos dez anos): <i>Não informado</i>
Trabalhadores em lanchonetes: <i>06 aproximadamente</i>
Trabalhadores em Restaurantes: <i>15 aproximadamente</i>
Guias de Turismo/Condutores de Turismo: <i>O município possui cerca de 50 jovens cadastrados na função de Condutor de Turismo. Com relação aos guias de turismo, são 07 cadastrados pelo Ministério do Turismo.</i>
Esses profissionais (guias/condutores) exerciam outras atividades anteriormente: <i>Alguns trabalhavam (ou ainda trabalham) com os pais na agricultura e/ou pecuária da região.</i>
Salário atual: <i>São poucos os estabelecimentos que empregam formalmente esses trabalhadores e/ou pagam o salário mínimo. No caso dos condutores de turismo, a maioria recebe menos de um salário mínimo por mês.</i>
Grau de escolaridade dos condutores locais de turismo e guias de turismo: <i>Entre os condutores, a maioria concluiu o Ensino Médio. Entre os guias (7) quatro têm formação superior completa. Um guia fala, com fluência, outro idioma (inglês).</i>
Cursos de capacitação: <i>Os guias de turismo e condutores locais de turismo participaram de cursos realizados em parceria com a Prefeitura de Cabaceiras, Senai e Sebrae.</i>

Fonte: Departamento de Turismo de Cabaceiras (2011); Pesquisa Direta (PAPES, 2010)

As informações do Quadro 2, associadas às entrevistas anteriores a esta fase da pesquisa, auxiliaram a traçar um perfil da infraestrutura turística e dos profissionais que atuam no segmento turístico de Cabaceiras, conforme dados oficiais, repassados pelo Departamento de Turismo de Cabaceiras.

Confirma-se o predomínio da informalidade, como destacado por Ouriques (2005); Krippendorf (2009) no Capítulo 2 desta dissertação. Para estes autores, é preciso verificar a qualidade dos empregos, gerados no mercado turístico, visto que muitas condições oferecidas são precárias, a remuneração é baixa e o trabalho é serviçal. Por isso, como diz Krippendorf (2009) os empregos no turismo não gozam de muito prestígio entre as populações que residem nos países ditos mais avançados.

Ainda por meio do Departamento de Turismo, obtiveram-se dados, preliminares, sobre o comércio cabaceirense, nos permitindo verificar o que é oferecido aos moradores e que os turistas também podem usufruir. De posse destes primeiros dados, buscaram-se informações sobre as finanças e a infraestrutura municipal.

5.3 SOBRE FINANÇAS E INFRAESTRUTURA DO LUGAR

Os dados relacionados às finanças e à infraestrutura do município de Cabaceiras foram obtidos por meio de levantamento de informações e da pesquisa documental. As fontes de pesquisa foram a Jucep, Secretarias de Administração e Finanças e o Departamento de Obras da Prefeitura de Cabaceiras. A apresentação de alguns desses dados nos permitiu compará-los com as falas dos sujeitos participantes das entrevistas semi-estruturadas.

Sobre a infraestrutura geral, coletaram-se informações no Departamento de Obras. A meta era conhecer os serviços oferecidos à população (água, esgotamento sanitário, coleta e destino do lixo), que ao mesmo tempo servem a turistas que visitam o município.

Em Administração e Finanças, os questionamentos foram referentes à arrecadação municipal no período 2004-2010 (Tabela 2), mais precisamente sobre o percentual do ISS, recolhido sobre atividades turísticas. Considerando o mesmo período, também foi traçado um perfil das atividades comerciais de Cabaceiras e dos empregos existentes no município (Quadro 3). Com relação ao comércio, os dados foram repassados pela Secretaria de Administração e Finanças de Cabaceiras. Mas, estes não estavam consolidados.

Para conseguir dados consolidados sobre as atividades comerciais, ativas e inativas do comércio cabaceirense, recorreu-se à Jucep. O órgão forneceu um relatório, contendo essa

evolução da atividade comercial no período 2000 - 2010 (Tabela 3). O relatório possui quantidade e tipo de segmento econômico das unidades comerciais formais de Cabaceiras.

5.3.1 Finanças: arrecadação do período 2004 – 2010 e ISS sobre atividade turística

A Prefeitura de Cabaceiras efetua a cobrança do ISS sobre os serviços de turismo, conforme informado pela Secretaria de Administração e Finanças e demonstrado na tabela a seguir. Porém, o percentual é de apenas 2% e a arrecadação é considerada mínima pelo órgão, proveniente apenas dos restaurantes e pousadas existentes na cidade. Há também a arrecadação sobre os produtos artesanais, como os artefatos fabricados com couro caprino e da bebida artesanal, que recebeu o nome de “xixi de cabrita”. A Secretaria não tem consolidado o percentual exato da receita proveniente dos serviços de turismo. As estimativas são de que fiquem em 0,2% da receita anual. A tabela, a seguir, mostra a arrecadação referente ao período 2004-2010. A mesma revela números totais da arrecadação municipal.

Tabela 2 – Arrecadação municipal do período 2004-2010

Ano	Valor da receita
2004	3.743.145,09
2005	4.363.676,99
2006	5.049,427,01
2007	5.614.597,06
2008	6.685.232,31
2009	7.130.382,69
2010	7.795.503,10

Fonte: Secretaria de Administração e Finanças de Cabaceiras (2011)

Tomando-se como exemplo o ano 2010, quando a arrecadação foi de R\$ 7.795.503,10, essa receita proveniente, apenas dos recursos do turismo, estaria estimada em R\$ 15.591,0062/ano (cerca de R\$ 1.300,00/mês). Esses valores, conforme a Secretaria de Administração e Finanças, podem variar conforme o evento realizado.

Um desses eventos é a Festa do Bode Rei, período do ano em que a arrecadação aumenta porque são intensificadas as vendas de produtos regionais (artesanato, por exemplo), e devido ao crescimento na procura por serviços de hospedagem, restaurantes, venda de alimentos e bebidas, compra de equipamentos e aluguel de serviços destinados à festa.

Críticos à defesa do turismo, como promotor do desenvolvimento, argumentam que as estimativas negativas não surpreendem apenas as pequenas localidades. Nos grandes centros

urbanos, a situação não é muito diferente. Ouriques (2005) diz que até mesmo alguns autores pró-turismo percebem que há uma concentração de riquezas neste setor. Para Robinson (1999, p. 22 *apud* OURIQUES, 2005) as receitas do turismo contemplam essencialmente o chamado “mundo desenvolvido”, onde se localizam as principais agências de viagens.

Com base na Tabela 2, da arrecadação municipal, constatou-se que, em Cabaceiras, ainda não existem dados oficiais, nem estimativas, capazes de relacionar aumentos no montante da arrecadação anual ao turismo praticado no período 2004 - 2010. A Secretaria de Administração e Finanças também não possui estatísticas que possam ser apresentadas, como dados oficiais, sobre o comércio formal e informal do município. Os dados disponíveis estão postos no quadro seguinte (3), que traça um perfil das atividades econômicas de Cabaceiras.

Quadro 3 - Perfil das atividades econômicas – comércio formal e informal & serviços

Comércio formal	Número de empresas	Empregados formais
<p>Expedidos cerca de 20 alvarás por ano. Porém, é elevado o número de empresas que encerram suas atividades em menos de dois anos (a Secretaria não informou esses números).</p> <p>Indústrias: não existem</p>	<p>Hoje aproximadamente 60 formais.</p> <p>Esse número tem se mantido nos últimos 15 anos.</p>	<p>Cerca de 180 trabalhadores formais.</p> <p>Esse número tem se mantido nos últimos 15 anos.</p> <p>A Secretaria confirma que a renda média do município é de aproximadamente um salário mínimo (assegurado apenas aos que têm carteira de trabalho assinada).</p>
<p>Comércio informal</p> <p>A maioria está no setor de artesanato, precisamente no Distrito de Ribeira, onde está instalada a fábrica Arteza.</p> <p>O município possui ainda quatro pequenas fábricas de confecções (numa parceria com estado de Pernambuco) onde estão empregadas cerca de 100 pessoas (maioria informal e do sexo feminino).</p> <p>Recentemente surgiu a fabricação de produtos de tapeçaria.</p>	<p>Sobre o Comércio Informal</p> <p>De acordo com a Secretaria, 80% do comércio de Cabaceiras ainda é formado por micro/pequenas mercearias (mais conhecidas como bodegas, que são administradas por pessoas da própria família).</p> <p>No município há, ainda, cerca de 30 bares de pequeno porte administrados pelo proprietário e seus familiares (normalmente esposa/filhos).</p>	<p>Estimativa nos restaurantes</p> <p>Há ainda três restaurantes de médio porte, cada um deles com 3 ou 4 funcionários (sempre pessoas da própria família) e um outro com 2 ou 3 funcionários.</p>

Fonte: Secretaria de Administração e Finanças de Cabaceiras (2011)

As informações, apresentadas no quadro 3, têm por base depoimentos de outro sujeito, representante da Prefeitura de Cabaceiras, identificado como R3PC. De acordo com o mesmo, apesar deste item da pesquisa ter, como marco temporal, o período 2004-2010, é possível afirmar que, nos últimos 10 ou 15 anos, não foram registrados aumentos representativos em função do turismo, no número de empresas comerciais.

Com relação ao mercado de trabalho, a informação de R3PC é de que, para cada 10 trabalhadores existentes no município, 8 ou 9 estão no setor informal. Mesmo sendo esta uma característica comum nas cidades de menor porte, confirma-se que não houve alterações, representativas, no mercado de trabalho do município em estudo.

Os dados levantados confirmam a intensidade do trabalho informal, especialmente no que diz respeito às fábricas de confecções, lugar onde estão algumas condutoras de turismo, conforme revelado nas entrevistas estruturadas. Essa informalidade contribui com o subemprego, baixos salários e nenhuma garantia de aposentadoria ou benefícios previdenciários. O município também perde, visto que a atividade de trabalho informal não gera impostos.

Alguns empregos formais estão distribuídos nos setores de bebidas/alimentos, outros no farmacêutico. No município há um supermercado, onde trabalham, formalmente, mais de 10 pessoas. Há ainda algumas lojas de roupas e três mercadinhos de maior porte (cada um com 4/5 funcionários). Os demais empregados formais estão na Prefeitura de Cabaceiras.

Os números, revelados pela Jucep (Tabela 3), com base no relatório da década passada, que foi expedido em maio/2011, diferem dos apresentados pela Secretaria de Administração e Finanças. Conforme a Jucep, em Cabaceiras existem 36 unidades, exclusivamente comerciais, e com seus cadastros formalmente ativos, ou seja, são empresas formalizadas que permaneceram ativas ou entraram em atividade no período 2000–2010. Apenas uma foi extinta nesse mesmo período.

A Jucep confirma ser possível que o número de unidades comerciais seja maior (como foi mostrado no Quadro 3), porém estas poderão pertencer ao segmento informal de trabalho. No caso das unidades ativas, o destaque fica por conta dos estabelecimentos comerciais, pertencentes ao setor de alimentos (7 no total), segmento citado pela Secretaria de Administração e Finanças como um dos principais negócios da cidade (que também destacou o número crescente de pequenas mercearias, chamadas de bodegas, estas porém informais).

Em seguida, estão os comércios varejistas de materiais de construção (4) e de móveis (3). Apenas uma unidade está associada ao segmento turístico (1 hotel com cadastro ativo na Jucep). Outra está associada ao setor de restaurantes/similares e uma terceira ao de bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas.

Tabela 3 – Cadastros ativos e extintos registrados na JUCEP (período 2000-2010)

Tipo de atividade Econômica	Registros ativos na Jucep
Comércio varejista de suvenires, bijuterias e artesanato	1
Comércio varejista de materiais de construção	4
Comércio varejista de móveis	3
Comércio varejista de objetos de arte	1
Casas Lotéricas	2
Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas	1
Locação de mão de obra temporária	1
Incorporação de empreendimentos imobiliários	1
Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios: mini mercados, mercearias e armazéns.	7
Comércio varejista de artigos de ótica	1
Restaurantes e Similares	1
Comércio varejista especializado de equipamentos e suprimentos de informática	1
Representantes comerciais e agentes do comércio de medicamentos, cosméticos e produtos de perfumaria	1
Comércio varejista de artigos de papelaria	1
Comércio varejista de madeiras e artefatos	1
Cooperativas de crédito rural	1
Criação de caprinos	1
Fabricação de artefatos de couro	1
Comércio varejista de combustíveis para veículos automotores	1
Fabricação de calçados em couro	1
Serviços de pintura de edifício em geral	1
Comércio varejista de artigos de vestuário e acessórios	1
Hotéis	1
Outras atividades de recreação e lazer não especificadas anteriormente	1

Fonte: Jucep (maio 2011)

Tipo de atividade Econômica	Registros extintos na Jucep
Comércio varejista de artigos de óptica	1

Fonte: Jucep (maio 2011)

Em seguida, estão os comércios varejistas de materiais de construção (4) e de móveis (3). Apenas uma unidade está associada ao segmento turístico (1 hotel com cadastro ativo na Jucep). Outra está associada ao setor de restaurantes/similares e uma terceira ao de bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas.

Não consideramos, para esta pesquisa, o Cadastro Central de Empresas 2008 (IBGE, 2008) por este reunir dados de unidades comerciais, serviços, agricultura (desde que fabricantes de produtos, como bebidas ou queijos, por exemplo), indústrias (caso existam), como também de escolas. Na perspectiva desse cadastro existem 65 unidades em que 341 pessoas estariam formalmente ocupadas em Cabaceiras.

Percebe-se, assim como na análise sobre empregos, forte presença da informalidade nas atividades comerciais, muitas praticadas nas dependências dos imóveis domiciliares. Essa prática, conforme a Jucep, é comum em municípios localizados no interior dos estados, onde é mais rara a presença de fiscais estaduais que visam coibir a prática da informalidade em atividades comerciais. A fiscalização também é precária em se tratando de estradas e sinalização. Para os motoristas, é preciso cautela ao utilizar a rodovia que liga Campina Grande a Cabaceiras.

5.3.2 Da Infraestrutura Geral

O acesso ao município é feito por rodovias em estado precário. Verificam-se falhas no item segurança: faltam iluminação e acostamentos na estrada que liga Campina Grande a Cabaceiras. Para os turistas, vindos de Campina Grande ou João Pessoa, o acesso a Cabaceiras é possível por meio de veículos ou ônibus intermunicipal, já que o aeroporto mais próximo é o de Campina Grande, distante 62 quilômetros. Com relação ao ônibus intermunicipal, há dificuldades: apenas uma empresa é responsável pelo trajeto, que dura em média duas horas, com paradas feitas ao longo do percurso. A empresa atua neste setor há quase 20 anos. No próximo quadro, constam dados gerais e pertinentes à pesquisa.

Quadro 4 - Dados Gerais

Aeroporto mais próximo	Campina Grande – 62 quilômetros
Tipo de acesso Campina Grande – Cabaceiras	Rodovia Pavimentada Estrada sem Iluminação
Acesso de Cabaceiras a locais turísticos	Rodovias Implantadas (não-pavimentadas): 25 km Hotel Fazenda Pai Mateus 14 km Distrito de Ribeira, onde está localizada a Arteza – especializada em artesanato feito com pele de caprinos.
Sinalização de acesso aos locais turísticos	Precária. Quem está em Cabaceiras, pela primeira vez, aconselha-se a companhia de um guia ou condutor local de turismo para as visitas à Arteza e ao lajedo de Pai Mateus, Saca de Lã, entre outras áreas naturais.

Fonte: Pesquisa Direta (PAPES, 2010)

As saídas para Cabaceiras, nesse ônibus intermunicipal, ocorrem apenas de Campina Grande, das segundas-feiras aos sábados e nos seguintes horários: 6h, 11h30 14h (o horário das 14h é mantido apenas às segundas-feiras) e 17h. Já as saídas de Cabaceiras até Campina Grande acontecem às 5h30, 8h30, 14h30 e 16h30 (o horário das 16h30 é mantido apenas às

segundas-feiras). Os dois horários citados apenas às segundas-feiras (14h e 16h30) são disponibilizados em função da realização da feira em Cabaceiras. Não há horários disponíveis para os domingos.

De acordo com o representante da empresa de transporte Rio Doce, responsável pelo transporte naquele trajeto, os horários são definidos em função da demanda, considerada muito pequena pela própria empresa. A maior parte dos passageiros é formada por estudantes, trabalhadores e moradores de Cabaceiras que vão à Campina Grande para ir ao comércio ou consultas médicas. Turistas, raramente, utilizam o ônibus, não sendo possível sequer estimar quantos fazem uso do ônibus por semana ou mês,

Precisamos alongar os horários para atender a demanda da cidade. Não há como fixar outros horários para Cabaceiras. Por isso também não mantemos o transporte aos domingos. Antes, colocávamos um carro, que ia para São Domingos Cariri e passava por Cabaceiras, mas rodava praticamente vazio e, então, decidimos retirar o carro. Hoje, o ônibus sai lotado de Campina Grande, mas há paradas em muitas cidades, e chega a Cabaceiras com, no máximo, entre cinco e dez pessoas. (Empresa Rio Doce)

Com relação às estradas, a Chefia de Transporte da empresa Rio Doce confirmou a existência de muitos buracos e muitas curvas sinuosas, sinalização precária e sem iluminação. As melhorias são apenas de recapeamento das estradas. Apenas paliativos, como nos revelou seu representante,

Sim, o trecho é bastante arriscado. Já tivemos problemas com pneus e ônibus quebrados, principalmente no sistema de suspensão de molas. São muitos gastos para manter o transporte para Cabaceiras. Sofremos muito, mais no período de inverno, quando a situação de precariedade nas estradas costuma piorar. (Empresa Rio Doce)

E, apesar dos investimentos em turismo, o representante da Rio Doce disse que a empresa nunca recebeu convites para participar de reuniões sobre assuntos relacionados ao turismo. Há solicitações, por parte da Prefeitura de Cabaceiras, mas apenas em épocas de eventos, como a Festa do Padroeiro (São Bento) e Festas Regionais (Bode Rei), que se resumem a duas vezes por ano. A empresa informou que, nesses períodos, o número de carros utilizados no transporte de passageiros de Campina Grande até Cabaceiras aumenta de três para 20 ou até 30 veículos.

Um dos representantes da Prefeitura (RIPC), disse que a falta de infraestrutura turística é o que mais preocupa a manutenção e o desenvolvimento da atividade turística no município,

Estamos preocupados porque as pessoas vêm para cá e nos cobram muito, muito também pelas estradas [...] só vamos ter turismo sempre se houver melhoria nessa infraestrutura [...] costumamos dizer que Cabaceiras é um ótimo lugar para visitar. Tem gente que vem aqui também pela tranquilidade. Então falta mais acessibilidade para que as pessoas venham mais para cá. Há preocupações com qualidade das estradas e da infraestrutura turística que beneficia população e turistas. (RIPC)

A OMT (2003) enfatiza ser essencial para uma área turística a existência de acessos adequados e de uma rede de transporte funcional. Por transporte, a OMT considera tanto as instalações (estradas de acesso), serviços oferecidos (capacidade de ônibus, no caso de Cabaceiras, com suas rotas e programações) quanto a eficiência no oferecimento destes.

Sobre a sinalização, novamente Ruschmann (2008) destaca a importância para que esta seja adequada e, se necessário, sejam instalados postos de informação, fixos ou móveis, com profissionais que falem mais de um idioma para o atendimento a turistas estrangeiros. A OMT (2003) orienta que a sinalização pode ser adequada à paisagem local. Em Cabaceiras, segundo depoimento de Guia/Condutor1, é muito comum surgirem reclamações da parte dos turistas,

Há reclamações sobre falta de infraestrutura. Muitos turistas falam da pouca sinalização, estradas ruins, falta de asfalto na pista de Campina Grande até Cabaceiras. Acho que a Prefeitura, sozinha ou com outras instituições, deveria investir mais [...] há muitas conversas, mas pouca coisa mais prática [...] a Prefeitura deveria investir, pelo menos, em placas de sinalização. (Guia/Condutor1.)

Com relação à infraestrutura municipal, a primeira fonte de pesquisa foi o Departamento de Obras (Tabela 4) que revelou um panorama geral dos serviços básicos, oferecidos à população e das melhorias implementadas nos últimos anos. Os dados coletados foram, especificamente, relacionados ao fornecimento de serviços básicos à população: água, esgotamento sanitário, coleta e destino do lixo.

Tabela 4 - Infraestrutura municipal

Abastecimento de água	Atendimento em 100% dos 928 domicílios na zona urbana e 80% na zona rural
Domicílios com esgoto (zona urbana)	60%
Domicílios com esgoto de fossa séptica (zona urbana)	40%
Domicílio na zona rural	Fossas
Vala	Não
Domicílios atendidos por serviço de coleta do lixo	100% dos 928 localizados na zona urbana e 80% na rural
Frequência da coleta	Diária
Há campanhas de separação/reciclagem do lixo	Não
Coleta Seletiva	Não

Fonte: Departamento de Obras de Cabaceiras (2010)

Os dados, fornecidos por meio de entrevista semi-estruturada com outro representante da Prefeitura (R4PC), mostraram melhorias nos setores de distribuição de água e esgotamento sanitário. O município é predominantemente abastecido com água tratada e parte de seus domicílios urbanos têm esgotamento sanitário. A situação é diferente na zona rural, onde há residências que ainda utilizam fossas. A coleta do lixo na zona urbana é diária, o que se reflete num município limpo e bem conservado.

Quando se perguntou ao representante da Prefeitura o que havia melhorado nos últimos cinco ou seis anos, em se tratando de infraestrutura, foi respondido que havia uma preocupação, da atual administração, em manter a limpeza da cidade e a conservação das estradas. No discurso deste representante da Prefeitura percebe-se que, apesar dos investimentos da atual gestão municipal e de instituições como o Sebrae, que objetivam estimular o turismo também para a área urbana, a preocupação ainda é maior com a zona rural, em função do turismo praticado nessa área ser mais intenso,

Nós temos uma preocupação muito grande com as estradas porque as estradas ligam ao Pai Mateus, onde tem o turismo nosso aqui e também na estrada que vai até a Pedra da Pata, que é uma pedra de turismo, que é área de turismo e o pessoal sempre faz visitação. Temos essa preocupa o em manter estrada boa. (R4PC)

Foi verificado, na fala deste representante da Prefeitura de Cabaceiras, o quanto ainda é forte a representação turística do Lajedo de Pai Mateus. Aproveitou-se a oportunidade para perguntar a origem dos recursos investidos em infraestrutura e se existia alguma relação com o turismo. A resposta foi negativa, uma vez que os projetos dessas áreas, segundo o representante da Prefeitura, são independentes. Ao final da entrevista, quando novamente questionado se essas melhorias eram reflexos de investimentos e/ou lucros, advindos do turismo, a resposta também foi negativa.

Não, não, não. Com certeza não. Assim como nenhuma outra obra de infraestrutura da cidade. (R4PC)

O que chamou atenção, nesta fase da coleta de dados, foi o crescimento de, aproximadamente, 20% no volume de lixo coletado no setor urbano, conforme informou o representante da Prefeitura. Esse aumento foi verificado no período compreendido entre 2004 e 2010, sendo atribuído, segundo o representante da Prefeitura, mais ao crescimento populacional que ao turismo. A coleta abrange os domicílios urbanos. Porém, os dados relacionados à quantidade de lixo recolhida, por dia, são divergentes.

Conforme relatório do Departamento de Obras (2010), cerca de duas toneladas de lixo urbano são retiradas por dia. Já o representante da Prefeitura informou que essa quantidade é de, aproximadamente, uma tonelada. Com relação ao crescimento no volume de lixo o mesmo comentou,

Com certeza, aumentou muito nos últimos anos e já estamos com dificuldade até da coleta. Porque fazia com tratores e já tamos (sic) se preocupando (sic) em trazer um caminhão coletor [...] aumento também da população dentro do município... aí vem o fluxo de turismo também que chega na cidade, mas é mais também pelo aumento da população. (R4PC)

Mesmo com esse crescimento, oficialmente confirmado, não existe coleta seletiva nem separação do lixo no município. Há informações que alguns moradores fazem a coleta seletiva em períodos festivos (para recolher latas vazias ou papéis), mas sem nenhum controle mais rigoroso. Também não há local adequado para o destino final do lixo, proveniente do setor urbano, que é jogado numa área aberta, de um hectare, distante um quilômetro da cidade, e com residências distantes cerca de 500 metros.

Não. No lixão não há separação. No lixão há apenas duas ou três pessoas que estão lá para fazer uma separação. Eles coletam do lixo e o separam e fazem uma reciclagem do lixo e vendem para eles mesmos. (R4PC)

Apesar do representante da Prefeitura informar que a área destinada ao lixão da cidade é cercada, sem a possibilidade de acesso a pessoas alheias ao processo da coleta e depósito do lixo, verificou-se o contrário nesta pesquisa. Em uma visita feita ao lixão, constatou-se que o terreno é de fácil acesso. O local é isolado por uma cerca de arame, porém não há vigilância nem travas no portão, permitindo o acesso a qualquer pessoa. No local, comprova-se que o depósito do lixo é feito sem nenhuma separação.

Com relação aos resíduos sólidos sépticos de serviços de saúde, há informações de que estes eram despejados no mesmo lixão, em conjunto com os demais resíduos do município, sem qualquer tratamento. Contudo, o representante da Prefeitura esclareceu que os estabelecimentos de atenção à saúde passaram a recolher e descartar seus resíduos sólidos sépticos, ou seja, essas unidades deveriam se responsabilizar pelo descarte no lixão da cidade e queima desses materiais.

De acordo com o IBGE, os resíduos sólidos sépticos de serviços de saúde não compreendem apenas aqueles gerados em hospitais e clínicas, mas também em unidades de atendimento ambulatorial, postos de saúde, laboratórios de pesquisa clínica e/ou de análises clínicas, consultórios médicos e odontológicos e farmácias, entre outros.

O IBGE ainda classifica os resíduos sólidos sépticos quanto ao tipo, que podem ser os contaminantes (ou suspeitos de contaminação); de materiais biológicos (sangue, animais usados em experimentação, excreções, secreções, meios de cultura, órgãos, cateteres e curativos usados etc.); perfuro-cortantes (escalpos, agulhas e seringas descartadas); restos de medicamentos de quaisquer naturezas, vencidos ou não; lixo recolhido em sanitários de unidades de internação e enfermarias; ou demais resíduos semelhantes, gerados em estabelecimentos de atenção à saúde humana e animal (IBGE, 2008).



Fotografia 19 - Lixão de Cabaceiras. Entrada sem fiscalização (imagem 1) e áreas internas (imagens 2 e 3)
Créditos/Fotos: (Ana Papes)

Interessa destacar que o crescimento no volume de lixo recolhido, associado ao acúmulo inadequado e inexistência de práticas como a coleta seletiva, podem causar danos graves à flora da região. Dias (2003) alerta ser importante apontar os riscos que podem ser causados à flora de uma região no caso do acúmulo de lixo. O autor lembra que podem ocorrer alterações nos nutrientes do solo e a destruição de espécimes vegetais, caso exista acúmulo desordenado de detritos numa área natural.

Ruschmann (2008) ressalta que a infraestrutura geral e turística constituem “a base de funcionamento adequado para atender às necessidades básicas tanto dos turistas como da população receptora” (RUSCHMANN, 2008, p. 140). Por isso, a importância em investimentos adequados por parte do poder público municipal. Mesmo ainda insuficientes, possivelmente em função do crescimento populacional, verificaram-se em Cabaceiras alguns avanços na infraestrutura básica que atende, tanto população local quanto turistas e visitantes.

Com relação à infraestrutura, percebeu-se que Cabaceiras tem recebido melhorias nos últimos anos em relação à distribuição de água e esgotamento sanitário. Entretanto, alguns problemas persistem e outros foram agravados, a exemplo do manejo e destino dos resíduos sólidos. Em seu discurso, o representante do poder público municipal confirma que, apesar do crescimento no volume do lixo, recolhido nos últimos anos, não existem ações voltadas para um tratamento mais adequado desses resíduos.

Há informações sobre um projeto de reciclagem de lixo, cuja elaboração acontece em parceria com a Universidade Federal de Campina Grande, mas, até o encerramento desta pesquisa (agosto de 2011), essa proposta ainda não havia saído do papel. O município turístico permanece sem coleta seletiva e o depósito do lixo continua sendo feito em área rural, sem nenhum tipo de tratamento. Para Beni (2006, p. 101):

O tratamento dos resíduos, desde a sua origem, bem como sua destinação adequada, deve fazer parte de qualquer destino turístico que se preze. A coleta seletiva pode gerar recursos para coletores, a matéria orgânica pode retornar como adubo e o lixo remanescente pode ser disposto adequadamente.

Algumas das ações, defendidas por Beni (2006), são conhecer e discutir o sistema de coleta pública para atender as necessidades do turismo; selecionar o lixo, oferecendo estímulos aos catadores, ou ainda analisar, dentro de cada contexto municipal, uma solução mais adequada.

A pesquisa constatou carências também na infraestrutura turística, especialmente na que poderia ser oferecida aos que desejam pernoitar na cidade. Mesmo sabendo que em Cabaceiras há moradores com atuação na área cultural (grupos folclóricos; danças; música; grupo de choro; pessoas que lidam com artes em geral; literatura e poesia), capazes de representar bem a cultura local, ainda faltam opções de lazer, especialmente para o período noturno.

Com relação ao segmento comercial cabaceirense, verificou-se predomínio da informalidade e, nessa sequência, de baixos salários pagos aos empregados ora contratados. A renda média do cabaceirense é de um salário mínimo. As pesquisas, associadas ao relatório da Jucep, mostraram poucos investimentos comerciais associados diretamente ao turismo.

Na avaliação de Davis (2006), o crescimento do setor informal resulta numa classe de trabalhadores desprovida de direitos trabalhistas, de poder de barganha e de exigir regulamentos às suas atividades. Garantias estas asseguradas aos que pertencem ao mercado formal. Soma-se a isso a grave constatação de que essa força de trabalho informal torna-se quase invisível, tanto para a economia formal como para estudos e análises, envolvendo o mercado de trabalho. Para Laquian (1997, p. 66 *apud* DAVIS, 2006, p. 177):

a maioria dos empregos existentes nas médias e pequenas cidades está no setor informal: barraquinhas de comida e restaurantes, salões de beleza e barbearias, ateliês de costura ou lojinhas. Embora esses empregos no setor informal tendam a fazer uso intensivo de mão de obra, e possam absorver número significativo de trabalhadores, questionam-se sua eficiência econômica e seu potencial produtivo.

Esse panorama da informalidade resulta em perdas ou não crescimento no volume da arrecadação municipal. Isso pôde ser constatado na Tabela 2, que nos mostra mudanças pouco significativas nos valores da arrecadação anual por parte do ISS. Os aumentos registrados devem-se à área educacional, segundo o servidor municipal que nos forneceu os dados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que viria a ser *contraditório*? Segundo Ferreira (2010), a palavra vem do latim *contradictione*, para significar desacordo ou, ainda, uma incoerência entre o que se diz e o que se disse, entre palavras e ações. O termo escolhido tem um propósito: foi selecionado após os resultados obtidos no presente estudo, que mostraram desacordos entre o apresentado em discursos oficiais e institucionais com o dito pelos moradores do local da pesquisa. Noutras palavras: nem sempre o lugar apontado como paradigma a ser seguido, e que encanta turistas e visitantes, pode ser considerado um *Caso de Sucesso* para seus moradores e trabalhadores.

De fato, apontar o turismo como promotor do desenvolvimento transformou-se em lugar comum, seja no discurso político, no econômico, no empresarial ou de instituições (governamentais ou não), muitas, oficialmente, criadas para planejar e implementar projetos turísticos, sempre com vistas à conquista desse *desenvolvimento*.

A mídia, não raramente, ao mesmo tempo em que socializa para o mundo o conhecimento de lugares longínquos e de existência, antes, inimaginável, tem o poder de reforçar alguns desses discursos positivistas. Sua principal vantagem está em mostrar, com imagens, os beneficiados que, por meio dessa atividade, melhoraram suas rendas, conquistaram empregos, elevaram seus padrões de consumo.

Nesta pesquisa, a experiência em campo mostrou que o desenvolvimento, por meio do turismo, era ainda ansiado pelos moradores do município em estudo. Confirmou-se, também, que a inserção do projeto do Sebrae não satisfiz, por completo, a expectativa dos cabaceirenses, fossem estes atuantes ou não no segmento turístico. A pesquisa defrontou-se com uma cidade turística que *ainda* buscava seu desenvolvimento.

Com a inserção no campo em estudo, foi percebido o quanto o turismo está associado ao cotidiano dos cabaceirenses, seja por meio do trabalho, dos empreendimentos existentes, da vontade em fazer esse turismo crescer. Para estes, a instituição gestora do projeto THCCP oferecia o possível, em se tratando de esclarecimentos relacionados ao mesmo, capacitações técnicas, cursos e mobilização dos agentes locais. Mas, a insatisfação foi gerada em função da pouca atenção oferecida às pessoas e do pouco tempo dispensado às atividades desse lugar. Uma insatisfação que se pode considerar positiva, visto que revela uma população com interesse crescente por aprender mais sobre turismo, investir mais em seus empreendimentos e no aprendizado relacionado à cultura local, como também em ter avaliadas suas ações.

Essas insatisfações foram temas recorrentes, encontrados nas falas dos sujeitos desta pesquisa. Deixaram-se, num segundo plano, os valores mais humanos. Trabalharam-se mais o

técnico e o empresarial. É por isso que, mesmo pretendo a se firmar como ciência humana e social, o turismo ainda é, insistentemente, planejado com vistas aos seus efeitos econômicos. Daí, compreende-se o título do projeto em questão (Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano) supostamente enaltecer aspectos humanos e culturais, quando, na verdade, a atuação foi mais direcionada aos interesses do mercado.

Ingenuidade imaginar que seria diferente. Afinal, o Sebrae é uma instituição cuja meta é promover a competitividade e o desenvolvimento dos pequenos e médios empreendimentos, visando à formalização da economia. Trabalho este que desenvolve, de modo exemplar, num País cuja marca está, também, na contradição de um povo empreendedor mas que, ao mesmo tempo, está inserido numa informalidade que costuma favorecer alguns grupos econômicos.

Ora, mas onde há essa *competitividade* nem sempre há lugar para o pensar nos aspectos mais humanos. Aspectos, estes, defendidos por aqueles que acreditam no desenvolvimento local. Desenvolvimento este que resguarda o meio ambiente e acredita na valorização da pessoa ante a economia.

Ideologias à parte, percebeu-se, nesta pesquisa, que se fazia necessário aprimorar a metodologia de trabalho, aplicada à gestão do projeto THCCP. E não foi necessário um consultor em negócios para perceber essa ineficiência. Esta consideração está embasada na visão dos sujeitos do lugar desta pesquisa, que perceberam falhas no desempenho do projeto ao longo do triênio 2006-2008. Tornar-se-ia salutar à instituição, antes de planejar e executar novos projetos, reavaliar ou reelaborar a atuação do gestor neste processo, delimitando sua área de atuação e ampliando seu período de dedicação ao objetivo proposto.

Pelo exposto, neste estudo, faltou à figura do gestor um acompanhamento, mais intenso, e duradouro, sobre os empreendimentos que faziam parte do projeto e das pessoas envolvidas nestes. A insatisfação, gerada por ausências deste gestor, mesmo que momentâneas, pode ser justificada numa das falas, expressas nesta pesquisa, porém refletida em outros momentos, de outras formas e ditas por outros sujeitos:

*... a cidade é muito pequena e se não existe essa continuidade, pode acontecer da pessoa desacreditar e, quando a pessoa desacredita e não tem um “gancho” que possa se apoiar, até psicologicamente, para dizer não, você não vai desistir. Acho que esse é um dos pontos principais. **Abraçar um processo como um todo**, de maneira a dar continuidade, mais força. Não falo financeiramente, mas de apoio pessoal mesmo [...] **isso fortaleceria esse vínculo e o Sebrae tinha força para fazer isso.***

Sim, existiram ações importantes dentro do projeto, como a capacidade que possui o Sebrae de atrair e reunir pessoas. Possivelmente, a instituição seja uma das poucas com a capacidade de agrupar, num mesmo espaço, sujeitos de diferentes segmentos sociais e econômicos. Também não se discute a importância, postura e iniciativas da instituição gestora do projeto THCCP quanto ao investir em ações voltadas ao desenvolvimento.

Mas, também, faltaram estratégias mais adequadas à manutenção desse público ao longo da gestão do projeto, na finalização ou encerramento das ações. Para a conquista de resultados mais eficazes, poderia ter sido trabalhado um menor número de ações e ampliada a presença dos gestores do projeto na localidade em questão. A ênfase na figura do gestor dá-se em função de sua importância em todo o processo de acompanhamento das ações do projeto.

Como percebido nas falas deste estudo de caso, em nada adianta lançar um projeto e querer implementar diferentes ações se não há consultorias posteriores; muito menos adianta propor ideias para um lugar e, depois, sair desse ambiente. Qualquer processo de mudança exige perseverança, determinação e disponibilidade de tempo. Como visto na fala de um dos empresários do lugar pesquisado: *não é fácil mudar [...] há cursos, mas isso não quer dizer que as coisas vão mudar. É preciso tempo para isso acontecer.*

O projeto ideal deveria selecionar prioridades e mapear, sempre, as principais. Outra condição seria conhecer primeiro as características mais peculiares do lugar, este, aqui entendido como um conjunto formado pela população do município (seus hábitos, costumes, tradições), poder público e o empresariado, para, em seguida, elaborar um projeto cuja metodologia e aplicabilidade fossem adequadas à realidade em questão.

Pelo que foi posto, a metodologia do Sebrae, cuja visão é mais tecnicista e voltada ao campo empresarial e da capacitação profissional, foi de encontro a alguns anseios dos cabaceirenses. Para estes, muitas vezes o apreço a amizade, o ajudar ou estar próximo ao amigo ou parente é mais importante que o dinheiro recebido num turno de trabalho. Seria necessário à instituição compreender que, mesmo a população pretensa a ser capacitada e obter melhor formação profissional, esta carecia de uma metodologia que fosse, também, mais humana.

Possivelmente, essas carências, apontadas ao longo da pesquisa, contribuíram para o não alcance, em Cabaceiras, dos resultados propostos no projeto THCCP. No tocante à geração de empregos em hotelaria, por exemplo, foi revelado que este benefício chegou a uma parcela pouco significativa de moradores. Salvo raras exceções, a maioria dos empregos, gerados neste setor, ainda apresenta, como características, a informalidade, ser de nível

operacional e com remunerações de valores menores que o mínimo nacional. Características, estas, relacionadas ao trabalho precário.

Sendo assim, o projeto também não contribuiu para o fim da informalidade no segmento turístico de Cabaceiras. Do contrário, acentuou-se a oferta de trabalho informal e mal remunerado, comprovada também pelo surgimento de novas categorias de trabalhadores: guias de turismo e condutores locais de turismo. Essa informalidade surgiu também como alternativa encontrada pelos empregadores turísticos (a maioria ainda incapaz de sustentar os benefícios sociais de um trabalhador formal), que recorrem às contratações temporárias em períodos do ano em que o fluxo turístico é maior. É a chamada sazonalidade no turismo.

Também, por conta da sazonalidade, não se perceberam avanços relacionados à frequência e permanência de turistas no município. A exceção de apenas um estabelecimento, nos demais se constatou que não houve alteração na quantidade de reservas feitas, mesmo após a passagem do projeto THCCP. A exceção fica por conta dos períodos em que se realizam eventos de maior porte, como a Festa do Bode Rei.

Confrontados os discursos dos sujeitos e dados da Prefeitura de Cabaceiras, comprova-se que, no período 2004-2010, não foram registradas alterações significativas no número de contratações de empregados no segmento turístico. A pesquisa constatou a mesma estabilidade no setor comercial.

Um fator surpresa desta pesquisa foi o interesse, da própria população, em inserir a temática do turismo nas escolas municipais, trabalhando-o não somente como instrumento promotor da economia, mas também como fenômeno social, merecedor de debates e avaliações que vão além daquele *olhar* puramente economicista.

Essa visão contribuiu fortemente para as análises quanto às repercussões do projeto na cultura local. Nesta situação, percebeu-se que existe, ainda, um sentimento de euforia, por uma parte dos sujeitos entrevistados, quanto aos resultados obtidos no campo cultural. Entretanto, essa percepção, contida em algumas das falas presentes neste estudo, reflete o desconhecimento sobre o que, de fato, significa trabalhar a cultura do lugar. Para alguns, essa abordagem dá-se noutra forma: na divulgação da cultura.

Faz-se notório esclarecer que promover no mercado midiático o que for mais conveniente ou mais *atrativo* (este no sentido de atrair quantidade maior de público), pode

significar uma promoção, à revelia, da qualidade e da cultura propriamente dita de uma localidade. E isto foi constatado por outros sujeitos da pesquisa cujo entusiasmo inicial, devido à inserção do projeto, posteriormente cedeu lugar à apatia.

Caberia ao projeto, denominado *Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano*, trabalhar um conceito ampliado de cultura, uma cultura que independa de eventos ou datas comemorativas. Como defende Maria Alice Setubal (2011)⁴⁴, é necessário ampliar esse debate sobre cultura, “permitindo que a mesma não seja vista apenas como evento cultural, e sim relacionada com cidadania, sustentabilidade, patrimônio cultural e outros campos”.

Pode-se afirmar que o projeto THCCP foi implantado com festividade pelo povo cabaceirense, mas a realidade *pós projeto* mostrou poucas mudanças na frequência ou intensidade da atividade turística, especialmente no setor urbano do município. Apesar dos esforços, o Lajedo de Pai Mateus ainda é o ponto turístico mais conhecido e procurado naquela região. Consideramos, com o exposto, que o projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano foi satisfatório no atendimento às necessidades técnicas, de capacitação profissional e na reunião de pessoas dos mais distintos segmentos econômicos e sociais.

Por outro lado, comprovou-se que essa mesma dinâmica não foi suficiente na satisfação das necessidades mais humanas. Logo, esta pesquisa contribuiu na constatação de que, ainda, são necessárias mudanças no planejar propostas que visam a trabalhar o lugar turístico. O planejamento de projetos deve ser orientado por uma seleção mais atenciosa do lugar, isto poderá ser suficiente para evitar que instituições, a exemplo do Sebrae, passem à multiplicação de projetos implantados, cujos resultados, nem sempre, deverão satisfazer plenamente às comunidades.

Outrossim, a intervenção da administração municipal poderia ser particularmente eficaz tanto na parte técnica quanto social. A primeira, com provisão de infraestrutura turística, na criação de um centro de apoio ao turista, como ainda na melhoria das estradas de acesso ao município. Na segunda, como ouvidora dos reais anseios da população e defensora de seus direitos humanos e trabalhistas. Como enfatiza Coriolano (2002, p. 148), “desenvolvimento local significa, acima de tudo, um desenvolvimento pensado na escala humana, atendendo às demandas sociais. Nele, o homem passa a ser a medida de todas as

⁴⁴ Maria Alice Setubal é socióloga, presidente da Fundação Tide Setubal e diretora-presidente do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec). A citação apresentada faz parte do artigo *Diálogos entre cultura e educação na escola*. Disponível em <http://educarparacrescer.abril.com.br/gestao-escolar/dialogo-cultura-escola-499667.shtml#>. Acesso em 29/10/2011.

coisas e não apenas os índices quantitativos e o lucro”. Enfim, é quando o pensar, prioritariamente, *no humano*, torna-se essencial.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, José Romero Rodrigues de. **Turismo: conservação ambiental e fortalecimento econômico no município de Cabaceiras-PB**. Campina Grande. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Campina Grande – 2010.

ARAÚJO, Anísio José da Silva. **Paradoxos da modernização: terceirização e segurança dos trabalhadores em uma refinaria de petróleo**. [Doutorado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2001. 370 p. Acesso em: 08/06/2011.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. **Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: heranças e urgências**. Rio de Janeiro. Revan: Fase, 2000.

BARRETO, Margarida. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 15-29, outubro de 2003.

BENI, Carlos Mario. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.

BITTELBRUNN JUNIOR, Antonio. **Turismo e desenvolvimento regional: o caso Oktoberfest de Blumenau - Santa Catarina**. Santa Catarina. Dissertação (Mestrado) – Universidade Regional de Blumenau (FURB), 2007.

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Coordenação - Geral de Segmentação. **Turismo cultural: orientações básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

_____. _____. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. **Turismo rural: orientações básicas**. – Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

_____. _____. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. **Turismo cultural: orientações básicas**. 3. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BUARQUE, Sérgio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. 4 ed., Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

CAMPOS, Paulo Sérgio Guimarães de Aguiar. Vila Federal de Cabaceiras: de sesmaria à municipalidade 1734-1835. **Sinopse Histórica**. Documento da Prefeitura Municipal de Cabaceiras. Ano da Publicação: 2005.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa. Considerações sobre o conceito de turismo sustentável. **Revista Formação**, Presidente Prudente, n. 16, Volume 1 - 2007.

CASTRO, José Carlos de. **Entrevista concedida a Ana Cláudia Santos Papes**. Cabaceiras, 02 de agosto de 2011.

CAVALCANTI, Clóvis. Celso Furtado e o Mito do Desenvolvimento Econômico. **Revista da Fundação Joaquim Nabuco**. N. 104/março 2001. Recife. Disponível em <<http://www.fundaj.gov.br/tpd/104.html>>. Acesso em: 06/07/2010.

COMISSION MUNDIAL DEL MEDIO AMBIENTE Y EL DESARROLLO. Nuestro Futuro Comum. **Relatório Brundtland**. Cidade: Nações Unidas, 1987.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. **Do local ao global: o turismo litorâneo cearense**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998. Coleção Turismo.

_____. **O Turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza**. São Paulo. Annablume, 2006.

_____. O Turismo Socialmente Responsável e a Inclusão das Populações Tradicionais. Palestra apresentada I Seminário Internacional de Turismo. Livro Turismo e Desenvolvimento Social Sustentável (1:2003:Fortaleza). **Anais**. I Seminário Internacional de Turismo. Fortaleza: EDUECE, 2003.

_____. Os Limites do Desenvolvimento e do Turismo, (2001). **Boletim Goiano de Geografia**, 21 (2): 25-45, jul/dez 2001.

COSTA, Patrícia Côrtes. **Ecoturismo**. São Paulo: Aleph, 2002. Coleção ABC do Turismo.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Planejamento Governamental do Turismo: Convergências e Contradições na Produção do Espaço. In: LEMOS, Amalia Inés Geraiges de; ARROUGO, Mónica; SILVEIRA, María Laura. (Orgs.) **América latina: cidade, campo e turismo**. São Paulo: Universidade de São Paulo, CLACSO, 2006.

DAVIS, Mike. **Planeta favela**. Tradução de Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Atlas, 2003.

DIEGUES, Antônio Carlos. O Turismo Socialmente Responsável e a Inclusão das Populações Tradicionais. Palestra apresentada I Seminário Internacional de Turismo. Livro Turismo e Desenvolvimento Social Sustentável (1:2003:Fortaleza) **Anais**. I Seminário Internacional de Turismo. Fortaleza: EDUECE, 2003.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**. Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Cadernos de Pesquisa, n. 115, p.139-154, março 2002.

ESTEVA, Gustavo. Desenvolvimento. In: SACHS, W. **Dicionário do desenvolvimento: guia**

para o conhecimento como poder. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8 ed., Curitiba: Positivo, 2010.

FIEP – Federação das Indústrias do Estado da Paraíba. **Mapa de Oportunidades do Estado da Paraíba**: Áreas potenciais de investimentos. Campina Grande: FIEP, 2009.

FONSECA FILHO, Ari da Silva. Educação e turismo: reflexões para elaboração de uma educação turística. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. v. 1, n.1, p. 5-33, set. 2007.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. 5 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra S.A. 1981.

_____. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. 5 ed., Rio de Janeiro. Contraponto. Centro Internacional Celso Furtado, 2009.

GASTAL, Susana; BENI, Mário Carlos; CASTROGIOVANNI, Carlos. **Turismo**: investigação e crítica. São Paulo: Contexto. 2002.

GEOR – Gestão Estratégica Orientada para Resultados. Sebrae (2011) Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/uf/rondonia/acesse/projetos/>> acesso em 14 de março de 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais**. RAE-Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v 35, n.3, p. 21-29. 1995. Disponível em: <http://www.producao.ufrgs.br/arquivos/disciplinas/392_pesquisa_qualitativa_godoy2.pdf> acesso em 28 de agosto de 2011.

HERMET, Guy. **Cultura e desenvolvimento**. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

IBGE, **Pesquisa nacional de saneamento básico 2008**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. 431 p. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pnsb/default.shtm>>. Acesso em: abril 2011.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**: guia prática da linguagem sociológica. Tradução de Ruy Jungmann. Consultoria de Renato Lessa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.

KAGEYAMA, Angela. **Desenvolvimento rural**: conceitos e aplicações ao caso brasileiro. Porto Alegre: UFRGS: Programa de Pós-Graduação em Desenvolviemnto Rural, 2008.

KRIPPENDORF, Jost, 1938-2003. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 3. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Aleph, 2009.

LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo Cesar. Turismo na economia. São Paulo: Aleph, 2004, **Coleção ABC do Turismo**.

LEMOS, Haroldo M; BARROS, L. P. **O desenvolvimento sustentável na prática**. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro das Nações Unidas para o Meio Ambiente, 2007.

MAGALHÃES, Leandro Henrique. **Panorama histórico do turismo**: do mundo moderno à contemporaneidade. Londrina/Paraná. Disponível em: <<http://www.obsturpr.ufpr.br/EPTUR/PANORAMA%20HISTORICO%20DO%20TURISMO.pdf>>. Acesso em: 16/06/2011.

MELO E SILVA, Sílvio Carlos Bandeira de. Turismo e Desenvolvimento Social Sustentável (1:2003:Fortaleza) **Anais**. I Seminário Internacional de Turismo. Fortaleza: EDUECE, 2003.

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. 2 ed., São Paulo: Contexto, 2002.

MTur – Ministério do Turismo. **Questionário respondido por e-mail a Ana Cláudia Santos Papes**. João Pessoa, 11 de março de 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Bookman, 2003.

OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção do turismo**: fetichismo e dependência. Campinas/SP: Alínea. 2005.

PAIVA, Maria das Graças de Menezes V. **Sociologia do turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1995/9 ed. 2005. Coleção Turismo.

PEREIRA, Daniel Duarte. **Entrevista concedida por Daniel Duarte Pereira** – Presidente do Instituto Histórico Geográfico do Cariri. João Pessoa, em 28 de julho de 2011.

PINTO, Geraldo Augusto. **A organização do trabalho no século 20**: taylorismo, fordismo e toyotismo. São Paulo: Expressão Popular. 1 ed. 2007.

REJOWSKI, Miriam (org.) **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002. Relatório Brundtland, Nosso Futuro Comum (*Our Common Future*). Disponível em: <<http://www.futurocomum.spruz.com>>. Acesso em 24 fevereiro de 2010.

RIVERO, Oswaldo de. **O mito do desenvolvimento**: os países inviáveis no século XXI. Tradução de Ricardo Anibal Rosenbush. Petrópolis: Vozes, 2002.

RODRIGUES, Marla. Juscelino Kubitschek. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/historiab/juscelino-kubitschek.htm>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2011

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. 14 ed., Campinas, SP: Papirus, 2008.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento**: includente, sustentável, sustentado. Rio de Janeiro: Garamond. 2008.

SACHS, Wolfgang. **Dicionário do desenvolvimento**: guia para o conhecimento como poder. Tradução de Vera Lúcia M. Joscelyne, Susana de Gyalokay e Jaime A. Clasen. Petrópolis –

RJ: Vozes, 2000.

SANTOS, Telma Mara Bittencourt Bassetti. **Turismo rural e sustentabilidade**: o caso de municípios do Espírito Santo. Dissertação (Mestrado), Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2004.

SEN, Amartya Kumar. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, José Graziano da. **O novo rural brasileiro**. Campinas/SP: Unicamp: IE, 2002.

SILVEIRA, Marcos Aurélio Tarlombani da. Política de turismo: oportunidades ao desenvolvimento local. In: RODRIGUES A. Turismo rural: práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, 2001. **Coleção Turismo**.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável**: meio ambiente e economia. v. 2. São Paulo: Aleph, 2000.

TAVARES, Hermes Magalhães. Estratégias de desenvolvimento regional: da grande indústria ao Arranjo Produtivo Local? **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. v. 7, n. 1, p. 50-68, jan-abr/2011, Taubaté. São Paulo. Disponível em <<http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/358>>. Acesso em: 22/03/2011

TAVARES, Maria Augusta. **A exploração travestida de cooperação**. In: VIEIRA, Ana Cristina de Souza; AMARAL, Maria Virgínia Borges (Orgs.). **Trabalho e direitos sociais**: bases para a discussão. Maceió: EDUFAL, 2008.

TOMAZZONI, Edegar Luis. **Turismo e desenvolvimento regional**: dimensões, elementos e indicadores. Caxias do Sul – RS. Educ. 2009.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo**. 7. Ed. Campinas/SP: Papirus, 2003, Coleção Turismo.

TULIK, Olga. Turismo rural. São Paulo: Aleph, 2003. **Coleção ABC do Turismo**.

ULTRAMARI, Clovis; DUARTE, Fábio. **Desenvolvimento local e regional**. Curitiba: Ibpex, 2009.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução de Daniel Grassi. 3. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICES

Apêndice A: Questionário elaborado para representantes do Sebrae Paraíba

Nome(s) do(s) responsável (eis) pela(s) resposta(s):	
Formação:	
Função (cargo/período):	
Telefones:	E-mail:
Data:	

- 1) Desde quando o Sebrae PB atua no Turismo com uma visão voltada para a atividade como geradora de negócios, promotora de empregos e renda para a região?
- 2) Quando surgiu a proposta de implantar o projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano? E como ocorreu a implantação do projeto?
- 3) Houve a participação da comunidade nas discussões sobre o Projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano? E depois, na implantação e gerenciamento do mesmo?
- 4) Quem participava das reuniões? Pessoas da comunidade ou ligadas à política local?
- 5) Houve algum tipo de resistência (quanto ao projeto) por parte da população?
- 6) É verdade que o interesse das comunidades era maior quando verificada a presença de equipes do Sebrae?

- 7) E no caso de Cabaceiras, o que dizer sobre o potencial turístico dessa cidade?
- 8) Fala-se muito no desenvolvimento econômico. Mas o senhor (a) acredita ser também possível trabalhar o desenvolvimento social?
- 9) O que o Sebrae entende por desenvolvimento e por desenvolvimento sustentável?
- 10) Sabemos que o projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano, como o próprio nome diz, foi pensando para a região do Cariri, mais precisamente para 31 municípios. Porém, como o senhor (a) avalia o desempenho do projeto THCCP no município de Cabaceiras?
- 11) Em sua opinião, Cabaceiras já possuía vocação natural para o turismo?

Apêndice B: Questionário elaborado para entrevistas semi-estruturadas com empresários de hotelaria

Nome(s) do(s) responsável (eis) pela(s) resposta(s):	
Telefones:	E-mail:
Data:	

1. Como surgiu a ideia de investir na construção de um estabelecimento turístico em Cabaceiras? Quando foi inaugurado (a) seu hotel/sua pousada.
2. Em que época do ano o fluxo de turistas é mais frequente?
3. Qual o tipo de turismo mais procurado por seus hóspedes?
4. O turista costuma sair do seu estabelecimento para conhecer a cidade?
5. Qual a origem dos turistas que o senhor (a) hospeda?
6. O senhor (a) participou das reuniões, realizadas em Cabaceiras, sobre a implantação do Projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano? Como eram as discussões e que assuntos costumavam ser tratados nesses encontros?
7. Como foi o processo de implantação do Projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano, no município de Cabaceiras, e a forma de trabalhar com a população local e os empreendedores do segmento turístico?
8. Nas reuniões, o senhor (a) apresentou opiniões ou sugestões que foram analisadas/discutidas pela equipe do Sebrae?
9. Considerando o período 2004/2010, qual a média de turistas que o senhor (a) recebeu, por ano, no seu estabelecimento? E qual a permanência média, desses turistas, em seu estabelecimento?

10. Na avaliação do senhor (a), a implantação do Projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano, no município de Cabaceiras, fez aumentar o número de turistas hospedados e a permanência dos mesmos no seu estabelecimento?
11. E o número de empregados, contratados formalmente (com carteira assinada), aumentou após a passagem do Sebrae e do projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano por Cabaceiras?
12. Caso não, por quais motivos essas contratações formais não aconteceram, conforme o previsto nos resultados do projeto THCCP?
13. Seu estabelecimento faz contratações temporárias de trabalhadores? Para quais serviços e em que períodos do ano?
14. Qual a média salarial dos empregados que trabalham no setor de hotelaria de Cabaceiras? E no caso do senhor (a), quantos funcionários emprega e qual o valor do salário pago a estes trabalhadores?
15. Em sua opinião, a presença do Sebrae foi positiva para o turismo praticado em Cabaceiras? E para os negócios da cadeia produtiva do turismo?
16. O senhor (a) acredita que o tempo de permanência do Sebrae, no município de Cabaceiras, foi suficiente para trabalhar com a população local e conscientizá-la da importância em valorizar e preservar a cultura e patrimônio local, em benefício do turismo?
17. Em sua opinião, houve alguma mudança significativa após inserção do Sebrae no município de Cabaceiras?

Apêndice C: Questionário elaborado para entrevistas semi-estruturadas com os representantes da Prefeitura de Cabaceiras e Agentes Culturais

Nome(s) do(s) responsável (eis) pela(s) resposta(s):	
Profissão/Função (cargo/período):	
Telefones:	E-mail:
Data:	

1. Em que etapa o senhor (a) participou das ações de implantação do Projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano, do Sebrae Paraíba, no município de Cabaceiras?
2. Como foi o processo de implantação do projeto, a forma de trabalhar com os moradores, empresários e trabalhadores do turismo em Cabaceiras? Qual a metodologia de trabalho utilizada pelas equipes do Sebrae nos momentos de apresentação e discussão do mesmo? Quem participava das reuniões realizadas?
3. O projeto THCCP tinha como objetivo geral desenvolver a cadeia produtiva do turismo e da cultura no Cariri Paraibano. Uma das formas seria por meio da valorização dos potenciais da região. No caso de Cabaceiras, como esse patrimônio (histórico e cultural) foi trabalhado pelo projeto do Sebrae visando o desenvolvimento do turismo?
4. Como foram trabalhados, por meio do projeto THCCP, alguns potenciais e aspectos bem característicos da cultura e história de Cabaceiras, como o patrimônio histórico; gastronomia (bode); Cinema (Roliúde Nordestina); Festas Religiosas e Regionais (Festa de São Bento e Festa Bode Rei); Artesanato (Arteza), de forma a valorizá-los perante os moradores e atrair mais turistas ao município?

5. Em sua opinião, por intermédio do projeto, a população local passou a valorizar mais os potenciais culturais e históricos de Cabaceiras? O projeto se preocupou em promover o que se chama de “resgate do orgulho pelo lugar”?
6. O Sebrae acreditava que, promovidos os melhoramentos previstos no projeto, teria como resultados: Primeiro o aumento no número de eventos culturais de 11 (em 2006) para 22 (2008). Segundo, implantar 9 novos produtos culturais no período 2006-2008 em todo Cariri. Em Cabaceiras, houve aumento no número de eventos culturais ou foi criado algum novo produto cultural/evento em função da implantação do projeto do Sebrae?
7. Que avaliação o senhor (a) faz do PTHCCP do Sebrae e de sua atuação em Cabaceiras? Quais as contribuições do projeto à preservação da cultura e patrimônio local, em benefício do turismo? E quais benefícios foram levados à população, empreendedores e trabalhadores do turismo?
8. Em sua opinião, as expectativas geradas, devido à presença do Sebrae no município, foram atendidas? O retorno foi como o esperado pelos participantes dos processos de implantação e execução do projeto?
9. Que avaliações o senhor (a) faz sobre as contribuições do projeto à valorização da cultura e história e, conseqüentemente, dos benefícios voltados ao turismo de Cabaceiras?
10. O senhor (a) acredita que o projeto THCCP poderia ter atuado de outra forma em Cabaceiras? Caso sim, como seria essa outra forma?

Apêndice D: Questionário para entrevistas semi-estruturadas com guias de turismo/condutores locais de turismo

Nome(s) do(s) responsável (eis) pela(s) resposta(s):	
Telefones:	E-mail:
Data:	

1. Em que etapa você participou das ações de implantação do Projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano, do Sebrae Paraíba, no município de Cabaceiras?
2. Como foi o processo de implantação do projeto THCCP em Cabaceiras e como foi a forma de atuação do Sebrae com a população e empreendedores do turismo? Quanto tempo o Sebrae ficou em Cabaceiras para implantação do projeto? Você considerou esse tempo suficiente?
3. O que era discutido com o público participante nas palestras e reuniões realizadas pelo Sebrae em Cabaceiras?
4. Em sua opinião, o projeto conseguiu valorizar o patrimônio histórico e cultural (incentivando manifestações culturais/festivas e religiosas) em benefício do turismo de Cabaceiras?
5. Nos cursos de capacitação, oferecidos pelo Sebrae durante a implantação do Projeto Turismo Histórico e Cultural, você lembra quais informações do instrutor eram repassadas aos participantes?

6. Nesses cursos de capacitação, o que você aprendeu sobre o patrimônio histórico e cultural de Cabaceiras?
7. Em sua opinião, o projeto contribuiu para levar mais turistas a Cabaceiras?
8. No questionário da entrevista estruturada, você respondeu que o projeto do Sebrae não foi suficiente para o desenvolvimento do turismo em Cabaceiras? Pode explicar por quais motivos não foi suficiente?
9. Você acredita que o projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano poderia ter atuado de outra forma em Cabaceiras? Caso sim, qual seria essa melhor forma?
10. Que avaliação você faz do projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano e de sua atuação em Cabaceiras? Quais benefícios foram levados à população, empreendedores e trabalhadores do turismo?

Apêndice E: Questionário para entrevistas estruturadas com guias de turismo/condutores locais de turismo

Nome(s) do(s) responsável (eis) pela(s) resposta(s):	
Telefones:	E-mail:
Data:	

1. Qual sua idade?
2. Qual sua formação?
3. Participa de cursos de língua estrangeira? Qual?
4. Já participou de algum curso de formação em Turismo? Caso sim, qual foi o curso e quem o promoveu? Qual o tempo de duração? Foi suficiente para sua formação sobre o turismo?
5. Há quanto tempo atua como guia ou condutor local de turismo na cidade?
6. Você costuma participar de novos treinamentos em turismo? Com que frequência?
7. Ser guia de turismo ou condutor local de turismo é sua única atividade de trabalho? Caso não, qual sua outra atividade?
8. Com que frequência você trabalha como guia/condutor local de turismo na cidade?
9. Como guia/condutor local de turismo você trabalha com carteira assinada? Caso sim, há quanto tempo?
10. Qual sua renda mensal, trabalhando como guia/condutor local de turismo em Cabaceiras?
11. Você pretende continuar trabalhando como guia/condutor local de turismo? Caso não, por que motivo?

12. Foi do seu conhecimento a implantação do Projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano, desenvolvido pelo SEBRAE PB no triênio 2006-2008?
13. Em sua opinião, o Projeto foi suficiente para promover um bom desempenho do turismo e a valorização do patrimônio histórico e cultural de Cabaceiras?
14. Qual ponto turístico mais procurado pelos que visitam Cabaceiras?

Apêndice F: Questionário para entrevistas semi-estruturadas com representantes da comunidade

Nome(s) do(s) responsável (eis) pela(s) resposta(s):	
Profissão:	
Telefones:	E-mail:
Data:	

1. Em que etapa o (a) senhor (a) participou das ações de implementação do Projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano, no município de Cabaceiras? Houve uma participação significativa da comunidade nas reuniões promovidas pelo Sebrae em Cabaceiras?
2. Como foi o processo de implantação do projeto THCCP em Cabaceiras e como foi a forma de atuação do Sebrae com a população? Qual a metodologia de trabalho utilizada?
3. Em sua opinião, por intermédio do projeto a população passou a valorizar mais os potenciais culturais e o patrimônio locais? Ou ainda há uma tendência à valorização do que existe em outras localidades, especialmente as geograficamente maiores e consideradas mais desenvolvidas?
4. Como foram trabalhados, por meio do projeto THCCP, aspectos característicos da cultura e história de Cabaceiras, como o patrimônio histórico; gastronomia (bode);

Cinema (Roliúde Nordestina); Festas Religiosas e Regionais (Festa de São Bento e Festa Bode Rei); Artesanato (Arteza), de forma a valorizá-los perante os moradores e atrair mais turistas ao município?

5. Quais foram as modificações ou melhorias verificadas em Cabaceiras após a implantação do projeto do Sebrae? A comunidade local foi uma participante ativa do projeto? Houve benefícios com as ações do projeto?
6. Como a população, por meio do projeto, foi trabalhada para conhecer melhor os potenciais culturais e históricos de Cabaceiras, ajudando assim na valorização e preservação de elementos tradicionais?
7. O senhor (a) acredita que a implantação do projeto THCCP conseguiu aumentar o número de turistas que visitam a cidade? Ou o Lajedo de Pai Mateus é ainda o lugar mais procurado pelos mesmos?
8. Que avaliação o senhor (a) faz do projeto THCCP e da sua atuação em Cabaceiras? Suas expectativas foram atendidas?
9. Em sua opinião, existiram falhas no Projeto THCCP? Quais?
10. Em sua opinião, haveria uma maneira da equipe do Sebrae ter melhor trabalhado o projeto THCCP em Cabaceiras? Qual seria?

Apêndice G: Questionário para entrevista semi-estruturada com representante da empresa
Rio Doce

Nome(s) do(s) responsável (eis) pela(s) resposta(s):	
Função (cargo/período):	
Telefones:	E-mail:
Data:	

1. Há quanto tempo a empresa Rio Doce faz o trajeto Campina Grande/Cabaceiras? É a única linha de ônibus intermunicipal para Cabaceiras?
2. Qual público da empresa? Quem utiliza o transporte?
3. Como foram definidos os horários dos ônibus? Em função de quê/quem?
4. Há ônibus e equipes de motoristas que trabalham aos domingos?
5. Há caso de turistas que utilizam os serviços da empresa?
6. Quais as dificuldades existentes no trecho Campina Grande/Cabaceiras? E o que poderia ser melhorado nesse trajeto?

7. Como Cabaceiras é uma área turística, gostaríamos de saber se, em algum momento, representantes da empresa Rio Doce foram convidados a participar de alguma reunião para tratar do turismo naquela região?
8. Houve algum convite do Sebrae ou Prefeitura de Cabaceiras para tratar de melhorias no trajeto ou melhorias para o transporte até Cabaceiras?
9. Hoje, quantos ônibus/motoristas fazem o trajeto de Campina Grande até Cabaceiras?

Apêndice H: Questionário para entrevista semi-estruturada com o representante da Arteza

Nome(s) do(s) responsável (eis) pela(s) resposta(s):	
Telefones:	E-mail:
Data:	

1. Em que etapa o (a) senhor (a) participou das ações de implementação do Projeto Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano, no município de Cabaceiras?
2. Como era a metodologia de trabalho do Sebrae?
3. Como a cultura do artesanato foi trabalhada pelo projeto THCCP em Cabaceiras?
4. Com a inserção do Projeto THCCP, aumentou o número de turistas que vão conhecer o Distrito de Ribeira e procurar as peças fabricadas na Arteza?
5. De que forma o projeto THCCP valorizou o trabalho dos artesãos e a produção da Arteza? O projeto fez por onde as peças artesanais serem mais valorizadas?
6. A Arteza foi incluída em algum roteiro turístico desenvolvido pelo projeto THCCP?
7. Com relação à presença do Sebrae no período 2006/2008, suas expectativas/aspirações foram atendidas? Por quê?

Apêndice I: Questionário aplicado no Departamento de Obras da Prefeitura de Cabaceiras
referentes ao período 2010/2011

1.4 Infraestrutura e Serviços Gerais

1.4.1	Acessos ao município:	
1.4.2	Pavimentados – Sim () Não ()	Quantos: Km
1.4.3	Não-pavimentados – Sim () Não ()	Quantos: Km
1.4.4	Abastecimento de água – Percentual de domicílios atendidos:	

1.4.2 – Saneamento Básico

1.4.2. 1	Percentual de domicílios com esgoto rudimentar:
1.4.2. 2	Percentual de domicílios com esgoto de fossa séptica:
1.4.2. 3	Percentual de domicílios com rede geral de esgoto ou pluvial:
1.4.2. 4	Vala:

1.4.3 – Serviço de coleta de lixo

1.4.3. 1	Qual o percentual de domicílios atendidos:
1.4.3. 2	Coletado diretamente por serviço de limpeza:

1.4.3. 3	Outro destino:
-------------	----------------

1.5 – Existem campanhas de separação de lixo?

Sim () Não ()	Quais?
-----------------	--------

1.5.1 – A coleta seletiva de lixo abrange toda a cidade?

Sim () Não ()	Percentual de domicílios atendidos:
-----------------	-------------------------------------

1.5.2 – Os domicílios fazem a separação do lixo?

Sim () Não ()	Percentual de domicílios:
-----------------	---------------------------

1.5.3– A coleta de lixo é feita diariamente?

Sim () Não ()	Frequência:	Dias por semana:
-----------------	-------------	------------------

1.5.4 – As escolas fazem campanhas sobre temas de educação ambiental

Sim () Não ()	Quantas escolas?
-----------------	------------------

Apêndice J: Questionário para entrevista semi-estruturada com representante do Departamento de Obras da Prefeitura de Cabaceiras

Nome(s) do(s) responsável (eis) pela(s) resposta(s):	
Função (cargo):	
Telefones:	E-mail:
Data:	

1. Em se tratando de infraestrutura municipal, o que tem sido modificado ou melhorado em Cabaceiras nos últimos cinco ou seis anos?
2. A distribuição de água tratada tem aumentado em Cabaceiras?
3. E com relação ao esgotamento sanitário? Houve melhorias no período 2004-2010?
4. Nos últimos anos houve alguma relação entre o incremento do fluxo turístico com as obras de melhoria na parte da infraestrutura municipal? Há alguma parceria entre esses setores ou são feitos projetos independentes?

5. O lixo da cidade ainda é coletado sem separação? E a coleta seletiva já foi instalada no município?
6. Qual o volume de lixo recolhido diariamente na cidade?
7. A que foi atribuído esse aumento no volume de lixo recolhido por dia?
8. Existe algum controle, por mês ou por ano, para saber de quanto foi o aumento no volume do lixo recolhido no município?
9. Existe algum processo de separação dos resíduos no lixão da cidade?
10. Como é a área do lixão? O lixo é depositado a céu aberto?
11. Vimos em Cabaceiras a construção de conjuntos habitacionais. De onde vieram os recursos para as obras?
12. Essas melhorias são reflexos de investimentos e/ou lucros advindos do turismo?
13. Você chegou a participar de reuniões promovidas pelo Sebrae, em Cabaceiras, para tratar de questões envolvendo turismo e cultura?

Apêndice K: Questionário para o representante da Secretaria de Administração e Finanças da Prefeitura de Cabaceiras referentes ao período 2004/2010

Nome(s) do(s) responsável (eis) pela(s) resposta(s):	
Função (cargo):	
Telefones:	E-mail:
Data:	

1 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

1.1 – PERFIL SOCIOECONÔMICO

1.1.1 Município:

População de Cabaceiras:
Extensão territorial total: km ²

1.1.2 atividades econômicas

1.1.2.	Indústria:	Numero de empresas:	Nº de empregados:
--------	------------	---------------------	-------------------

1			
1.1.2. 2	Comércio formal:	Numero de empresas:	Nº de empregados:
1.1.2. 3	Comércio informal:	Estimativa de empresas:	Estimativa de empregados:
1.1.2. 4	Serviços:	Numero de empresas:	Nº de empregados:
1.1.2. 5	Artesanato:	Numero de empresas:	Nº de empregados:
1.1.2. 6	Participação do turismo na arrecadação municipal: R\$		Percentual:
1.1.2. 7	ISS de Cabaceiras		

Apêndice L: Questionário aplicado no Departamento de Turismo da Prefeitura de Cabaceiras referentes ao período 2010/2011

1.2 Configuração da Oferta

1.2.1	Número de hotéis:	Número de leitos:
1.2.2	Número de pousadas:	Número de leitos:

1.2.3 – Serviços privados para atender à demanda turística

1.2.3. 1	Restaurantes	Quantos?
-------------	--------------	----------

1.2.3. 2	Lanchonetes e cafés	Quantos?
1.2.3. 3	Horário de fechamento desses estabelecimentos?	
1.2.3. 4	Transportadoras	Quantos?
1.2.3. 5	Agência(s) receptiva(s)	Quantos?
1.2.3. 6	Estabelecimentos de lazer noturno – danceterias, boates e bares	Quantos?
1.2.3. 7	Locadora de veículos	Quantos?
1.2.3. 8	Outros	Quantos?

1.3 Trabalhadores em Turismo

1.3.1	Estimativa da Prefeitura sobre número de trabalhadores em Turismo:	
	Corresponde a qual percentual de trabalhadores formais da cidade:	
1.3.2	Quanto tempo atua no setor de turismo:	
1.3.3	Trabalha com carteira assinada	
1.3.4	Que outra atividade exercia anteriormente/carteira assinada:	
1.3.5	Salário atual:	
1.3.6	Salário antigo:	
1.3.7	Grau de escolaridade:	
1.3.8	Possui cursos de capacitação? Se sim, quais?	
1.3.9	Possui cursos na área de Turismo? Se sim, quais?	

Apêndice M: Notas de Campo

Nota de campo nº 1 – Primeira visita a Cabaceiras - 25/10/2010

Após quatro contatos telefônicos e envio de e-mails, destinados à Coordenadoria de Turismo da Prefeitura de Cabaceiras, foi marcada a primeira visita ao município para fins desta pesquisa. Saí de João Pessoa por volta das 6h30 e, após uma rápida parada no município de Boqueirão, cheguei a Cabaceiras por volta das 9h30. Nessa primeira viagem, decidi focalizar as observações em dois percursos: O primeiro de Campina Grande até Cabaceiras e o segundo de Cabaceiras até o Hotel Fazenda Pai Mateus, onde está localizado o Lajedo de Pai Mateus. Fiz ainda uma observação pertinente à infraestrutura turística.

Para quem sai de João Pessoa até Cabaceiras (160 quilômetros, aproximadamente), o que chama a atenção é o contraste, em se tratando de qualidade e conservação das duas estradas. O acesso de João Pessoa até Campina Grande é feito pela BR 230, que está duplicada, apresenta boa sinalização vertical e horizontal, asfalto e acostamentos em boas condições. Chegando a Campina Grande, o trajeto toma outro destino, e outro aspecto visual também. Segui para Cabaceiras pela rodovia estadual PB-160, a mais conhecida e utilizada por quem vai a este município, com uma rápida parada no município de Boqueirão.

Saindo de Campina Grande, passei por um município chamado Queimadas e, deste, segui pela PB 160. No início do percurso já é nítida a precariedade da rodovia estadual, especialmente pelo fato de, há pouco, ter saído da BR 230 (de excelente qualidade). Essa primeira visita aconteceu num período de estiagem, mais seco. Entretanto, desde o início da viagem, a estrada apresentava péssimas condições de tráfego. Em todos os trechos havia muitos buracos, sendo necessário fazer desvios constantes e diminuir a velocidade do veículo, tornando a viagem bastante demorada (levou-se cerca de 40 minutos de Campina Grande até Cabaceiras). Para agravar a situação, a estrada, além de muito precária, é mão-dupla, por isso foi necessário redobrar os cuidados para evitar acidentes de trânsito.

Aliada às más condições da estrada (buracos), percebi que a sinalização, tanto vertical quanto horizontal, também era precária. Em alguns trechos, essa sinalização praticamente não existia. Como não havia desvios, então, restava-me a única opção de seguir sempre em frente. Percebi também que não havia iluminação, nem acostamentos na rodovia. Até o proprietário do veículo, no qual foi realizada minha viagem, estranhou as condições da estrada, visto que o município é conhecido por receber muitos visitantes e sediar eventos que costumam reunir muitas pessoas. Ele disse ainda que a estrada, naquelas condições, impede qualquer motorista de aumentar a velocidade do veículo sob o risco de danificá-lo.

Chegando a Cabaceiras, minha primeira parada foi no Museu Histórico, que fica no centro da cidade. Uma condutora local de turismo me recepcionou e prestou informações gerais do lugar e dos materiais expostos no museu. A condutora mostrava-se segura na prestação das informações. Entretanto, disse que, naquele momento, não poderia acompanhar-me pela cidade porque estava sozinha e não poderia deixar a recepção do Museu. Como também procurava um dos representantes da Prefeitura Municipal, a condutora o localizou e me apresentou ao mesmo, que prontamente se ofereceu para ajudar-me durante toda a pesquisa.

Informei-o que, ainda pela manhã, faria uma visita ao Lajedo de Pai Mateus, e somente à tarde voltaria a Cabaceiras para levantar alguns dados para a pesquisa. O representante da Prefeitura disse que seria mais adequado fazer o trajeto na companhia de uma pessoa conhecedora da área. Seu comentário foi o seguinte: “é difícil pra quem não conhece ainda o lugar, ir sozinho pela primeira vez. Tem desvios e poucas placas de sinalização. Não é difícil ficar sem saber pra onde ir”. Como a condutora não podia se deslocar comigo, o representante municipal se ofereceu para me acompanhar. Aceitei.

Os comentários sobre as dificuldades do percurso foram comprovados no trajeto. Nos 25 quilômetros que separam a zona urbana de Cabaceiras do Hotel Fazenda Pai Mateus,

observei, neste dia, apenas duas placas de sinalização, mesmo assim, em áreas já próximas ao Hotel Fazenda Pai Mateus. Essas placas de sinalização eram rudimentares e uma, em especial, chamou a atenção por apresentar apenas as iniciais H.F.P.M. Ao longo do percurso, percebi que, para um visitante distraído ou alguém que desconheça por completo aquela área ou ainda para um motorista inexperiente naquele trajeto, a chegada ao Hotel seria muito dificultada pela falta de sinalização.

Apesar da precariedade na sinalização, a estrada de barro que dá o acesso até o Hotel Fazenda Pai Mateus é de boa qualidade. O acesso, por meio do veículo de passeio, foi realizado sem problemas. A informação, repassada nesta viagem pelo representante municipal, foi de que, periodicamente, o Departamento de Obras da Prefeitura de Cabaceiras determinava a passagem de uma máquina para nivelar a estrada, facilitando o tráfego de veículos.

Durante o percurso, foi possível observar uma paisagem marcada pela natureza, típica da região do Cariri. Muitas plantas: xiquexiques e facheiros. Uma vegetação típica e que chama a atenção do visitante. O sol estava bastante quente neste dia, uma característica constante por lá.

Uma das primeiras imagens vistas, ao sair de Cabaceiras, é da Pousada Rancho da Ema, que à época estava desabitada e colocada à venda. Uma bela propriedade (5 ou 7 hectares), que foi desativada porque o proprietário, que trabalhava na companhia da mãe e da esposa, adoeceu e precisou manter cuidados médicos na cidade de Campina Grande.

Chegando ao Hotel Fazenda Pai Mateus, por volta das 11h20, percebi a organização na receptividade. Uma pessoa nos recebeu na entrada do Hotel. Depois, segui para a primeira visita, como pesquisadora, ao Lajedo de Pai Mateus. Nesse dia foram feitas as primeiras fotografias do local, e recolhidas informações básicas sobre o lugar e a procura por parte dos turistas. O condutor local de turismo foi muito simpático e prestou todas as informações necessárias ao acompanhar-me na visita ao Lajedo. Ah! Para quem não está hospedado no Hotel Fazendo é cobrada uma taxa, no valor de R\$ 10,00, para visitar o Lajedo.

Decidi almoçar no restaurante do Hotel Fazenda Pai Mateus. No cardápio, muitos pratos utilizando a carne caprina. A comida de excelente qualidade, como também o atendimento. Retornei a Cabaceiras por volta das 15h. No município, observei que no Museu Histórico, localizado na região central, o acervo é composto também por painéis, que contam a história dos moradores e da cidade, peças artesanais (Arteza), além de utensílios utilizados pelos antigos índios cariris e alguns objetos doados pela população local.

No Ponto de Cultura, vizinho ao Museu, o visitante tem acesso a internet. Lá funcionam laboratórios de informática e de vídeo. O atendimento nesses dois lugares foi satisfatório. Visitei ainda o Museu Cinematográfico, onde estão fotografias e textos relacionados às produções de cinema rodadas na cidade. O acesso a esses lugares é gratuito.

Senti falta, em Cabaceiras, de um ponto de apoio para turistas, com banheiros e venda de alimentos e bebidas. Entretanto, a exceção da precariedade das estradas e falta de infraestrutura turística, minha primeira impressão de Cabaceiras (como pesquisadora) foi positiva. Um município muito limpo, organizado e moradores muito simpáticos e receptivos. Também se destaca a segurança com que as informações, sobre o município, são repassadas pelos condutores locais de turismo e por profissionais da Prefeitura de Cabaceiras.

Saí de Cabaceiras com a certeza de que não encontraria dificuldades no levantamento das informações. De volta a João Pessoa, as primeiras impressões desta viagem foram registradas.

Em outra das viagens feitas até Cabaceiras, esta realizada uma semana após o Carnaval, observei que não foram feitas melhorias na rodovia estadual PB-160. No percurso Campina Grande – Cabaceiras, encontrei as mesmas dificuldades, e percebi os cuidados necessários com o veículo, que na viagem realizada há cinco meses. Na viagem deste dia, além de coletar dados com a coordenadora de turismo de Cabaceiras, meu intuito foi observar a rotina da cidade e conhecer o trecho de Cabaceiras até o Distrito de Ribeira, onde fica a Arteza. Como nas vezes anteriores, as ruas e praças do município estavam limpas e preservadas. Também percebi, no local, a mesma calma verificada nas visitas anteriores. Encontrei, novamente, o representante da Prefeitura, que me acompanhou durante algumas visitas para fins de pesquisa. Conversamos e depois fomos visitar algumas ruas da cidade.

Depois, decidi conversar com alguns professores da rede pública, atuantes em escolas das redes estadual e municipal. O objetivo era manter um bate-papo descontraído com esses profissionais, que diariamente trabalham com crianças e jovens, buscando conhecer suas percepções acerca do turismo e os possíveis benefícios conquistados pelo município por conta dessa atividade, inserida no cotidiano dos cabaceirenses. Tive acesso a duas escolas. Fui apresentada pelo representante da Prefeitura a alguns professores, com os quais iniciei uma conversa interessante, que, em muito, me auxiliou no desenvolvimento desta pesquisa.

Ao conversar sobre turismo com estes professores, os mesmos reconheceram Cabaceiras como um município de potencial turístico. Entretanto, disseram que a temática do turismo era discutida muito pontualmente em sala de aula, mais precisamente em ocasiões festivas ou quando Cabaceiras era destaque na imprensa local ou nacional. De fato, esta minha visita a Cabaceiras aconteceu dois dias após o município ter sido destaque no site de notícias UOL, com matéria intitulada “Cabaceiras, no interior da Paraíba, é a Roliúde Brasileira”.

Para os educadores, com os quais conversei, por ser nacionalmente conhecida e divulgada como cidade turística de atrativos variados (Lajedo de Pai Mateus, Roliúde Nordestina e a Festa do Bode Rei), o ideal seria promover um trabalho contínuo com os alunos do município. Alguns sugeriram uma discussão feita de maneira interdisciplinar, por meio das disciplinas de Geografia, História e Ciências (em que poderia haver maior afinidade com o tema turismo), sendo que, em Ciências, os trabalhos seriam desenvolvidos por meio de discussões sobre a preservação do meio ambiente.

Fiquei muito satisfeita com a compreensão desses professores e a vontade dos mesmos em contribuir para que seus alunos tivessem uma percepção mais crítica sobre o turismo. Conversei com sete professores. Todos se mostraram interessados em contribuir com a minha pesquisa, e se disponibilizaram para oferecer novas contribuições, caso fosse necessário.

Já era quase meio-dia quando encerrei minha conversa com alguns professores. Como um dos destinos dessa viagem era o Distrito de Ribeira, então comentei que almoçaria por lá. Porém, fui aconselhada a mudar de ideia e a fazer a refeição por Cabaceiras mesmo. Procurei o Restaurante Berro do Bode (self-service), localizado no centro do município. Sabia que a comida e o atendimento eram de boa qualidade e, como esperado, havia bode no cardápio.

Após o almoço, por volta das 13h, segui em direção ao Distrito de Ribeira, onde fica a Arteza, distante uns 14 quilômetros de Cabaceiras. Semelhante ao trajeto para o Hotel Fazenda Pai Mateus, a estrada que leva ao Distrito de Ribeira é de barro e pouco sinalizada, ou melhor, quase não há sinalização. Entretanto, não me senti tão isolada no caminho (como aconteceu no primeiro trajeto realizado até o Hotel Fazenda Pai Mateus). É que, para o Distrito de Ribeira, o tráfego de veículos (carros e motocicletas) é maior, devido o fluxo de trabalhadores entre este distrito e Cabaceiras. Entre estes profissionais há professores, que se deslocam de Cabaceiras até o Distrito, ou o contrário, para ministrar suas aulas.

Cheguei ao Distrito por volta das 13h30 e o local estava, extremamente, calmo. Acredito que muitos moradores descansavam após o almoço. Também senti falta de um ponto de apoio para turistas (com banheiros). Vi uma placa indicativa “Banheiro Público”, mas o local parecia abandonado. Fui visitar o prédio da Arteza, mas estava fechado. Na visita ao distrito, observei algumas pequenas lojas de comércio (móveis e eletrodomésticos) e um posto de gasolina. Como a Arteza permanecia fechada, minha permanência no Distrito de Ribeira foi reduzida para uns 30 minutos. Decidi voltar a Cabaceiras. Nesse percurso de volta decidi parar, na área onde está localizado o lixão do município, e fazer algumas fotografias.

Percebi que o acesso ao local pode ser feito por qualquer pessoa. Diferente do que havia informado outro representante da Prefeitura, que disse existir sempre uma pessoa no local. Impressionou-me a facilidade com a qual consegui entrar no lixão e fazer as fotografias, sem que nenhuma pessoa, fosse moradora ou servidora da Prefeitura de Cabaceiras, interviesse em minhas atividades. Percebi que qualquer pessoa poderia entrar no local, que é cercado por troncos de madeira cobertos por arame farpado. A porteira não estava trancada, permitindo um acesso fácil, e rápido, por qualquer pessoa. Fiz uma série de fotografias e saí de lá por volta das 15h. Decidi não mais retornar a Cabaceiras, neste dia, e prossegui em viagem até João Pessoa.

Nota de campo nº 3 – Visita a Cabaceiras no período de inverno - 10/05/2011

Em maio de 2011, duas viagens a Cabaceiras foram canceladas em virtude das fortes chuvas, registradas em quase toda Paraíba. Na primeira (03/05), quem me aconselhou a desistir da viagem foi um funcionário da própria Prefeitura. Segundo ele, eu poderia até optar pela viagem, mas havia o risco de ficar isolada, sem condições de entrar ou (depois) sair do município, caso a ponte de acesso até Cabaceiras ficasse submersa em função das fortes chuvas. Já estava na estrada, mas, por precaução, decidi retornar para João Pessoa.

No dia seguinte, os noticiários da Paraíba comunicaram que Cabaceiras havia ficado “ilhada” em virtude das chuvas intensas, ocorridas na Paraíba, em especial na região do Cariri. O Rio Taperoá, que passa ao lado do município, transbordou, impedindo a passagem pela ponte. No dia 05 de maio, alguns moradores utilizaram barcos para passar sobre essa mesma ponte e chegar até a outra margem, que oferece acesso a Campina Grande.

Para a semana seguinte, havia agendado uma nova visita ao Hotel Fazenda Pai Mateus, onde, possivelmente, entrevistaria um guia de turismo. Novamente, foi necessário adiar esse encontro. É que, apesar das chuvas intensas, consegui chegar até Cabaceiras, porém o acesso ao Hotel Fazenda Pai Mateus era impraticável. Uma forte corrente de água, provocada por uma nova cheia do Rio Taperoá, passava em frente ao único acesso que eu conhecia para o local.

Um senhor, que estava no local, recomendou que não prosseguisse, sob o risco do meu veículo ficar atolado e, caso isso ocorresse, não haveria meios para retirá-lo porque a chuva parecia não querer cessar tão cedo. Confesso que tive medo de prosseguir, devido à chuva forte deste dia. Ao mesmo tempo, fiquei frustrada porque faltavam pouco mais de três quilômetros para chegar ao Hotel Fazenda Pai Mateus e, por causa das péssimas condições da estrada, não faria a entrevista planejada e marcada para esta data.

Saí desse local e ainda busquei outros trajetos para chegar ao Hotel Fazenda, mas, como não havia placas de sinalização na entrada e chovia muito forte, decidi sair de Cabaceiras e retornar a João Pessoa antes que as condições do tempo piorassem. A

experiência da viagem, neste dia, não foi nada agradável. Saí de Cabaceiras, no meio da tarde, com destino a João Pessoa. As condições da rodovia estadual PB 160 eram as mesmas, agravadas porque, em tempos de chuva, a visibilidade nas estradas é prejudicada. Em João Pessoa, ao iniciar o relato desta viagem, imaginei: “Seria difícil para um grupo de turistas passar por uma experiência daquele tipo. Caso não fossem turistas que gostam de aventuras, certamente teriam uma impressão terrível da cidade”.

ANEXOS

O PROJETO TURISMO HISTÓRICO CULTURAL



Rosa Maria Correia - SEBRAE/PB

[Início](#)
[Sua Conta](#)
[Planejamento](#)
[Painel de Controle](#)
[Relatórios](#)
[Documentação](#)
[FAQ](#)
[Sair](#)

Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano

Público Alvo

Empreendedores que atuam na cadeia produtiva do turismo e da cultura, com foco nas atividades: eventos, hospedagem, Alimentos & Bebidas, transportes, produção artística e gestão de processos culturais, dentro do Território do Cariri Paraibano

Padrão de Organização
Coletivo



Projeto
Finalístico

Objetivo Geral

Desenvolvimento da cadeia produtiva do turismo e cultura no Território do Cariri Paraibano.

Gestor

Rosa Maria Correia

Unidade

Unidade de Atendimento Coletivo - Indústria, Comércio e Serviços

Coordenador

Estadual:
Edilson Batista de Azevedo

Foco Estratégico

1	Melhorar a governança do território na condução do turismo
2	Minimizar a degradação do patrimônio histórico, cultural e ambiental
3	Ampliar a oferta turística
4	Promover a interface entre Cultura, Produção Artesanal e Turismo.
5	Melhorar a Infra-estrutura turística

Nº de Empresas Formais

0

Nº de Empresas Informais

150

Nº de Pessoas Físicas

0

Nº de Pessoas Atingidas

0

Resultados

1	Aumento dos eventos culturais territorial de 11 para 15 até dez/2006; 15 para 19 até dez/2007 e 19 para 22 até dez/2008.
1	Aumentar em 5% o número de pessoas ocupadas na hotelaria dentro do Território do Cariri até dezembro de 2006; 7% até dez/2007 e 9% até dez/2008.
2	Aumento do fluxo turístico em 10% no ano de 2006; 10% no ano de 2007 e em 10% no ano de 2008.
2	Implantar 03 novos produtos culturais no ano de 2006; 03 no ano de 2007 e 03 novos produtos culturais até dez/2008.

Ações

1	Capacitação	Treinamentos, cursos, palestras e seminários nas áreas de gestão do turismo e preservação do patrimônio histórico, cultural e ambiental.
2	Consultoria tecnológica	Consultoria técnicas para gestão de empreendimentos turísticos culturais e estruturação de roteiros temáticos.
3	Acesso a mercado	Participação em feiras; fóruns; workshops; circuitos culturais estaduais e regionais; eventos municipais, estaduais e nacionais; rodadas de negócios.
4	Gestão, monitoramento e avaliação do projeto	Mobilização do público-alvo e de parceiros visando o envolvimento e o comprometimento no projeto.
5	Mensuração de resultados	Realização de pesquisas para medir os resultados estabelecidos no projeto.

Setor Econômico

Turismo

Território

Cariri Paraibano

Grau Intensidade de Gestão

Moderada

Início

11/1/2006

Término

31/12/2008

Valor Proposto

2008

SIPLAN 2008 - Estrutura de projeto e/ou atividade

Página 2 de 3

Prioridades Estratégicas do Sistema SEBRAE

2	Articular políticas públicas voltadas para o desenvolvimento das MPE	Forte
5	Promover educação empreendedora e a cultura da cooperação	Forte
6	Promover o acesso à tecnologia e a ampliação da capacidade de inovação	Forte
8	Aprimorar e intensificar o atendimento coletivo	Forte
9	Promover o acesso a mercados interno e externo	Forte
12	Consolidar e aprimorar a gestão estratégica orientada para resultados	Forte
1	Empenhar-se pela aprovação, regulamentação e implementação de um marco legal para as MPE	Moderada
4	Estabelecer alianças estratégicas para mobilizar recursos, competências e conhecimentos	Moderada
7	Revolucionar o atendimento individual, ampliando a escala e melhorando a qualidade	Moderada
10	Buscar excelência nos padrões de desempenho do Sebrae	Moderada

Parceiro: 100.000
SEBRAE/PB: 120.000
Total: 220.000
2008 - 2010
Parceiro: 100.000
SEBRAE/PB: 120.000
Total: 220.000

Prioridades Estratégicas do SEBRAE/PB

3	Grupos de comerciantes varejistas nos territórios da Borborema, Serra do Teixeira, Vale do Piancó, Catolé do Rocha, Espinharas/Sabugí, Cajazeiras, Brejo Paraibano, Vale do Piranhas/Rio do Peixe e Mata Paraibana.
4	Grupos de empresas do setor coureiro-calçadista nos territórios da Borborema e Espinharas/Sabugí.
6	Grupo de artesãos nos territórios da Mata Paraibana, Borborema, Espinhara/Sabugí, Brejo Paraibano, Cariri Paraibano, Curimataú/Seridó e Vale do Piranhas/Rio do Peixe.
7	Grupos de empreendedores do Turismo nos territórios da Mata Paraibana, Curimataú/Seridó, Cariri Paraibano, Espinharas/Sabugí, Vale do Piranhas/Rio do Peixe, Borborema e Brejo Paraibano.
11	Atuar na intensificação da implantação da Lei Geral e da Gestão Estratégica Orientada para Resultados (GEOR).

Diretrizes Estratégicas do SEBRAE/PB

1	Atuar, de forma local e setorial, em arranjos e cadeias produtivas nos territórios com potencial de geração de emprego, renda e inclusão social.	Forte
2	Atuar visando promover o aumento da competitividade e os resultados das MPE, por meio do acesso à inovação, à tecnologia, a mercado, a serviços financeiros, à informação e à educação empreendedora, enfatizando a implementação da Lei Geral.	Forte
5	Atuar em sintonia com os PPAs dos Governos Federal e Estadual, e em articulação com os Governos Municipais.	Forte
7	Fortalecer parcerias com instituições públicas, privadas e do terceiro setor com vistas a alavancar competências, conhecimentos, mercados e recursos para a implementação de ações de apoio às MPE.	Forte
8	Melhorar continuamente o desempenho técnico-gerencial, com ênfase em gestão compartilhada do conhecimento e gestão orientada para resultados, agilizando os processos internos e mantendo ambiente saudável e cooperativo.	Forte
3	Atuar em atendimento individual – presencial e virtual – usando instrumentos que possibilitem multiplicar, sem perda de qualidade, a quantidade de empreendedores e MPE atendidos.	Moderada
4	Manter permanentemente atualizada a base interna de conhecimentos com informações que atendam as necessidades das MPE, para atendimento individual e	Moderada

SIPLAN 2008 - Estrutura de projeto e/ou atividade

Página 3 de 3

	coletivo.	
6	Atuar, em articulação com os Poderes Executivo e Legislativo do Estado e dos Municípios, visando à formulação de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento sustentável das MPE existentes, em conformidade com os dispositivos da Lei Geral. ✓	Moderada

Comentário Gestor (Principais motivos que justificam a permanência ou inclusão do projeto ao PPA)

As devidas articulações com os parceiros externos e internos foram efetuadas ?

Sim

Comentários Equipe de Planejamento

SIGIOR Sistema de Informação de Gestão Estratégica Orientado para Resultados

Projeto: Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano

Resultado Finalístico

1 - Aumento dos eventos culturais territorial de 11 para 15 até dez/2006; 15 para 19 até dez/2007 e 19 para 22 até dez/2008.

Indicador: Número de eventos

Método de Cálculo: Pesquisa junto ao público alvo.

Ações Relacionadas:

1 - Festival de Teatro do Cariri.
2 - Resgatar o Fórum de Secretários de Educação do Território do Cariri
4 - Conscientização da comunidade escolar para o Empreendedorismo no turismo
5 - Levantamento de atrativos no Ambiente Natural e Rural do Cariri
7 - Implantar Curso de Especialização em História do Cariri Paraibano
8 - Inventário e Registro Gastronômico do Cariri Paraibano
9 - Circuito Gastronômico do Cariri - Cariri Sabor
11 - Cadastro dos Bens Imateriais do Cariri Paraibano ✓
12 - Tombamento dos Bens Imateriais do Cariri Paraibano ✓
13 - Realizar oficinas de Artes dentro do Território do Cariri
14 - Realizar Feira de Artes Plásticas do Cariri Paraibano
15 - Participar do Movimento Brasil de Turismo e Cultura
16 - Resgatar o Circuito Carnavalesco do Cariri Paraibano
17 - Cadastrar os sanfoneiros do Cariri Paraibano
18 - Criar a Orquestra Sanfônica do Cariri Paraibano
19 - Realizar o Encontro Territorial de Corais
20 - Realizar o Encontro Nordestino de Corais Institucionais
21 - Criar o Circuito Cultural do Cariri - " Circuito Kiriry"
22 - Realizar o Festival de Cinema do Cariri Paraibano
23 - Realizar o Festival das Artes do Povo
24 - Realizar a I Prova de OFF- road do Cariri Paraibano
25 - Realizar o Cariri Aventura - Campeonato de Vôo Livre
26 - Participação em Feiras
27 - Construção dos Pórticos dos municípios da Estrada Parque BR-412
28 - Construção do Centro de Comercialização e de Cultura do Cariri
29 - Capacitação



Projeto: Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano

Resultado Finalístico

2 - Aumento do fluxo turístico em 10% no ano de 2006; 10% no ano de 2007 e em 10% no ano de 2008.

Indicador: número de leitos ocupados

Método de Cálculo: Pesquisa junto ao setor de hospedagem

Ações Relacionadas:

1 - Festival de Teatro do Cariri.
3 - Conscientização da comunidade escolar para o turismo
4 - Conscientização da comunidade escolar para o Empreendedorismo no turismo
5 - Levantamento de atrativos no Ambiente Natural e Rural do Cariri
6 - Seminário de fundação da Associação de Turismo Rural do Cariri - ATRACAR
7 - Implantar Curso de Especialização em História do Cariri Paraibano - IHC
8 - Inventário e Registro Gastronômico do Cariri Paraibano
9 - Circuito Gastronômico do Cariri - Cariri Sabor - ATKREAR
10 - Tombamento das Matrizes e Capelas do Cariri Histórico - IHC
11 - Cadastro dos Bens Imateriais do Cariri Paraibano - IHC
12 - Tombamento dos Bens Imateriais do Cariri Paraibano - IHC
13 - Realizar oficinas de Artes dentro do Território do Cariri
14 - Realizar Feira de Artes Plásticas do Cariri Paraibano
15 - Participar do Movimento Brasil de Turismo e Cultura
16 - Resgatar o Circuito Carnavalesco do Cariri Paraibano - D. Manoel
17 - Cadastrar os sanfoneiros do Cariri Paraibano
18 - Criar a Orquestra Sanfônica do Cariri Paraibano
19 - Realizar o Encontro Territorial de Corais
20 - Realizar o Encontro Nordestino de Corais Institucionais
21 - Criar o Circuito Cultural do Cariri - "Circuito Kiriry" - D. Manoel
22 - Realizar o Festival de Cinema do Cariri Paraibano
23 - Realizar o Festival das Artes do Povo - P. S. R.
24 - Realizar a I Prova de OFF- road do Cariri Paraibano - C. S. R.
25 - Realizar o Cariri Aventura - Campeonato de Vôo Livre - P. M. S.
26 - Participação em Feiras
27 - Construção dos Pórticos dos municípios da Estrada Parque BR-412 - C. S. R.
28 - Construção do Centro de Comercialização e de Cultura do Cariri - C. S. R.
29 - Capacitação

30 - Monitoramento e Avaliação - 7



Projeto: Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano

Resultado Intermediário

1 - Aumentar em 5% o número de pessoas ocupadas na hotelaria dentro do Território do Cariri até dezembro de 2006; 7% até dez/2007 e 9% até dez/2008.

Indicador: número de pessoas ocupadas

Método de Cálculo: pesquisa junto ao público alvo.

Ações Relacionadas:

1 - Festival de Teatro do Cariri.
4 - Conscientização da comunidade escolar para o Empreendedorismo no turismo
5 - Levantamento de atrativos no Ambiente Natural e Rural do Cariri
6 - Seminário de fundação da Associação de Turismo Rural do Cariri - ATRACAR
7 - Implantar Curso de Especialização em História do Cariri Paraibano
8 - Inventário e Registro Gastronômico do Cariri Paraibano
9 - Circuito Gastronômico do Cariri - Cariri Sabor
12 - Tombamento dos Bens Imateriais do Cariri Paraibano
14 - Realizar Feira de Artes Plásticas do Cariri Paraibano
15 - Participar do Movimento Brasil de Turismo e Cultura
16 - Resgatar o Circuito Carnavalesco do Cariri Paraibano
18 - Criar a Orquestra Sanfônica do Cariri Paraibano
19 - Realizar o Encontro Territorial de Corais
20 - Realizar o Encontro Nordestino de Corais Institucionais
21 - Criar o Circuito Cultural do Cariri - "Circuito Kiriry"
22 - Realizar o Festival de Cinema do Cariri Paraibano
23 - Realizar o Festival das Artes do Povo
24 - Realizar a I Prova de OFF- road do Cariri Paraibano
25 - Realizar o Cariri Aventura - Campeonato de Vôo Livre
26 - Participação em Feiras
27 - Construção dos Pórticos dos municípios da Estrada Parque BR-412
28 - Construção do Centro de Comercialização e de Cultura do Cariri
29 - Capacitação



Projeto: Turismo Histórico Cultural no Cariri Paraibano

Resultado Intermediário

2 - Implantar 03 novos produtos culturais no ano de 2006; 03 no ano de 2007 e 03 novos produtos culturais até dez/2008.

Indicador: Número de produtos culturais

Método de Cálculo: pesquisa junto as prefeituras dos municípios atendidos pelo projeto.

Ações Relacionadas:

1 - Festival de Teatro do Cariri.
3 - Conscientização da comunidade escolar para o turismo
4 - Conscientização da comunidade escolar para o Empreendedorismo no turismo
5 - Levantamento de atrativos no Ambiente Natural e Rural do Cariri
6 - Seminário de fundação da Associação de Turismo Rural do Cariri - ATRACAR
7 - Implantar Curso de Especialização em História do Cariri Paraibano
8 - Inventário e Registro Gastronômico do Cariri Paraibano
9 - Circuito Gastronômico do Cariri - Cariri Sabor
11 - Cadastro dos Bens Imateriais do Cariri Paraibano
12 - Tombamento dos Bens Imateriais do Cariri Paraibano
13 - Realizar oficinas de Artes dentro do Território do Cariri
14 - Realizar Feira de Artes Plásticas do Cariri Paraibano
15 - Participar do Movimento Brasil de Turismo e Cultura
16 - Resgatar o Circuito Carnavalesco do Cariri Paraibano
17 - Cadastrar os sanfoneiros do Cariri Paraibano
18 - Criar a Orquestra Sanfônica do Cariri Paraibano
19 - Realizar o Encontro Territorial de Corais
20 - Realizar o Encontro Nordeste de Corais Institucionais
21 - Criar o Circuito Cultural do Cariri - "Circuito Kiriry"
22 - Realizar o Festival de Cinema do Cariri Paraibano
23 - Realizar o Festival das Artes do Povo
24 - Realizar a I Prova de OFF- road do Cariri Paraibano
25 - Realizar o Cariri Aventura - Campeonato de Vôo Livre
26 - Participação em Feiras
27 - Construção dos Pórticos dos municípios da Estrada Parque BR-412
28 - Construção do Centro de Comercialização e de Cultura do Cariri
29 - Capacitação